

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**  
**CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES**  
**Mestrado em Saúde Pública**

Eduardo Augusto Duque Bezerra

**Violência Sexual Entre Namorados Adolescentes em Recife-PE: Prevalência,  
Padrão de Direcionalidade e Fatores Associados, 2008**

**RECIFE**  
**2010**

EDUARDO AUGUSTO DUQUE BEZERRA

**Violência Sexual Entre Namorados Adolescentes em Recife-PE: Prevalência,  
Padrão de Direcionalidade e Fatores Associados, 2008**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

**Orientadora:**

Profa. Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima

Recife

2010

**Catálogo na fonte: Biblioteca do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães**

---

- B574v Bezerra, Eduardo Augusto Duque.  
Violência sexual entre namorados adolescentes em Recife-PE: prevalência, padrão de direcionalidade e fatores associados, 2008 / Eduardo Augusto Duque Bezerra. - Recife: s.n, 2013.  
138 p. : ilus, tab, graf.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, 2013  
Orientadora: Maria Luiza Carvalho de Lima.
1. Violência sexual. 2. Violência sexual. epidemiol. 3. Adolescente. 4. Relações interpessoais. I. Lima, Maria Luiza Carvalho de. II. Título.

**Eduardo Augusto Duque Bezerra**

**Violência Sexual Entre Namorados Adolescentes em Recife-PE: Prevalência,  
Padrão de Direcionalidade e Fatores Associados, 2008**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima

Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães / Fiocruz

---

Dra. Thália Velho Barreto

Universidade Federal de Pernambuco / UFPE

---

Dr. Rafael da Silveira Moreira

Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães / Fiocruz

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a gestação e parto deste trabalho à pessoa que mais teve paciência e conferiu apoio durante este período: Simone Ferreira.

A meus pais, João e Sônia, meus irmãos Luciana e Alex, meu cunhado André. Lulinha Duque, meu avô. À Maria Luiza Carvalho de Lima, minha amiga e orientadora. Alexandre David, meu chefe e boy. Dona Fátima, Seu Gilvan, Gisele Ferreira, Alcione Ferreira, Gilvan Júnior e Mércio, a família que me adotou. Joana Santos, Taciana Gouveia, Benedito Medrado, Jorge Lyra, Júnior Pimenta, André Pimentel, Juliana Mariano, Sérgio Cruz, Jair Brandão, Domício Sá, Kátia Medeiros, Fernando Castim, Raquel Acioli, Miranete Arruda, Maristela Menezes, Rafael Moreira e Dani Van Lume. À inestimável ajuda e graça de Andréa Lages, Felipe Machado e Antônio Odael. Verônica Leal, Annaterra Salustiano, Maria Carmem Parente, Lena Veloso, Mário Costa e Rafael Neves, por fazerem brotar toda loucura boa na Marim dos Caetés. Tomaz Maciel, a quem sempre agradecerei por mim e os que vieram depois de mim. Aos amigos e amigas do Grupo de Estudos em Violência e Saúde, meus colegas de mestrado e do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Ao pessoal do Claves, por liberar o banco de dados que fez desta pesquisa e sonho uma realidade. Paulo Miranda, os amigos do Instituto Nacional de Biomedicina e todos os companheiros biomédicos. À luta sempre!!!

A todos os meus alunos de todas as turmas e locais onde leciono por me aturarem em seus finais de semana. Aos amigos que acompanham o Blog Sobre as Cidades e o Jornal da Besta Fubana (valeu, Papa Berto!). A todo mundo da Fundação Getúlio Vargas, os sobreviventes da Prefeitura do Recife, Secretaria de Saúde de Olinda. Ao Sport Club do Recife pelo time vitorioso que é. Ao Clube Náutico Capibaribe e o Santa Cruz Futebol Clube, pela freguesia. À Sidália e Dadá, por cuidarem de mim e não me deixarem comer porcaria. Nalvinha, Lino, Zé Ricardo, Rafaela, Carol e Bete, por iluminarem meu caminho todos os dias. Ao pessoal da Secretaria Acadêmica, sei que é difícil me achar.

A meus novos-velhos amigos da Secretaria de Saúde do Jaboatão dos Guararapes. Dani Uchoa, Gabi Murakami, Evânia Santos, Jaci Cândida, Maria José Bonfim, Fátima Lopes, Gessyanne Vale Paulino e a todos e todas que formam esta nova casa, por segurar a onda e dar um grande apoio neste período final e tão turbulento.

A todas as pessoas muito especiais que já se foram e estão guardando um terreno bem legal e com vista pro mar, para o dia de nosso reencontro.

E um agradecimento especial a São Jorge, meu Pai Ogum, meu Exu abençoado pela abertura de todos os caminhos (Lorayê!!!) e todos os amigos espirituais pela proteção e carinho.

Por motivos óbvios não há possibilidade de citar a todos nominalmente, mas agradeço do fundo de meu coração a possibilidade de tê-los em minha vida. Um grande abraço.

*Um agradecimento post-scriptum à pessoa que não vivenciou a escrita do material, nem a pesquisa, ou a apresentação, mas fez renascer a vontade para voltar a brigar por este projeto depois de tanto acidente e desestímulo: Paulyanne Barreto, muito obrigado! Amo muito você!*

“Quando você diz que é neutro em relação a  
uma injustiça ou opressão, você decidiu apoiar  
o *status quo* do injusto.”

*Bispo Desmond Tutu*

“I am he  
As you are he  
As you are me  
And we are all together

...

I am the walrus”

*Lennon & McCartney*

BEZERRA, Eduardo Augusto Duque. Violência sexual entre namorados adolescentes em Recife-PE: prevalência, padrão de direcionalidade e fatores associados, 2008. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2010.

## RESUMO

Com o objetivo de estimar a prevalência, os padrões de direcionalidade e os fatores associados para a perpetração da violência sexual percebidos entre os namorados adolescentes da cidade do Recife no ano de 2008, a presente pesquisa vem a oferecer subsídios para a ampliação no espectro da compreensão do fenômeno. Foram entrevistados 366 estudantes do 2º ano do ensino médio de ambos os sexos, compreendidos na faixa etária entre os 15 e 19 anos, advindos de instituições públicas e privadas, o estudo se dá em desenho descritivo de corte transversal. As 85 perguntas feitas são frutos da Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI). Para a perpetração da violência sexual, 290 adolescentes tiveram suas respostas válidas para análise desta modalidade violenta. A análise dos dados foi feita mediante a realização do teste de qui-quadrado, considerando probabilidade máxima de erro em 5%. Os rapazes foram responsáveis por 23,7% das respostas positivas para a perpetração da violência sexual contra suas namoradas. Em direção contrária, as mulheres perceberam 9% das respostas positivas. Entretanto, a maior participação se deu para bidirecionalidade da perpetração, isto é, quando os dois, no mesmo relacionamento, observaram 67,3% dos relatos. As variáveis pesquisadas que foram significantes estatisticamente demonstraram associação para esta bidirecionalidade da perpetração da violência sexual. Foram destaques neste quesito: a concordância com a normativa sexual masculina (OR=2,82), o respondente já ter vivenciado relação sexual (OR=2,76) e o não-relato de veiculação religiosa (OR=2,11). Foi possível perceber que a violência sexual em namorados adolescentes ainda é pouco explorada pela literatura científica nacional e internacional, sobretudo se visto pelo prisma da perpetração. O presente estudo intenciona oferecer subsídios para o enfrentamento do fenômeno no campo das políticas públicas.

Palavras-chave: violência sexual, adolescente, relações interpessoais

BEZERRA, Eduardo Augusto Duque. Sexual Violence between dating adolescents in Recife-PE: prevalence, directionality pattern and associated factors, 2008. Dissertação (Master's Degree in Public Health) – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2010.

### **ABSTRACT**

With the objective of estimate the prevalence, directionality patterns and risk factors to sexual violence perpetration perceived among teen dating at Recife in 2008, the present research offers subsidies to amplify the comprehension spectrum of the phenomenon. About 366 students were interviewee of both sexes, comprehended in the age group among 15 e 19 years old, came from public and private schools, the study happens with descriptive design and cross sectional. The 85 questions results from Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI). To sexual violence perpetration, 290 adolescents had your answers valids to analyze this violent modality. The date analysis was made by chi-square test, considering maximum error probability in 5%. The boys were responsible by 23,7% of positive answers to sexual violence perpetration against their girlfriends. In contrary direction, the girls perceived 9% of positive answers. Meantime, the major participation was given by bidirectionality of perpetration, this is, when boys and girls, at the same relationship, observed 67,3% of the reports. The variables searched that was statistically significant demonstrated risk factor to this bidirectionality of sexual violence perpetration. Had highlighted at this item: the concordance with male rules (OR=2,82), the adolescent had lived sexual experience (OR=2,76) and non-report religious linking (OR=2,11). It was possible perceive that sexual violence at teen dating is still few explored by national and international scientific literature, especially when viewed through perpetration prism. This study intend offer subsidy to face the phenomenon at public policy field.

Keywords: sexual violence, adolescent, interpersonal violence

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AAS – Amostra Aleatória Simples  
ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa  
CADRI - Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory  
CEBES – Centro Brasileiro de Estudos em Saúde  
CEP – Comitê de Ética na Pesquisa  
CID-10 – Classificação Internacional de Doenças – 10ª Revisão  
CLAVES – Centro Latinoamericano de Estudos em Violência e Saúde Jorge Careli  
CPqAM – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães  
CTS - Conflict Tactics Scale  
ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública  
EUA – Estados Unidos da América  
Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano  
MS – Ministério da Saúde  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
PMWI - Psychological Maltreatment of Women Inventory  
PNRMAV – Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência  
RMR – Região Metropolitana do Recife  
SES - Sexual Experiences Survey  
SIM – Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde do Brasil  
SPSS - Statistical Package for Social Science  
SVS – Secretaria de Vigilância em Saúde  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
UNICEF – Fundo das Nações Unidas Para a Infância  
WHO – World Health Organization

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	13
1.1 <i>Violência: uma realidade histórica e contemporânea</i> .....	14
1.2 <i>Magnitude da violência entre os adolescentes da cidade do Recife</i> .....	17
1.3 <i>Adolescência, Namoro e Violência Sexual: o que a literatura nos revela e quais os hiatos</i> .....	18
2 JUSTIFICATIVA .....	28
3 PERGUNTA CONDUTORA .....	30
4 OBJETIVOS .....	32
4.1 <i>Geral</i> .....	33
4.2 <i>Específicos</i> .....	33
5. REFERENCIAIS TEÓRICOS .....	34
5.1 <i>Violência</i> .....	35
5.2 <i>Adolescência: uma fase ou uma transição</i> .....	38
5.3 <i>Namorar e ficar: afetividade e sexualidade na adolescência</i> .....	40
5.4 <i>Violência sexual no namoro</i> .....	42
5.5 <i>Modelo explicativo para a violência sexual entre namorados adolescentes</i> .....	45
5.5.1 <i>O Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner</i> .....	46
5.5.2 <i>Teorias de gênero (ou, a teoria feminista)</i> .....	51
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	56
6.1 <i>Desenho da pesquisa</i> .....	57
6.2 <i>Área do estudo</i> .....	57
6.3 <i>População de Estudo</i> .....	64
6.4 <i>Abordagem quantitativa</i> .....	65
6.4.1 <i>Definição e tamanho da amostra</i> .....	65
6.5 <i>Variáveis do estudo</i> .....	68
6.5.1 <i>Variáveis independentes</i> .....	68
6.5.2 <i>Variável dependente</i> .....	69
7 INSTRUMENTO DE DADOS .....	70
8 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS .....	72

9 PLANO DE ANÁLISE .....	74
10 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....	78
11 RESULTADOS .....	80
11.1 Violência sexual em casais de adolescentes do Recife: perfil do universo pesquisado .....	80
11.2 Análise univariada para ocorrência de violência sexual por tipo de direcionalidade em casais de namorados adolescentes .....	82
11.3 Análise multivariada para ocorrência de violência sexual por tipo de direcionalidade em casais de namorados adolescentes.....	87
12 DISCUSSÃO .....	88
13 CONCLUSÕES .....	97
14RECOMENDAÇÕES .....	101
REFERÊNCIAS .....	103
ANEXO A – Parecer do CEP .....	115
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	117
ANEXO C – Escala CADRI .....	120

## **1 INTRODUÇÃO**

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Violência: uma realidade histórica e contemporânea

A filósofa Hannah Arendt (2009, p. 29) descreve a dificuldade de se perceber as violências enquanto entidades passíveis de reconhecimento no mundo científico, como nesta passagem específica:

Ninguém que tenha se dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. (Na última edição da Enciclopédia de Ciências Sociais, a 'violência' nem sequer merece menção.) Isso modifica quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, negligenciadas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos. [...] Quem quer que tenha procurado alguma forma de sentido nos registros do passado viu-se quase obrigado a enxergar a violência como um fenômeno marginal. Seja Clausewitz denominando a guerra como a 'continuação da política por outros meios', seja Engels definindo a violência como o acelerador do desenvolvimento econômico, a ênfase recai sobre a continuidade política ou econômica, sobre a continuidade de um processo que permanece determinado por aquilo que precedeu a ação violenta.

Mesmo as manifestações mais extremas de violências coletivas, como ocorrem nas guerras, eram reduzidas a outras figuras não calcadas numa construção advinda da hostilidade e da agressividade. A mesma Arendt (2009) em sua seminal obra *Sobre a Violência*, identificou, sobretudo em Marx, o ideário bélico associado a uma forma mais impositiva, aguda, de fazer política.

Entretanto, a violência sexual, apesar de historicamente não ser referenciada como deveria, sempre foi mais compreendida como um estranhamento do que enquanto agressão, tortura, negligência e assédios de diversas modalidades. Naturalmente, o estupro se destaca enquanto forma mais popularizada desta tipologia. Tomando como base a Bíblia, um livro referencial da cultura ocidental, curiosamente, uma das primeiras menções mais claras relativas a esta forma da violência não se manifesta na dominação da mulher pelo homem.

E subiu Ló de Zoar, e habitou no monte, e as suas duas filhas com ele; porque temia habitar em Zoar; e habitou numa caverna, ele e as

suas duas filhas. Então a primogênita disse à menor: Nosso pai já é velho, e não há homem na terra que entre a nós, segundo o costume de toda a terra; Vem, demos de beber vinho a nosso pai, e deitamo-nos com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai naquela noite; e veio a primogênita e deitou-se com seu pai, e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E sucedeu, no outro dia, que a primogênita disse à menor: Vês aqui, eu já ontem à noite me deitei com meu pai; demos-lhe de beber vinho também esta noite, e então entra tu, deita-te com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai também naquela noite; e levantou-se a menor, e deitou-se com ele; e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E conceberam as duas filhas de Ló de seu pai. E a primogênita deu à luz um filho, e chamou-lhe Moabe; este é o pai dos moabitas até ao dia de hoje. E a menor também deu à luz um filho, e chamou-lhe Ben-Ami; este é o pai dos filhos de Amom até o dia de hoje. (Gn, 19:31-38)

O caso de Ló e de suas filhas é claro na caracterização uma relação sexual não consentida. Esta situação, especificamente, é incomum na literatura e estão em proporção inversa aos relatos de violências sexuais contra as mulheres. E é sobre elas que recaem as injustiças quando abordamos a temática. Segundo Vito, Gill e Short (2009), “quando é mencionado explicitamente no contexto do direito humanitário internacional, o estupro tende a ser associado à “honra” de uma mulher e não concebido como um crime de violência.” Rhonda Copelon (apud VITO; GIL; SHORT, 2009) em um comentário acerca da Convenção de Genebra, a qual corrobora esta versão de “ataque contra a honra”. De acordo com a autora, esta é uma interpretação problemática, que marginaliza a gravidade e a natureza violenta do estupro. Por ocasião desta Convenção, no direito internacional, a questão do estupro ainda se mostra superficial e fragilizada.

Atualmente é possível incorporar outras formas de violência sexual, com destaque para aquelas de menor potencial físico de lesões. E isso representa uma grande conquista em termos de direitos e políticas públicas. Conseqüências de ordem psicológica, por mais graves que sejam, geralmente são negligenciadas em função da suposta dificuldade em enumerar com exatidão sua manifestação. A incorporação de práticas como o assédio, a produção de gestos e atitudes obscenas, além da discriminação pela orientação sexual (MINAYO, 2006), frutificaram apenas recentemente.

Apesar de configurar como uma violência de gênero, a violência sexual está direcionada nos estudos quase que exclusivamente às mulheres. É amplamente conhecida a altíssima prevalência entre elas, sobretudo quando o fenômeno é observado em suas conseqüências finais de lesão, morte e denúncia. Gradativamente os relatos acerca de homens vítimas destas ocorrências surgem a partir da década de 80 do século passado.

Em reportagem veiculada no americano *The New York Times* (GENTTLEMAN, 2009), relatos da Oxfam e Human Rights Watch, apontaram para o crescimento bastante significativo no número de homens estuprados na África. Isso, no entanto, não reduz o impacto de 23% das mulheres de North London, Inglaterra, ou 25% no distrito de Midlands no Zimbábue, reportaram ter sido vítimas de tentativa ou de consumação do estupro por um parceiro em algum momento de sua vida (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002).

Dados brasileiros demonstram, por exemplo, em pesquisa de Campos e Schor (2008) realizada em um Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual na cidade de Sorocada (SP), que 86,5% das vítimas deste tipo de violência são mulheres, quando observadas todas as faixas etárias. Por sua vez, esta diferença proporcional entre os sexos varia no ciclo da vida com os homens chegando a ocupar 25% dos casos na faixa entre 0 e 11 anos de idade.

As novas informações disponíveis, também enunciando a situação do homem enquanto vítima já se reflete juridicamente. O Código Penal Brasileiro, por ocasião de seu Decreto-Lei de número 12.015 de 07 de agosto de 2009, alterou a redação do artigo 213, editada em 1940, na Lei 2.848, *in verbis*, ao considerar como estupro o ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.” Pela antiga lei, só era passível de condenação quem submetesse uma mulher à conjunção carnal (BRASIL, 1940).

Apesar dos avanços contemporâneos, tanto no campo acadêmico como no legislativo e das políticas públicas, muitos hiatos ainda são observados. Uma delas diz respeito ao comportamento de adolescentes entre 15 e 19 anos. Em virtude disso, propõe-se um estudo de ordem socioepidemiológica, no intuito de explorar como este público vivencia a violência sexual em situações de namoro na

atualidade, perpassando por isso os novos códigos de relacionamento afetivo-sexual, manifestado no “ficar” ou no “rolo”, como muitos deles e delas definem.

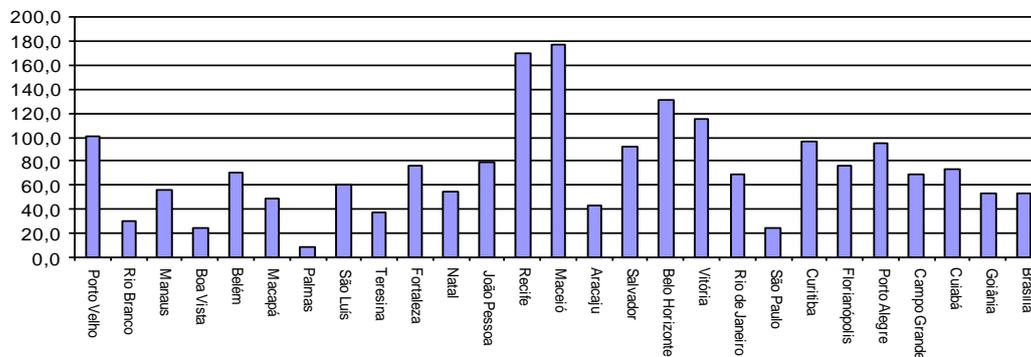
A perspectiva de realizar uma pesquisa que considere esta dimensão da violência pela sua perspectiva de gênero, leva em consideração a necessidade de compreender os papéis sociais masculinos e femininos, tanto na posição de vítimas como de perpetradores, apesar deste estudo se concentrar no segundo grupo. Pelo fato de sua execução se dar no campo da saúde pública, a proposição de alternativas e subsídios para a execução de políticas públicas se torna indispensável ao fim do processo exploratório.

## 1.2 Magnitude da violência entre os adolescentes da cidade do Recife

A capital pernambucana se tornou *habitué* entre as primeiras colocadas no ranking das cidades mais violentas do Brasil. Um dos públicos mais vulneráveis a este tipo de ocorrência são os adolescentes. Tomando como base a faixa etária do público da pesquisa (15 a 19 anos), é possível perceber, de acordo com estatísticas do DATASUS (BRASIL, 2008), o impacto da violência para os adolescentes.

Para o ano de 2007, 86,8% das mortes no Recife se concentraram nas causas externas, onde a violência se inclui. Ao mesmo tempo, 91,7% das vítimas desta categoria foram homens. As violências ocuparam 84,1% das causas externas, com 94,8% das mortes sendo direcionadas ao sexo masculino. As armas de fogo são responsáveis por 76,1% dos óbitos sendo que, deste total, 95,2% das vítimas de 15 a 19 anos são rapazes. Entre as capitais, a pernambucana ocupava, no ano de 2007, a segunda colocação entre os adolescentes, com um coeficiente de mortalidade por agressão de 170,2 mortes por 100.000 pessoas nesta faixa etária. Neste ranking, apenas Maceió ocupa posição superior com 177,2 mortes/ 100.000 habitantes (Gráfico 1).

**Gráfico 1.** Coeficiente de mortalidade por agressões nas capitais brasileiras, 2007.



Fonte: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM (BRASIL, 2008)

Outro indicador utilizado para analisar a magnitude da violência é o índice de vitimização. Este, por sua vez, é o quociente entre a taxa de homicídio juvenil e não-juvenil. Enquanto parâmetro comparativo, à medida que o índice é maior aumenta a vulnerabilidade juvenil. No caso do Recife, para o ano de 2004, apesar de ocupar a primeira colocação entre as capitais com maior taxa de óbito jovem (223,6 óbitos / 100.000 jovens), o índice de vitimização é o 4º maior (280,7). Já entre as Regiões Metropolitanas, com índice em 254,7, a do Recife obtém o maior indicador nacional (WAISELFISZ, 2006).

### 1.3 Adolescência, Namoro e Violência Sexual: o que a literatura nos revela e quais os hiatos

O deslocamento da observação dos fenômenos violentos das tradicionais fontes de dados em mortalidade e morbidade para o campo das concepções, percepções e subjetividades, oferece uma nova perspectiva de interpretação da realidade. O aprofundamento destas análises e interpretações da realidade não seguem necessariamente a lógica matemática, expressa na certeza de eventos ocorridos. Seu princípio passa pelo questionamento da motivação, da tentativa de compreensão epistemológica, do campo da compreensão fenomenológica. A adoção desta linha de estudo certamente leva a uma modificação no modelo de operacionalização científica para se ajustar às transições observadas

no desenvolvimento humano, sobretudo em relação à sua interpretação pelo espectro do ciclo da vida.

A primeira mudança percebida é a do adolescer. Tradicional e popularmente exposta como a fase do desenvolvimento entre a infância e a vida adulta, mostra-se imprecisa, mixa responsabilidades e atitudes de uma infância terminal com a consolidação da autonomia e independência. A adolescência é um período de adaptação com um novo corpo, uma nova sociabilidade, uma nova concepção acerca de si e do outro. A novidade, ao mesmo tempo em que fascina e atrai, assusta e provoca dúvidas (LEVANDOWSKI, 2005). Estas dúvidas, como será possível de observar, reflete-se na forma como o adolescente lida com a sua sexualidade e a do outro no momento o qual inicia a construção de relações afetivo-sexuais. Edgar Morin (1997) atesta a não cristalização da “personalidade” social na adolescência. O mesmo ainda descreve os adolescentes como um conjunto em busca de si e da condição adulta, sendo confrontado a optar pela autenticidade e a integração social.

A segunda transição é a do namoro. Este tipo de relacionamento representa um bom indicador do comportamento em sociedade. Provavelmente poucas situações sociais sejam portadoras tão didáticas do processo de transformação da sociedade. Ainda que numa linguagem repleta de termos e citações jurídicas, Levy (2009), oferece um bom retrato desta passagem.

Pode-se dizer que, atualmente, certo tipo de namoro não difere muito das uniões conjugais que eram chamadas de mancebia, amasia, concubinato, etc. nos séculos anteriores; e nem se pode dizer que são relações eventuais, sem compromisso, do tipo "amizade-colorida" de algumas décadas atrás, ou as de que hoje se diz "ficar". Contudo, do "ficar", muitas vezes, evolui-se para a denominada "escalada do afeto" (apud OLIVEIRA, 2006), podendo transformar-se no "rolo", passando ao final à união estável ou ao casamento, ampliando a responsabilidade jurídica, que nesses casos não se restringe apenas à hipótese de gravidez. Da presença de filho decorrem responsabilidades maternas e paternas, que se encontram previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, arts. 19 a 24 (LEVY, 2009).

E ainda prossegue com as imagens atuais.

O namoro de hoje, em geral, tem seu fundamento em uma relação afetiva, amorosa, no companheirismo e implica compromisso entre os partícipes, podendo mesmo existir coabitação entre eles, mas não obrigatoriamente existe a intenção de constituir família. Isso poderá ou não acontecer, com esse ou outro parceiro, mais para a frente. (LEVY, 2009)

A terceira dimensão diz respeito à consideração da violência como um tema passível de observação, interpretação e caracterização. Esta tríade, por sua vez, tende a interferir tanto na academia quanto no nicho das políticas públicas e da regulação jurídica. O início do processo de combinação destes fatores ocorreu mais recentemente.

A adolescência também representa um período de afirmação. Assim, qualquer possibilidade de parecer diferente do círculo social pode emanar o fantasma da exclusão pelo grupo. Isto se reflete de maneiras diversas, sobretudo na forma de lidar com a violência. Jackson et al. (apud BLACK et al., 2008) obtiveram dados nos quais os garotos (29%), significativamente, apresentam mais dificuldades em falar sobre alguma agressão emocional sofrida que as garotas (10%). A violência sexual promove indicadores iguais entre os sexos (46%) de recusa no pedido de ajuda. O pedido de ajuda pode significar vulnerabilidade, uma situação onde o adolescente se sente mais frágil perante seu círculo social.

A temática da violência em casais de adolescentes ainda é pouco explorada no campo da saúde pública. Consequentemente, a dimensão sexual deste evento acaba por se tornar menos explorada ainda, uma vez que a preferência dos estudos se direciona para parceiros íntimos na fase adulta (ASSIS et al., 2009). Apesar disso, ser vítima de uma agressão sexual por parceiros é uma experiência comum na adolescência e representa uma causa considerável de adoecimento neste público (YOUNG, FURMAN, 2008), sobretudo por doenças de transmissão sexual ou no campo psíquico. Em função disso, é considerado um problema de saúde pública (FOSHEE et al., 2001) e passível de intervenções em nível governamental e não-governamental.

O próprio método científico pode ser limitante para o aprofundamento na questão. Tanto a adolescência quanto as relações de intimidade neste período da vida são repletos de significados transitórios e flutuantes (LEVY, 2009; MORIN,

2007). A facilidade em qualificar nos adultos as relações enquanto vivências estáveis ou não, favorece sua categorização deste público. Ao mesmo tempo, a subjetividade na classificação de uma relação de namoro, além do fugaz “ficar”, faz dos indicadores ligados a esta seleção um território movediço.

A violência sexual, tanto no campo teórico quanto no prático, é um assunto relegado, quase que na exclusividade, à vitimização feminina. Tanto a literatura conceitual quanto os dados empíricos são bastante vagos em relação a uma visualização aprofundada pela perspectiva de gênero, uma vez que as informações sobre o fenômeno em homens é quase inexistente. Ao mesmo tempo, o processo de perpetração sofre da mesma limitação. A produção da violência sexual é vista naturalmente como uma entidade masculina, invisibilizando as mulheres neste contexto (DUTTON et al., 2006; STRAUS, 2006).

No levantamento bibliográfico realizado para este estudo, foi interessante perceber a diferença existente entre as produções internacionais e nacionais acerca do tema. A produção nacional sobre a violência sexual entre adolescentes em situação de namoro preza, em grande parte, por uma veiculação do fenômeno por uma ótica feminista, onde o homem se constitui pelo prisma do machismo e do patriarcado, estigmatizando este grupo pela produção de uma “objetificação sexual” e o “controle da sexualidade” feminina (DANTAS-BERGUER, GIFFIN, 2005). E é possível perceber autorias estrangeiras perfazendo o mesmo percurso metodológico (DOBASH ; DOBASH, 1992; SHOREY et al., 2008). Ainda assim, em nível internacional, ainda que haja a caracterização da direcionalidade da perpetração para o sexo masculino, na maioria dos artigos consultados a semântica científica se sobrepõe ao componente político-ideológico (STRAUS, 2008).

Gradativamente, a incorporação de novas formas de observar a violência sexual entre adolescentes produz alternativas na maneira de investigar a questão. Uma primeira proposta vem do campo cultural. Apesar de se mostrar como um território com referências escassas, é possível encontrar linhas de pesquisa capazes de refletir acerca de elementos os quais podem se encontrar na base da produção desta violência. Um conjunto de pesquisas coordenado por Peter Glick se dedica a explorar a influência do sexismo através das culturas. Em um estudo realizado com 15.000 homens e mulheres de 19 países, Glick et al. (2000) partem

do princípio que as expressões sexistas hostis e benevolentes advém de uma mesma raiz. Ambos os tipos manifestos produzem consequências evidentes nas mulheres, sobretudo na realimentação do ciclo de invisibilidades, nos aspectos psicológicos, lesões e traumas diversos e aceitação e ou mesmo transmissão para gerações futuras incluindo os filhos (OLIVEIRA , SANI, 2009). Além disso, os homens também estão sujeitos às consequências desta tipologia sexista.

Dutton et al. (2006) se utilizam das pesquisas de Glick e outros pesquisadores para dar suporte ao estudo acerca da hostilidade de gênero direcionada para mulheres e homens em estudantes de 27 nações. Por afirmação dos autores, a maioria das pesquisas se direciona para o público masculino enquanto produtor de hostilidade contra a mulher enquanto o direcionamento contrário é sensivelmente menos explorado. Em números, a pesquisa obteve que mais mulheres (23,9%) que homens (14,4%), achavam o outro sexo rude. Ao mesmo tempo, a proporção de homens e mulheres que se sentiam mal tratados pelo outro sexo invertia (25,2% dos homens e 21% das mulheres). Esta hostilidade de gênero pode representar risco associado para a violência entre parceiros, além de investidas e assédio sexuais.

Partindo de um aprofundamento comportamental, as informações acerca da violência sexual em adolescentes saem do campo da simples contagem e cálculo dos fenômenos para a exploração de sua simbologia. Chiodo et al. (2009) observaram que a vitimização por assédio sexual entre jovens colegiais canadenses ocorrem com resultados equivalentes para meninas (44%) e meninos (43%). Os autores ainda afirmam que a natureza desta ocorrência difere para ambos os sexos. As meninas experimentam mais comentários indesejados, gestos e toques; os meninos vivenciam mais insultos de cunho homossexual e são expostos em desenhos, fotografias, mensagens ou anotações. Uma significativa contribuição do trabalho está na confirmação que a vitimização das mulheres oferece consequências mais graves para elas. No entanto, a manifestação do fenômeno nos garotos não pode ser desvalorizado. Harned et al. (2002) observou, em levantamento por meio eletrônico nos Estados Unidos, que 39% das garotas e 30% dos garotos ao afirmaram terem sido vítima de alguma violência sexual por seus parceiros de namoro. Jezl et al. (apud MANGANELO, 2008) percebeu uma certa equivalência na perpetração deste tipo violento por mulheres e homens (11% e 18%). Smith et al.

(2003), obteve dados de vitimização sexual entre namorados, em estudantes universitárias da Carolina do Norte (EUA), da ordem de 49,5% para qualquer situação que envolva violência sexual, 23,8% comprometidos apenas com a expressão sexual e 26,1% em covitimização (física e sexual). Esta última característica também é presente nos casais adolescentes sul-africanos pesquisados por Swart et al. (2002).

O resultado de alguns estudos ainda demonstra as particularidades na operacionalização da violência sexual pelo sexo envolvido. Wolfe et al. (2001) salientou um relato maior desta tipologia da vitimização pelas garotas enquanto os garotos são mais prevalentes na perpetração. Esta afirmação é compartilhada em dados obtidos por Archer (2000), Wolfe et al. (2001) e Shorey et al., (2008). Entretanto, as meninas aparecem mais propensas a iniciar formas mais leves de coerção sexual, como toques e beijos forçados, enquanto os meninos se caracterizam pela severidade de seus atos, como o intercurso forçado (POITRAS, LAVOIE apud WEKERLE, WOLFE, 1999). A agressão relacional foi mais comum entre os mais jovens, de forma a refletir uma imaturidade latente na negociação da intimidade e na resolução de conflitos. Percebe-se, inclusive, a utilização do círculo de socialização por intermédio do estímulo às amizades em isolar elementos distoantes, além do espalhamento de boatos.

Outro fator a ser considerado é a transculturalização da violência sexual em relações de namoro. Povos cujos preceitos religiosos são conhecidos pela rigidez e o acompanhamento das ações coletivas por lideranças, ainda assim apresentam consideráveis indicadores desta tipologia violenta. Inquérito realizado entre árabes e judeus apontou uma prevalência da perpetração do abuso sexual pelos parceiros destes jovens na ordem de 46,4% dos homens e 21,7% das mulheres (SHERER, SHERER, 2008).

Não surpreendentemente, após as pesquisas apresentarem historicamente uma tendência ao estudo da vitimização sem explorar a direção dos atos violentos que ocorrem no casal, ou seja, sem expor a direcionalidade da perpetração em direção aos homens, o aparecimento conseqüente de relatos da vitimização pelo sexo masculino leva a questionamentos acerca desta caracterização por ocasião das mulheres. Em função disso, pesquisas com base na

mutualidade da produção da violência sexual numa perspectiva de simetria de gênero, começam a surgir em publicações nacionais apesar da literatura internacional ter iniciado estudos desde a década de 80 (AFONSO, 2010; CASIMIRO, 2008; JACKSON, 1999; MACHADO, MATOS, 2012). Um dos autores mais ferrenhos na literatura internacional quanto a esses aspectos tem sido Straus. Este autor defende que a violência principalmente a violência física ocorre em ambas direções, o que ele chama de mutualidade ou direcionalidade (STRAUS, 2006)

Neste estudo tomaremos o conceito de Strauss de direcionalidade fazendo a ressalva quanto aos termos “reciprocidade” e “simetria de gênero”, como vários autores têm chamado atenção. De acordo com Straus (2009), a simetria de gênero, pela ótica dos estudos da violência, é um termo usado para “se referir a taxas aproximadamente iguais de perpetração e investidas violentas por mulheres e homens, além de padrões similares de motivação e fatores de risco”. Já, de acordo com Whitaker et al. (2007), a reciprocidade tem haver com o sentido da violência, isto é, perpetrada por ambos os elementos da relação. No caso de ser dada apenas por um parceiro ou parceira, é considerada não-recíproca.

A consideração da mutualidade, quando a pessoa desempenha o papel de vítima e perpetrador (GRAY, FOSHEE, 1997) nas relações violentas, contribui para oferecer alternativas às análises e teorias explicativas polarizadas. Ainda que nem sempre esses estudos se materializem textualmente em termos consagrados pela literatura feminista, seu produto não pode servir como artifício para o esgotamento das ideias do machismo e do patriarcado. Estas características são recorrentes em uma sociedade onde a concentração do poder sempre se deu desproporcionalmente na mão dos homens.

As pesquisas de Foshee (1996), Foshee et al. (1999, 2004) e Gray e Foshee (1997) reafirmam a constatação dos homens enquanto perpetradores preferenciais de violência sexual contra as mulheres. Estas ainda aparecem como maiores vítimas desta tipologia. No entanto, suas pesquisas demonstram o sexo feminino é perpetradora preferencial de violência física contra parceiros íntimos e nem sempre esta manifestação se dá por autodefesa. Ao mesmo tempo, as publicações também dizem respeito a uma vitimização do homem bem distante do

residual. Os relatos não são poucos ou isolados de um contexto e ainda visibilizam uma situação onde as mulheres aparecem com uma representação estatisticamente significativa em relação à perpetração da violência sexual contra parceiros íntimos. Esta linha de estudos é corroborada pelo pioneirismo neste tipo de execução metodológica por Straus (2004, 2006, 2008) e Straus e Scott (2007).

Em meio a esta produção científica, uma coisa parece consensual: a disponibilização dos fatores associados. A larga maioria das pesquisas concorda que o uso de álcool, violência doméstica, maus tratos na infância, baixa auto-estima, sofrimentos psíquicos, estereótipo de gênero, histórias anteriores de vivências agressivas, aceitação da violência no namoro (FOSHEE et al., 2004; FURMAN, 2008; WOLFE, FEIRING, 2000; YOUNG, LEWIS, FREMOUW, 2001). Por outro lado, a violência sexual nesta fase da vida pode levar a alto risco de desenvolver inclinações suicidas, transtorno de ansiedade, hostilidade, somatização, doenças sexualmente transmissíveis, além da vulnerabilidade a novos eventos violentos (GLASS et al., 2003; MAGDOL et al., 1997; PRÓSPERO, KIM, 2009; YOUNG, FURMAN, 2008).

Metodologicamente, as pesquisas acerca da violência em adolescentes namorados tem se utilizado de escalas para detectar prevalências, associações de fatores associados, implicações do fenômeno e efetividade de estratégias de intervenção. A Psychological Maltreatment of Women Inventory (PMWI) foi publicada por Tolman no ano de 1989 no intuito de medir a frequência do abuso psicológico em mulheres casadas. Representando um estudo de perspectiva feminista, trabalha com mulheres na situação de agredidas e homens na situação de perpetradores (SRICAMSUK, 2006; UNIVERSITY OF MICHIGAN, 2010).

O Sexual Experiences Survey (SES) foi apresentado por Koss e Oros no ano de 1982 com a perspectiva de superar o problema na subestimação da extensão do estupro e de outras formas de violência sexual. Sua operacionalização se deu a partir do uso de conceitos legais para estratificar suas medidas acerca do estupro e da inclusão de questões comportamentais em formato de gráficos os quais facilitavam a rememoração de experiências de vitimização sexual. Além disso, foi pioneiro em considerar um aspecto mais amplo de modalidades vitimizadoras ao

processar variáveis como a coerção sexual, o contato não consentido, atentado e estupro completo (FISHER, 2004).

Já a Conflict Tactics Scale (CTS), já em sua segunda versão (CTS2) padronizada e apresentada por Straus em 1979, é considerada para percepções da violência enquanto fenômeno mais complexo, sem focar exclusivamente em nenhuma modalidade específica. Considera três subescalas: raciocínio, agressão verbal e violência. Sua função é avaliar a capacidade de resolução de conflitos no âmbito das relações afetivas de namoro ou casamento. Tem sido bastante usada para obter dados acerca de atos físicos contra parceiros. Seus fundamentos se utilizam da teoria do conflito, onde o mesmo é uma parte indissociável do ser humano e a violência uma prática bastante usada para sua resolução. Uma revisão foi apresentada no ano de 1996, em virtude das críticas apresentadas ao CTS 1, sobretudo quanto à questão da pouca usabilidade para casais adolescentes (FERNÁNDEZ-FUERTEZ et al., 2006; STRAUS et al., 1996).

A Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory (CADRI) foi elaborada por Wolfe et al. (2001) no intuito de tentar aferir a violência em namorados adolescentes. O referido instrumento tomou como base para construção a CTS e a PMWI, fazendo a ressalva de que os mesmos se mostravam insuficientes para abordar a violência em relações afetivo-sexuais entre adolescentes. O questionário é composto de itens que observam o fenômeno da violência pelo espectro da vitimização e da perpetração, e itens de distração, no intuito de amenizar a abordagem do tema. A CADRI percebe diversas dimensões da violência, como a física, verbal, psicológica e sexual. No Brasil, foi adaptada por Avanci et al. (2007), assim como aconteceu com a versão espanhola (FERNÁNDEZ-FUERTEZ et al., 2006) e hebraica (SCHIFF, ZEIRA, 2005).

Estes instrumentos, como já afirmado, são importantes para se estabelecer uma metodologia passível de comparação em estudos quantitativos. Sobretudo em um fenômeno social, é uma forma de objetivar uma discussão dada em sentido estritamente subjetivo. Straus (2008) afirma, por exemplo, sobre a temática da dominância da violência pelos homens que um artigo escrito em 2002 por Hamberger e Guse, o qual afirma que homens em contraste com mulheres aparentam usar a violência para dominação e controle, foi referenciado por outras 80

publicações, entretanto nenhum havia oferecido nenhuma evidência empírica. A operacionalização destas escalas vem a fornecer subsídios para discussões mais aprofundadas acerca da temática da violência.



## 2 JUSTIFICATIVA

Apesar da violência no namoro ser objeto de estudos mais frequentes desde o início da década de 80 do século passado, sua expressão sexual ainda é muito pouco explorada. Ao mesmo tempo, a pouca literatura nacional disponível se concentra na vitimização com aprofundamento flagrante naquela direcionada à mulher. Quando a perpetração é abordada, ainda é feita com base na polarização entre os sexos.

Além da diversificação dos estudos acerca da temática, o conhecimento de sua dinâmica por ocasião das particularidades culturais, sociais, econômicas, entre outras de cada local, é necessidade premente no processo de reflexão acerca da sociedade e sua transição. Na perspectiva de fornecer mais subsídios para a constituição deste escopo científico é que se fundamenta a justificativa deste estudo baseado na perpetração da violência sexual por namorados adolescentes no aspecto de sua magnitude e fator associado.

**3 PERGUNTA CONDUTORA**

### 3 PERGUNTA CONDUTORA

Qual a prevalência, padrão de direcionalidade e os fatores associados à violência sexual entre adolescentes namorados na cidade do Recife?

## **4 OBJETIVOS**

## 4 OBJETIVOS

### 4.1 Geral

Estimar a prevalência e os padrões de direcionalidade da violência sexual entre adolescentes namorados e identificar os fatores associados, na cidade de Recife em 2008.

### 4.2 Específicos

- a) Descrever o perfil dos adolescentes namorados segundo variáveis socioeconômicas, características da família, relativas a situação afetiva por sexo;
- b) Estimar a prevalência e o padrão de direcionalidade da violência sexual entre os adolescentes namorados;
- c) Identificar os fatores associados à violência sexual.

## **5 REFERENCIAIS TEÓRICOS**

## 5 REFERENCIAIS TEÓRICOS

### 5.1 Violência

A violência é um fenômeno social que apresenta ramificações e conseqüências específicas no campo da saúde pública. Materializada em óbitos, internações, AIH pagas, taxas, percentuais e coeficientes; dos anos 80 para cá passa a ocupar espaço cada vez maior na agenda dos sanitaristas, dos gestores governamentais e da sociedade civil.

A referência nacional na pesquisa sobre violência, Minayo e Souza (1998), reforça reiteradamente o caráter mutante do fenômeno. De acordo com Minayo (2006) a polissemia, complexidade e controvérsia do objeto geram muitas teorias, todas parciais. É uma violência que apresenta uma face para o que sofre, outra para o que perpetra, para quem estuda e para quem opera diante do mesmo, é legitimado pela prática cotidiana ou condenado pelo sistema de leis. A violência varia no tempo e no espaço.

Aristóteles afirmava que a violência é tudo aquilo que, vindo do exterior, se opõe ao movimento interior de uma natureza (FILHO, 2001). Esta passagem, datada entre o terceiro e quarto século anterior a Cristo, é a tônica da interpretação do fenômeno pelo ser humano. A violência é um contrafluxo, a discordância de uma, entre várias ou de todas as partes.

É inegável perceber que, mesmo nos círculos filosóficos, durante quase toda a existência humana consciente, a violência foi exaustivamente associada à aplicação da força física, com raras exceções. No conjunto da sociedade esta ainda é a idéia vigente. Só no século XX outras alternativas fenomenológicas passam a ser mais amplamente aceitas e desenvolvidas. As violências não-lesivas ao corpo passam a ser objeto de interesse da academia, das políticas públicas e alguns segmentos sociais.

De Aristóteles até hoje, muitas percepções permaneceram, muitas mudaram, outras tantas estão em trânsito. A etimologia do termo violência é destrinchada por Dadoun (1998) e Minayo (2003, 2006), de formas semelhantes,

porém o primeiro se atém de forma mais prolongada no significado dos termos que dão origem à violência. O termo latino *vis* significa “força”, “vigor”, “potência”, de forma que aplicada dá a idéia de “emprego da força”, “vias de fato”. Dadoun ainda reflete que esta *vis* eleva o sentido das vias de fato a uma condição de “essência” do ser. Seria a violência, este impulso destrutivo (ou mesmo auto-destrutivo), a essência do ser humano?

A autoridade primitiva se constituía com base na força. O contato direto com as intempéries da natureza requeria uma responsabilidade maior do integrante do grupo capaz de garantir a sobrevivência do conjunto. Mereceria a autoridade, por exemplo, àquele com maior capacidade de caçar ou resistir a longos períodos de privação ou ainda lutas com outros grupos. Inclusive, era comum o abandono dos elementos doentes e velhos para que o coletivo não fosse prejudicado (BEAUVOIR, 1990).

Na medida em que o ser humano passa a compreender os ciclos da natureza e se fixa à terra, gradativamente o poder passa a se contrabalancear no saber. Pródigo era o grupo cujo um de seus integrantes pudesse interpretar as estações do ano, a melhor época e o melhor terreno para o plantio. O enraizamento do ser humano ao território passa a equilibrar cada vez mais, e aos poucos unir, o poder que vem da força e o poder que vem do conhecimento. No vácuo daquilo que não se conhece, ou não é passível de interpretação, ou não é possível de se mobilizar pela força ou pelo saber consciente, entra o divino. E o místico é mais concentrador que a observação. Ele requer elos entre o humano (mas não qualquer humano) e o santificado. O sacerdote passa a ser a terceira ponta deste triângulo de poder. A história se reveza em momentos onde as arestas deste triângulo se aproximam ou afastam (NIEDERLE, 2008; SCLIAR, 2007).

A idéia de poder é vital para a compreensão da violência. Hannah Arendt (2007) o define fazendo um comparativo à idéia de força, de forma que esta última representa “a qualidade natural de um indivíduo isolado”. Já o poder “passa a existir entre os homens quando eles agem juntos, e desaparecem no instante em que eles se dispersam.” A própria Arendt relata um consenso entre filósofos de diferentes linhagens onde “a violência nada mais é do que a mais flagrante

manifestação de poder”. Cabe, portanto, um jogo de palavras: toda violência é poder em sua essência mas afirmar o contrário seria possível?

Minayo e Souza (1998) traz um conjunto de categorias explicativas para o fenômeno da violência. A primeira delas a coloca como “um instrumento técnico para a reflexão sobre as realidades sociais”. Seria ela um fenômeno não associável a nada que não fosse universal? A agressividade seria uma qualidade naturalizada?

Um segundo grupo evoca as raízes sociais da violência. Aproveitam-se então de elementos da economia, como a industrialização, o crescimento da urbanização, a transição cultural, entre outras. O terceiro conjunto vê a mesma como uma estratégia de sobrevivência, apoiando-se nas lutas de classe, desigualdades sociais e na revolta do oprimido sobre o opressor.

O quarto, e último grupo, atenta para o crescimento da violência materializada em criminalidade e, por conseqüência, uma falha da estrutura estatal. Entretanto, diante de um conjunto tão sortido de abordagem dos fenômenos, como focar ao ponto de definir a violência de forma consensual? Voltando a Minayo, todas as teorias são parciais.

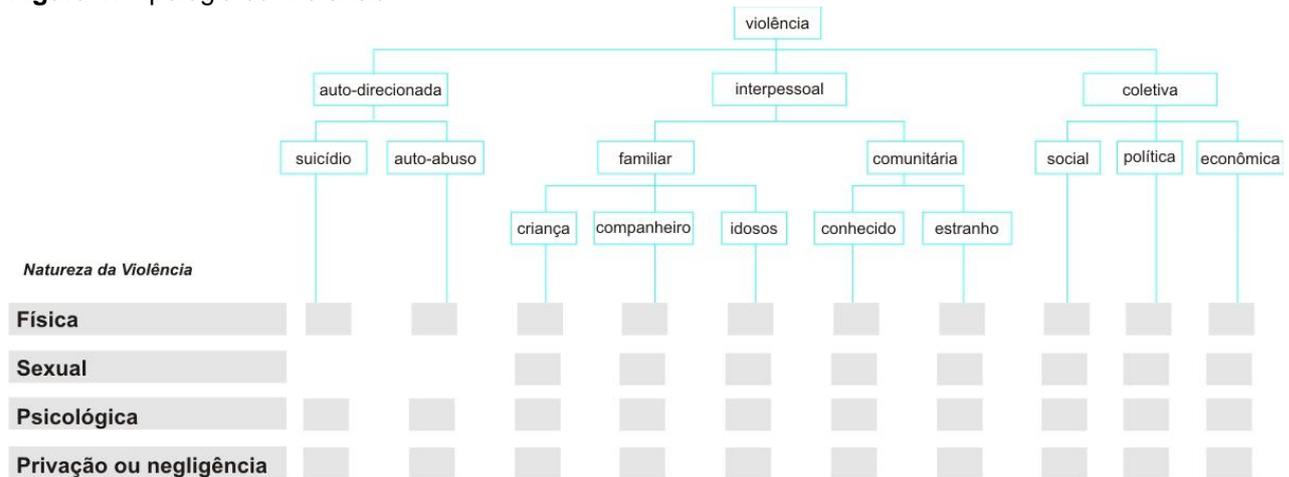
Porém, o campo das políticas públicas se mostra mais pragmático e menos afeito a ressalvas na escolha de suas definições. A Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência (Portaria nº 737/01), reconhece a dificuldade em dizer o que é esta violência, porém, assume-a como o evento representado por ações realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam danos físicos, emocionais, morais e ou espirituais a si próprio ou a outros (MINAYO e SOUZA apud BRASIL, 2001).

A Organização Mundial da Saúde (2002) reconhece que a idéia de violência varia em função da linha seguida pelo pesquisador ou instituição envolvida. Sua definição, porém, não é diferente aquela tomada de Minayo (apud BRASIL, 2001) para a PNRMAV. Para a Organização Mundial de Saúde, seria:

O uso intencional de força física ou poder, ameaçada ou efetiva, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que também resulta em ou tem uma alta probabilidade de se transformar em injúria, morte, dano psicológico, mal desenvolvimento ou privação” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002)

A mesma Organização Mundial de Saúde (2002) ainda propõe uma tipologia da violência baseada na combinação entre a direcionalidade e a natureza da violência, conforme está visível na Figura 1:

**Figura 1.** Tipologia da Violência



**Fonte:** Relatório Mundial em Violência e Saúde da Organização Mundial da Saúde (2002)

## 5.2 Adolescência: uma fase ou uma transição

“Bem grandinho pra entender umas coisas e muito novo pra entender outras”. Talvez a frase defina esta fase da vida de uma maneira tão ou mais eficiente que os esforços acadêmicos. É um corpo que muda, uma voz a se transformar e um novo papel social a desempenhar. Para a maioria das pessoas, tráfegar neste momento causa confusão e medo. Compreendida como o período da vida intermediário entre a infância e a juventude, sua conceituação é difícil tanto em caráter cronológico quanto no âmbito textual (LEVANDOWSKI, 2005).

Outeiral (apud MATOS et al., 2005) resgata a origem latina do termo adolescência. O prefixo *ad* indica para, sendo associada ao *olescer*, ou crescer, desenvolver. Seu sentido aponta em direção ao desenvolvimento. Simultaneamente a palavra também deriva do adoecimento, conferindo a este período o sentido de sofrimentos emocionais e transformações psicobiológicas.

A ideia de adolescência é relativamente recente se considerarmos a história da humanidade. Cavalcanti (apud PERES, ROSENBERG, 1998) salienta que há pouco mais de 300 anos não havia menções a esta fase. Além disso, lembra que há uma diferença substancial entre a adolescência e a puberdade. Enquanto a primeira diz respeito a uma classificação sociológica, a última diz respeito a questões biológicas. A biologia, inclusive, pode oferecer conceituações para esta fase da vida:

O fato é que estar na adolescência é viver uma fase em que múltiplas mudanças acontecem e se refletem no corpo físico, pois o crescimento somático e o desenvolvimento em termos de habilidades psico-motoras se intensificam e os hormônios atuam vigorosamente levando a mudanças radicais de forma e expressão (FERREIRA et al., 2007).

O aspecto psicológico talvez seja o que mais chame atenção do meio acadêmico. As dúvidas, as tomadas de decisões, o início da preocupação com o futuro e a sensação de conquista de certa autonomia, constituem ingredientes os quais, por muitas vezes, traduz-se em conflito do adolescente consigo mesmo, com sua família e seu círculo de socialização. Muitas vezes no cerne deste conflito está a necessidade de aceitação social do mesmo, sobretudo por seu grupo de convivência.

Um componente essencial para compreender esta relação de suprir a expectativa com atitudes valoradas pelo coletivo é a auto-estima. Avanci et al.(2007) a define como “a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo”. O grau de auto-estima é feito em três níveis. No baixo, a pessoa experimenta sentimentos de incompetência, de inadequação à vida, sendo incapaz de superar desafios. A alta oferece uma pessoa munida de sentimentos de confiança e competência. A média se situa intermediariamente entre os dois níveis anteriores.

Cronologicamente, a Organização Mundial da Saúde (2008) estabelece a adolescência enquanto faixa etária compreendida entre os 10 e os 19 anos (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2008). No Brasil, o estabelecimento legal deste período é dado pela Lei 8.069/1990, também conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente, estabelecendo este intervalo entre os 12 e 18 anos. A distinção desta medida demonstra a dificuldade de se estabelecer parâmetros

universais do desenvolvimento humano, uma vez que a compreensão acerca da passagem do tempo é bastante variável de cultura a cultura (BRASIL, 1990).

Ao mesmo tempo, o questionamento sobre o adolescer enquanto uma fase da vida ou um período de transições continua. Alguns grupos escolhem o lado a ser defendido cientificamente, outros prezam pelo consenso e apostam no encontro entre as duas linhas de definição da adolescência. Consensual é o fato de cada um dos argumentos acrescentar novos sentidos ao entendimento do ser humano em todo seu ciclo vital.

### 5.3 Namorar e ficar: afetividade e sexualidade na adolescência

Além da evolução nas experiências de socialização servindo como um preparo para a vivência da vida adulta, o namoro representa para os adolescentes o aprofundamento na compreensão de sua sexualidade e, por conseqüência, na sedimentação de sua identidade. E neste processo de vivência plena do corpo, o adolescente passou a contar com a possibilidade de realizar fisicamente seus impulsos (MATOS et al., 2005). Assim como a adolescência é um conceito em trânsito, a sexualidade também resulta de construções históricas, estando sujeito à temporalidade social e aos valores de cada grupo. Melo e Santana (2005) a conceituam como uma característica inerente ao ser humano, manifestada no curso de sua vida. Pode ser caracterizada como uma forma de expressão capaz de refletir o contexto sociocultural no qual o sujeito se encontra inserido. A sexualidade se mostra enquanto parte integrante da personalidade humana.

Entretanto, há um atributo constante nestas relações cuja força chega a um ponto de inviabilizar toda e qualquer tentativa de aceitação de um conceito. É impossível falar de namoro sem abordar o amor e tudo o que representa cultural e socialmente para a construção da afetividade. Este é um campo no qual nem os propositores mais materialistas obtiveram sucesso em sua elucidação. A ciência tenta desvendar seu mecanismo orgânico, as reações químicas e a eletricidade envolvida. Tudo sem sucesso. Para Platão o amor era a falta, o não ter, a nostalgia. Luis de Camões falava do fogo que arde sem se ver. O leve amor de Shakespeare, o divinal sentimento de Dante, o amor sôfrego de Carlos Drummond de Andrade. Todos esses são mais pródigos em significado que o amor patológico de Kante ou o

consciente de Espinosa. O amor é um assunto que permanecerá sem significado neste estudo.

Kinsfogel e Grych (2004) ressaltam que as uniões estáveis entre adultos e o namoro entre adolescentes, percebem alguns paralelos, sobretudo no fato de ambos representarem relacionamento entre indivíduos de igual *status*, além de envolver intimidade emocional e sexual. Sherer (2009) considera este tipo de relacionamento como uma forma aceita de socialização entre os adolescentes ao experimentar regras sociais do mundo adulto.

Em termos de conceituação, Aldrighi (2004) opera com o namoro enquanto uma relação diádica, portanto um arranjo entre duas pessoas. Este encontro promove a interação social por meio da execução de atividades conjuntas numa intenção implícita de dar continuidade ao relacionamento. Este, por sua vez, pode percorrer um trajeto até o rompimento ou em direção à consolidação de uma relação mais próxima, materializada em noivado, casamento ou união estável, por exemplo.

Para chegar a este modelo, o mais amplamente aceito e perceptível, um conjunto de transformações pôde ser experimentada. O namoro não era um destino natural do ser humano, como se pode pensar. É fruto de condições e valores sociais estabelecidos através do tempo. O namoro enquanto expressão de socialização é uma construção cultural e, diferente do amor, é temporal. A primeira ideia que mais se aproxima do namoro, pode-se afirmar, tem origem com a idealização de um “amor romântico”, cavalheirico e fantasioso, próprio dos romances literários. A espera pelo príncipe encantado contrastava com o corolário social construtor de uma sexualidade voltada ao “amor sublime”, conforme afirmou Anthony Giddens (apud MATOS et al., 2005).

O século XXI traz consigo o signo da modernidade, tecnologia e velocidade. A relação entre as pessoas, gradativamente, torna-se menos protocolar e mais propensa a suprir as vontades individuais de cada uma delas. O namoro neste período se modificou no ritmo da evolução científica, social e comportamental. O “ficar” passa a ser um símbolo da contemporaneidade na relação entre os adolescentes. Amaral e Fonseca (2006) construíram a ideia do “ficar” enquanto “relacionamentos eventuais, com troca de carícias, sem vínculos pessoais ou

mesmo um compromisso duradouro”. Enquanto o namoro pode ser considerado um passo para uma união estável, o “ficar” seria um passo para o namoro, sobretudo para as meninas. Ainda de acordo com as autoras, esta forma de relacionamento entre os sexos. Para os garotos, ficar com várias pessoas não só é aceitável, mas incentivado pelo grupo. Entre as garotas, tal postura pode gerar o desconforto de comentários maliciosos e preconceituosos.

E atualmente, em época de internet, os namoros se dão entre pessoas separadas por distâncias até pouco tempo impeditivas. Não é o mesmo signo da troca de correspondências, onde um contato prévio era necessário. A “grande rede” é capaz de reunir indivíduos ao redor de fóruns, comunidades virtuais, grupos de compartilhamento de e-mails, entre outros. Nesta perspectiva de relacionamento, certas características podem ser elencadas.

Os parceiros podem encontrar-se no ambiente virtual e depois no ambiente da realidade ou manter o relacionamento, por meses a fio, apenas pela Internet, até que ambos ou um dos parceiros decida encerrar a relação, quiçá só então, encontrar-se face a face (NASCIMENTO, 2007).

Estes relacionamentos líquidos, como é possível adaptar da fluidez do termo cunhado por Zygmunt Bauman (2004), podem levantar a ideia da efemeridade deste tipo de relação. Entretanto, aí se impõe uma nova forma de interpretar o relacionamento humano. Talvez não seja possível determinar se há mais profundidade em um contato baseado num amor romântico ao invés de um envolvimento virtual. O primeiro se baseia na imagem feita do outro. Exatamente como no segundo.

#### 5.4 Violência sexual no namoro: fatores de risco e associados

De acordo com Schiff e Zeira (2005), o fato de a adolescência ser um estágio crítico de desenvolvimento, a fase passa a ser vista com mais atenção a partir do momento que envolve o relacionamento com outros parceiros. A compreensão da violência sexual neste momento se torna mais desafiante. Pelo que argumenta Lewis e Fremouw (2001) acerca da violência no namoro enquanto um termo vago. Wekerle e Wolfe (1999) se aprofundam mais e, por exemplo, conceituam-na como “qualquer tentativa para controlar ou dominar outra pessoa de

maneira física, sexual ou psicológica, causando algum tipo de dano”. De acordo com Shorey et al. (2008), a prevalência de abuso sexual no namoro é, geralmente, menor que o físico e psicológico tanto na escola quanto no ambiente universitário. Ao mesmo tempo, a dimensão de um comportamento agressivo desta natureza pressupõe a quebra de padrões sociais e culturais mais arraigados que os demais. As implicações comunitárias, as normas religiosas e as regras sociais envolvidas, dotam esta forma violenta de um impacto negativo maior que as demais.

Ao mesmo tempo, a vivência da violência sexual, assim como nos demais tipos, esbarra no que Nascimento e Cordeiro (2008), chamam de *realidade amorosa*. Pelo imperativo da realidade não representar um fato em si, mas uma interpretação do fato, a realidade amorosa é tão real quanto qualquer outra. O amor destinado a uma pessoa é dado pelo valor conferido a ela e não pelo que ela realmente possui. Assim, esta é uma realidade “impregnada de crenças e valores atribuídos a um amor”, o que faz da mesma algo real e socialmente aceita. Segundo Matos et al. (2006), há constatação de perpetradores e vítimas quanto à desvalorização do que é chamado de pequena violência, além da atribuição da culpa às vítimas.

A agressão sexual por um parceiro pode tomar a forma de uma coerção sexual, uso de drogas e/ou álcool ou o emprego de força física para a obtenção de contato sexual indesejado (KOSS ; GIDYCZ, 1985). De acordo com publicação do Governo do Canadá (2006), tanto a sexual quanto as demais violências podem ser observadas por quatro formas de vivenciá-las no namoro. O *terrorismo patriarcal* é prioritariamente direcionado à mulher pelo homem e se utiliza sistematicamente da violência, ou de outra modalidade abusiva, no intuito de controlar o parceiro. A *violência comum do casal* é considerada como um artifício usado de maneira intermitente no intuito de controlar uma situação mais imediata, sendo utilizada nas mesmas proporções por homens e mulheres. A *violência de resistência* é direcionada a parceiros que são, eles mesmos, violentos, servindo de autodefesa. O *controle mútuo da violência* identifica a troca de atitudes violentas onde ambos os parceiros são violentos e controladores.

A literatura científica tem demonstrado com dados que, apesar da prevalência da perpetração se dar prioritariamente pelo sexo masculino, alguns

autores como Johnson (2006), Straus e Ramirez (2007) e Straus (2006; 2008), observam tanto a perpetração quanto a vitimização pelo prisma da simetria de gênero, isto é, não há atavismo masculino da violência uma vez que as mulheres também são passíveis de perpetrá-la assim como os homens são passíveis de serem vitimados sexualmente.

Por fim, a violência sexual no namoro entre adolescentes ainda esbarra numa série de mitos expostos por Matos et al. (2006) sobre a forma como a sociedade lida com estes problemas. O comportamento frente à mesma impõe certa dificuldade de transposição a qual, em certo momento, mostra-se desafiadora. Diz respeito à negação, normalidade e justificação da violência, sobretudo quando levamos em consideração o fato da proteção da esfera íntima pela imposição de uma “cortina de fumaça”. Entre os adolescentes esta omissão percebe características próprias, como as expostas por Barter (2009) onde, neste público, o comportamento sexualizado é encarado como experimental, no medo da estigmatização e uma visão errônea de que a vivência violenta por este público é menos prejudicial que em adultos.

Em relação ao estudo realizado, algumas dimensões foram analisadas e termos utilizados para explorar o fenômeno da violência sexual em casais de adolescentes namorados. As formas predecessoras de violência, motivada por ambientes específicos é uma delas. Assim, a ideia de vivenciar a violência na escola e na comunidade fazem parte deste processo exploratório. A violência na escola, de acordo com Abramovay (apud RUZANY ; MEIRELLES, 2009), pode ser associada às dimensões de “degradação do ambiente escolar, a violência de fora pra dentro da instituição e a que se refere á própria instituição escolar”. Assis et al. (2004), caracteriza esta violência como “humilhação, ameaça, agressão, objetos pessoais danificados, convivência com pessoas que carregam armas brancas ou armas de fogo, furtos ou roubos”. A violência na comunidade são relacionadas com o “desencadeamento de distúrbio de estresse pós-traumático e desordens como depressão, ansiedade, dificuldades cognitivas e comportamentais, regressão, dificuldade em demonstrar afeto, além de comportamentos sociais e antidepressivos” (ASSIS et al., 2004).

Características como cor da pele, religião e colocação socioeconômica, são comumente citadas em pesquisas diversas como fator de maior ou menor vulnerabilidade na exposição à violência sexual por adolescentes em relação de namoro ou não. Da mesma forma, a prática de violência em relações anteriores, a idade da primeira relação sexual, concordância com normas sociais masculinas e femininas e fatores pessoais podem contribuir em maior ou menor grau para a exposição a esta modalidade agressiva.

### 5.5 Modelos teóricos para a violência

Para compreender a violência sexual entre adolescentes namorados é necessário antes expor o que é um modelo. Arthur Kleinman (1978), apesar de direcionado para a medicina, oferece as características primordiais de um modelo teórico. O mesmo é interpretado:

Enquanto sistema social e, se é para ser usável, deve especificar o que aquele sistema é e qual a sua função. Ele deverá prover um método para descrever sistemas individuais e para realizar comparações transculturais entre diferentes sistemas médicos.

Kleinman (1978) ainda estabelece que esta condição de um modelo médico enquanto um sistema cultural, para ser válido, deve responder a cinco condições:

(1) operacionaliza o conceito de cultura no domínio da saúde nas vias mais precisas e potencialmente confiáveis; (2) relata diretamente questões clínicas; (3) especifica hipóteses as quais podem ser falseadas frente a dados existentes ou confirmadas no campo prospectivo dos estudos; (4) provê traduções interdisciplinarmente sistemáticas entre a antropologia e as ciências sociais; e (5) provê a terminologia que não é limitada à biomedicina.

Certamente as idéias estabelecidas por Arthur Kleinman (1978) poderão ser transpostas para outros campos do conhecimento. Entretanto, as condições sob as quais ele estabelece a construção dos modelos são comuns a vários outros territórios do saber e perfeitamente ajustáveis ao aprofundamento epistemológico acerca da violência.

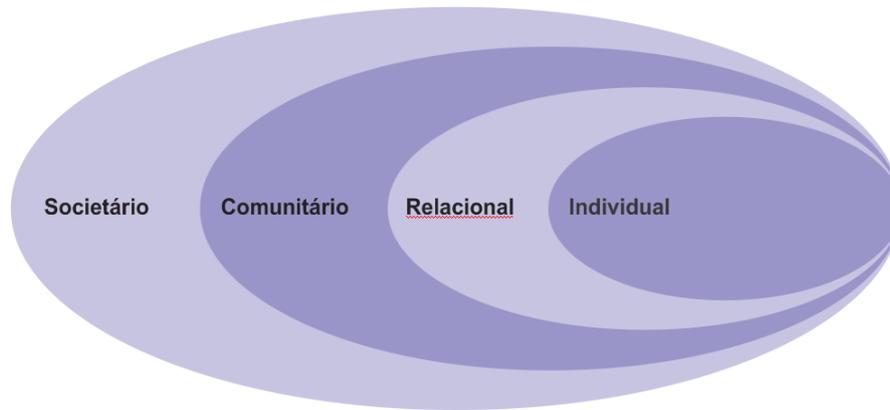
A complexidade do tema não se mostra suficientemente contemplado por um único modelo explicativo. Os vieses envolvidos, o mosaico social envolvido e as concepções ideológicas contempladas devem, sempre que possível, estar aproximadas dos paradigmas estabelecidos pelo método científico. Assim, o estudo partirá de um modelo, por assim dizer, mestre, e outros ajustáveis às suas linhas-guias.

#### 5.5.1 O Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner

O russo-americano, Uri Bronfenbrenner, é conhecido por ser um dos destaques no estudo da psicologia do desenvolvimento. Seu modelo ecológico, apesar de ter sido criado para explorar fenômenos no público infantil, aplica-se satisfatoriamente na abordagem da violência. Seu princípio reside na idéia de ambiente ecológico o qual é concebido como um conjunto de estruturas, encaixadas como em *matrioshkas*, as tradicionais bonecas russas (BRONFENBRENNER, 2002).

Os graus de interação com o ambiente se distribuem dos aspectos mais internos do desenvolvimento humano até os mais dispersos no contexto social. Apesar de, aparentemente, sua proposta ser bastante semelhante ao modelo ecológico de compreensão da violência, proposta pela Organização Mundial de Saúde (2002) (Figura 2), a idéia de Bronfenbrenner se apresenta mais complexa e favorável à interação com outras linhas explicativas. A associação deste modelo ecológico com estudos do campo da violência sexual já foi utilizado em outras oportunidades, como em Heise et al. (1999), Srinual (2003) e Basile et al. (2009).

**Figura 2.** Modelo ecológico para compreensão da violência.



Fonte: Organização Mundial da Saúde (2002).

A idéia de Bronfenbrenner parte do princípio de um ambiente ecológico continente em sua estrutura da pessoa em desenvolvimento. O pesquisador apresenta a idéia de transição ecológica, na qual os componentes deste sistema passam por mudanças de papel ou de ambiente no decorrer de suas vidas. A ecologia do desenvolvimento humano considera a dinâmica de acomodação progressiva, dotada da interação do ser humano ativo, em seus diversos ambientes desde o familiar até os contextos mais complexos. Este processo de acomodação pode acontecer de forma pacífica ou não, mas com vivência positiva (manifesto em resiliência) e em conflito, disputa de poder e falta de diálogo (manifesto na violência).

Relativo ao objeto desta pesquisa, a violência sexual entre adolescentes namorados, esta teoria se torna importante para compreender os processos de maneira dinâmica, não estigmatizados. Bronfenbrenner ao desenvolver a teoria do desenvolvimento humano, acrescentando a inclusão do ambiente ecológico (bioecológico), revela que esta concepção permite que a pessoa, a partir de sua relação com diversos atores e ambientes, tem a possibilidade crescente de descobrir, sustentar ou alterar o seu processo de desenvolvimento. O modelo não principia nos processos psicológicos tradicionais representados por características como a percepção, motivação, pensamento e aprendizagem. O importante, onde a exploração mantém o foco, é no conteúdo destas relações. Todos os sentimentos interpretados, processados, desejados e temidos, convertem-se em conhecimento. Isso faz com que a natureza do “material

psicológico” mude em função da exposição e interação da pessoa com o meio ambiente.

O modelo bioecológico tem como princípio a interação sinérgica entre quatro núcleos bem definidos e interativos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. O **processo**, de acordo com Narvaz e Koller (2004), é considerado o constructo fundamental envolvido na compreensão desta ideia. Estes, por sua vez, dão ênfase particular ao que Bronfenbrenner reconhece como *processos proximais* e que representam “formas particulares de interação entre o organismo e o ambiente que operam ao longo do tempo e são ‘os principais motores do desenvolvimento’”. Os mesmos ainda podem produzir dois tipos de efeito: 1) efeito de competência, ou aquisição e desenvolvimento de habilidades próprias da condução ou direcionamento do próprio conhecimento; e 2) efeito de disfunção, ou a dificuldade de manter o controle em diferentes níveis do desenvolvimento.

O segundo componente do modelo é a **pessoa** e suas características determinadas em caráter biopsicológico e ambiental. Esta possui três grupos de características. A *força* representa os elementos que movimentam os processos proximais e o sustentam. Dizem respeito a características de atividades que podem ser geradoras ou desorganizadoras. O segundo grupo é o dos *recursos*, perceptores de experiências, habilidades e conhecimentos determinantes do funcionamento dos processos proximais. Consideram deficiências e competências psicológicas impulsoras do engajamento dos indivíduos. O terceiro é relativo às *demandas*, ou os aspectos que encorajam ou desencorajam as reações do ambiente social (Idem, ibidem).

Outro componente é o do **contexto** e compreende interações em níveis ambientais. Estes são desenhados por Bronfenbrenner (2002) em quatro níveis, ou camadas. A mais interna deste modelo bioecológico se dá em nível de *microssistema*. Neste ponto, a pessoa oferece um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais. Estas características são efetivamente experimentadas pela pessoa em desenvolvimento e ela, necessariamente, está inserida em um meio ambiente com características particulares. É importante observar a particularidade ambiental não apenas de um referencial objetivo, uma vez que este caractere pode ser comum a outras pessoas. A percepção do ambiente pela pessoa em

desenvolvimento poderá fazer este meio subjetivamente distinto da visão dos demais indivíduos.

Bronfenbrenner interpreta o ambiente característico do *microssistema* como aquele facilmente interativo, o círculo mais próximo da pessoa. A casa, a sala de aula, o trecho da rua que serve para a reunião de um grupo de jovens, estas localidades onde o domínio do indivíduo sobre o coletivo se torna mais fácil. Para cada elemento constituinte deste processo um papel está posto.

Esta percepção, que faz do ambiente objetivo uma particularidade de cada pessoa, foi descrita por Lewin (apud BRONFENBRENNER, 2002) com base em dois aspectos. O primeiro, exposto no alemão *Tätigkeit*, é a “atividade em processo” e está referida como a situação que vai chamar a atenção da pessoa por intermédio das tarefas e operações vistas, exclusivamente pelo indivíduo, como atraentes. O segundo aspecto diz respeito ao fluxo de energia compartilhado em interconexões pelas pessoas deste ambiente. Pessoalmente, o indivíduo continua a ter suas percepções pessoais, porém, neste momento, ela está sujeita a complementariedade dos demais membros do grupo. Há ainda a ideia de papel social, exposta enquanto “uma série de comportamentos e expectativas associadas a uma posição na sociedade, tal como a mãe de um bebê, professora, amigo e assim por diante”.

O *mesossistema* passa a incluir a relação entre dois ou mais ambientes. Neste nível, a pessoa em desenvolvimento ainda participa ativamente com base em sua individualidade. Enquanto no microssistema o ambiente a ser considerado é o lar, no mesossistema a atenção é direcionada à escola, o clube, enfim, os espaços coletivos como um todo. Enquanto percebemos no primeiro nível a casa como foco, neste último se considera a vizinhança. Ao ampliar o campo de visão, podemos perceber um conjunto interativo de outros microssistemas. Sempre que a pessoa entra em um novo ambiente, este microssistema é ampliado. A comunicação, gradativamente, torna-se mais complexa e outros indivíduos passam a participar destes ambientes e dos vínculos intermediários das redes sociais.

Na medida em que as relações vão se externalizando, a pessoa em desenvolvimento dissolve a influência de sua individualidade no ambiente. A terceira camada mais superficial das “matrioskas” se refere ao *exossistema*. Neste ponto, a

pessoa em desenvolvimento deixa de ser um participante ativo neste fluxo de energia. Ainda assim, este nível de interação afeta e é afetado pelo ambiente onde se encontra esta pessoa em desenvolvimento.

O estrato mais superficial deste conjunto, o *macrossistema*, diz respeito às consistências relativas às formas e conteúdos dos sistemas mais internalizados. Estas consistências, por sua vez, ocorrem em nível de cultura ou subcultura, numa visão do todo. Considera-se ainda a influência de sistemas ideológicos ou de crenças.

O quarto pilar do modelo se refere ao **tempo** o que permite a observação do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida, dividindo-se em três níveis de compreensão. O *microtempo* diz respeito à continuidade e descontinuidade dos processos proximais e pode ser observada dentro de pequenos episódios temporais. O *mesotempo* é relativo à periodicidade destes eventos por intermédio de intervalos cronológicos maiores, como dias e semanas. Já o *macrotempo* é observado através de episódios os quais podem levar gerações para promover as mudanças expressas em desenvolvimento. O tempo transversaliza às demais estruturas do modelo bioecológico por sua condição natural de referencial analítico universal.

A acomodação deste modelo bioecológico frente a pesquisas acerca da violência sexual foi realizada em diversos momentos, sobretudo em pesquisas relativas à violência doméstica ou abuso em casais adultos. Heise e Kritaya et al. (apud SRINUAL, 2003). Rampai Srinual (ibidem) identificou fatores agregáveis aos níveis estabelecidos por Bronfenbrenner quando relacionados à violência contra a mulher.

Como já citado anteriormente, o modelo bioecológico servirá de guia para a inserção de outros modelos teóricos na compreensão da violência sexual em namorados adolescentes. Levando em consideração as características de cada nível oferecido pelo modelo-guia, os demais se incorporarão vertical ou transversalmente.

### 5.5.2 Teoria de gênero (ou, a teoria feminista)

Questões relativas a gênero, da forma como são conhecidas hoje, não existiam antes do feminismo. As poucas discussões relativas a estas diferenças antes dos primeiros movimentos dados às feministas discutiam a diferença dos sexos, biologicamente falando.

As citações na literatura do termo “teorias de gênero”, grafado intencionalmente no plural, são bastante recorrentes. Ainda assim, a busca por estas teorias esbarram em variações de uma única: a feminista. De acordo com Tavares (2010), duas grandes correntes teóricas dão suporte a estas questões: uma está focada no trabalho, associada ao feminismo socialista, e outra centrada na cultura e voltada a um feminismo pós-marxista. Este é apenas um exemplo do quão complexo pode ser designar o que é o feminismo. Além desses existem as leituras pelo prisma da cor, da orientação sexual e do liberalismo, por exemplo, como afirma Oliveira (2009).

Apesar das diversas correntes feministas se direcionarem gradativamente para uma dissolução da dicotomia estática entre homens e mulheres, passando a considerar também as semelhanças e interações que existem entre os mesmos, o discurso, sobretudo no campo da violência, ainda se dá na ocupação de papéis sexuais destinados ao opressor e a agredida. Álvares (2005) descreve esta condição por um ambiente cujo “domínio simbólico, a mulher aparece ligada ao lar, divorciada da produtividade econômica da esfera pública, discriminada devido à invisibilidade do seu trabalho”. Wekerle e Wolfe (1999) e Shorey et al. (2008) relegam o condicionamento dos processos violentos perpetrado por mulheres, quase que exclusivamente, a uma condição de autodefesa. Medrado e Lyra (2008) argumentam acerca do retrato dos homens e da masculinidade enquanto “faces malditas” de uma relação produtora de desigualdades sociais e subordinação das mulheres.

Evidentemente o feminismo não é um problema, pelo contrário, visibilizou um público ignorado na história da humanidade. Mas sua utilização no contexto de uma categoria geral e ampla de gênero trás consigo alguns questionamentos a serem resolvidos. Por um viés de origem, onde a militância e a

construção teórica são feitas por ocasião das seculares repressão e violência sofridas pela mulher e operacionalizada pelo homem, a caracterização deste último se estigmatiza pela imagem do machismo e do patriarcado. Entretanto, ainda que a história não favoreça a esta leitura, como fazer a interpretação do ente masculino além de uma realidade de repressão e violência?

Delphy (2010) faz um resgate acerca do patriarcado e de sua transição conceitual ao longo do tempo e como o feminismo foi fundamental para a mudança desta compreensão. Num momento anterior ao século XIX seu sentido estava ligado a uma conotação religiosa onde o patriarca era considerado o dignatário da Igreja. Os patriarcas representavam os chefes de famílias que viveram em uma época cuja referência está no evento do Dilúvio universal. Etimologicamente deriva do grego, do sentido de comando do pai. A palavra ainda sucinta outro significado, talhado no século XIX, legado a um estilo de vida bucólico, de humildes costumes, e expresso por termos como “virtudes patriarcais”. O último e contemporâneo signo advém justamente de uma construção feminista, caracterizada pela equiparação do pai e do marido em personalidades masculinas dominadoras. A diferença do patriarcado para o machismo está naquilo que a autora denomina como o “nível das atitudes e/ou das relações interindividuais” próprio do último.

Para tanto, é preciso levar em consideração o conceito de gênero, cujo mais correntemente aceito ainda é dado pela pesquisadora Joan Scott (1994) enquanto “um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder.” A questão é que o poder, em todas as suas manifestações, representa mais que a imposição da opressão sobre o oprimido. É a força, como afirmou Foucault (2008), cuja função não se resume apenas ao ‘não’. Em sua constituição, o poder produz coisas, discursos, prazeres. A compreensão desta entidade, tanto teoriza acerca das iniquidades e injustiças, quanto oferece subsídios para a aquisição e legitimação de direitos.

A polarização perpetuada pela literatura e existente entre o macho/dominante/violento *versus* mulher/submissa/oprimida certamente tem fundamento empírico. A realidade histórica operacionaliza esta ordem de maneira muito clara. O grande desafio para a teoria feminista, porém, está em compreender

a realidade que existe além desta segmentação. Os desafios contemporâneos estabelecem esta necessidade com mais força em fatos cada vez mais recorrentes de uma relação mais protagonista da mulher em sociedade e suas consequências.

A maioria das correntes da teoria feminista tendem a focar na compreensão social das diferenças sexuais, no intuito de subsidiar ações direcionadas à igualdade entre os sexos. Entretanto, essa forma de compreender o mundo muito além do corpo, protegido por um guarda-chuva político e ideológico, eclipsou, entre outros aspectos, as nossas evidentes, visíveis e gritantes diferenças psicobiológicas. O último quarto do século XX trouxe consigo um terreno vasto de conquistas em direção à igualdade de direitos e, com isso, uma nova perspectiva de mundo se abriu. No entanto, como afirma a psicóloga canadense Susan Pinker (2010), “oportunidades iguais não levam, necessariamente, a resultados iguais”. Esta assertiva pode levar a um intrincado ideológico, expresso na confrontação dos questionamentos entre o que desejam as mulheres para o seu futuro e o que deseja o feminismo para o futuro das mulheres.

No aspecto teórico, as pesquisas oferecem um paradoxo importante. A mulher como agente da agressão não é prevista além de um *porém* nos casos de violência entre casais lésbicos. Necessariamente, nem as relações agressivas neste público são bem caracterizadas ou aprofundadas. No entanto, a mulher produzindo o ato agressivo contra outra mulher e contra outros homens é um fato distante da excentricidade (AVENA, 2010).

Diversas pesquisas, entre elas as de Murray Straus (2004, 2006, 2008), apontam estatisticamente para a prevalência não tão distinta da perpetração da violência física para homens e mulheres, sem preferência clara por nenhum dos dois públicos. Em artigo, Straus (2008) afirmou que seus conceitos acerca da violência entre parceiros tiveram de ser mudados em função de evidências diversas as quais atestavam que as mulheres agrediam seus companheiros em taxas semelhantes que o tradicionalmente relatado. Aldrighi (2004) chega a resultados similares e tendo, como parte da conclusão de seu artigo, a seguinte afirmação:

No entanto, ao pensarmos em violência conjugal, não podemos pensar em “conjugal” se continuarmos a entender e intervir em um modelo que entende violência conjugal como o que os homens fazem para as mulheres. Então, essa perspectiva representaria uma única causa da violência conjugal e, portanto, uma única solução.

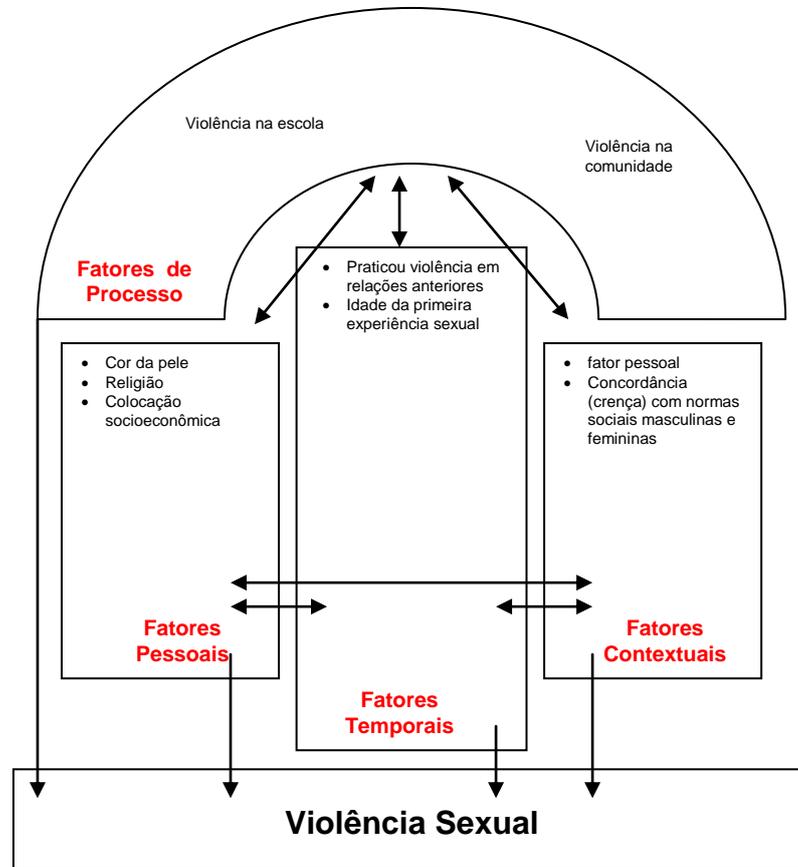
Estas linhas de pesquisa oferecem um campo propício para um novo salto nas teorias de gênero. Esta perspectiva tem início no desenvolvimento de uma linha de estudo voltada para a compreensão da masculinidade e a percepção do homem além do estigma do machismo e do patriarcado. Este processo já foi iniciado a partir do instante o qual a entidade masculina é vista no campo da vitimização, na execução de políticas públicas onde o homem passa a ser objeto da promoção e da prevenção, além de processos investigativos dedicados a observar uma masculinidade pelo espectro da paternidade, afeto e desejos. Diversos pesquisadores e pesquisadoras já desenvolvem este olhar, como Siqueira (1997), Granja e Medrado (2002), Medrado e Lyra (2009), Nascimento e Gomes (2009), entre outros.

A violência sexual, pela ótica das relações de gênero, ainda é um campo onde a agressão é o destino masculino. Entretanto a ampliação conceitual da representação desta modalidade agressiva e a incorporação de tipologias além do estupro, começa a desenhar outro panorama para a questão. Ainda assim, a visão do tema é, no aspecto teórico, prioritariamente observada em direção da máxima severidade, como explícito em texto de Oliveira (2009):

A violência sexual revela o complexo contexto de poder, que marca as relações sociais entre os sexos com conseqüências gravíssimas para as mulheres, se observadas pelo lado das estratégias de invisibilização da violência sexual: todos vêem, poucos sabem lidar com ela e muitos se omitem.

A teoria de gênero de cunho feminista vem a favorecer o aprofundamento nos fundamentos expressos pelo modelo bioecológico de Bronfenbrenner. O relacionamento facetado em namoro, ou relação congênere, é efetivada pela interação entre pessoas dotadas de identidade de gênero. A incorporação de uma lente voltada para a relação entre os sexos se torna de fundamental importância para a consolidação dos dados vindouros.

**Figura 3.** Modelo Conceitual para o Estudo de Fatores associados para Perpetração de Violência Sexual no Contexto das Relações de Namoro entre Adolescentes, segundo a Abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner.



Fonte: Elaborado pelo autor

## **6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 6.1 Desenho da pesquisa

A pesquisa se constitui em um estudo transversal. Definido por Almeida Filho e Rouquayrol (2003) enquanto “investigações que produzem ‘instantâneos’ da situação de saúde de uma população ou comunidade.” Neste caso foram efetuados inquéritos epidemiológicos que possibilitassem conhecer aspectos relativos à violência sexual em alunos das escolas públicas e particulares da cidade do Recife.

A transversalidade do estudo permite observar a associação entre atributos diversos sem a possibilidade de realizar inferências causais. Seu contexto de realização é de ordem preliminar, com os dados obtidos servindo de subsídio para estudos mais aprofundados acerca do tema em oportunidades subseqüentes. Além disso, é um tipo de estudo permissivo na obtenção de dados de prevalência, promovendo a descrição de um fenômeno em determinado grupo populacional.

Este é um tipo de estudo caracterizado pelo baixo custo e simplicidade analítica, além de um alto potencial descritivo. Este conjunto de propriedades favorece ao subsídio no planejamento de ações. Em contraposição será possível observar uma baixa capacidade analítica, uma vez que não propicia o aprofundamento de motivações nem situar cronologicamente os acontecimentos. (ALMEIDA FILHO; PEREIRA, 2006; ROUQUAYROL, 2006).

### 6.2 Área do estudo

Recife. Capital pernambucana e cidade estuário.

Reconhecida como grupamento populacional em 1537, por ocasião do Foral de Olinda. Seus habitantes eram conhecidos como Povo dos Arrecifes em função das formações calcáreas circundantes de seu litoral. A primeira ocupação do local era composta prioritariamente por pescadores e, com o tempo, um forte grupo de comerciantes se estabelece por conta do porto (BEZERRA, 2008; BOOGAART, 2005; MELLO, 2008).

Surge juntamente com a cidade de Olinda, primeira capital de Pernambuco. Esta condição permanece até o ano de 1709, quando é emancipada e se torna vila. Antes, porém, entre 1630 e 1654 é posta, compulsoriamente, sob domínio holandês. Este período é de grande importância para a edificação da identidade cultural e arquitetônica do recifense. Em 1827 se tornaria definitivamente capital da província de Pernambuco (BOOGAART, 2005; MELLO, 2008).

Atualmente conta com um território de 219,5km<sup>2</sup>. É ponto de encontro das Bacias Hidrográficas dos Rios Capibaribe e Beberibe, possuindo clima tropical quente e úmido. Com temperatura média anual de 25,2° C, possui vegetação arbustiva, mata, capoeiras, coqueirais e manguezais. A maior parte de seu território é marcada por morros (67,43%), seguida por planícies (23,26%), áreas aquáticas (9,31%) e Zonas Especiais de Preservação Ambiental (5,58%). Possui ainda uma extensão de 8,6 quilômetros de praia (RECIFE, 2010).

Faz limite com Olinda e Paulista ao norte, Camaragibe e São Lourenço da Mata a oeste e Jaboatão dos Guararapes ao sul. A leste, o Oceano Atlântico. Divide-se em 94 bairros sendo estes reagrupados em 6 Regiões Político-Administrativas. O Recife é parte de uma Região Metropolitana (RMR) composta por 14 municípios, sendo a sexta do Brasil. A RMR ainda representa a 112ª maior área metropolitana do planeta (IBGE, 2000; RECIFE, 2010; WORLD GAZETTEER, 2010).

Em termos de envelhecimento populacional, a capital pernambucana se encaixa no consenso estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (1984) enquanto uma comunidade envelhecida. Classificação dada a aglomerados com 7% ou mais de pessoas idosas e viés de crescimento, no Recife esta proporção é de 10,3% (IBGE apud BRASIL, 2010). No Censo Populacional do IBGE (2000), o município aparecia como a terceira capital em proporção de idosos no país.

Figura 4. Mapa do Recife



Fonte: Prefeitura do Recife (2010)

Tomando como base a população estimada do Recife pelo IBGE para o ano de 2008 (apud BRASIL, 2008), o município conta com uma população de 1.549.980 habitantes. Deste total, 53,57% são de mulheres. Este processo posiciona o Recife como a capital mais feminizada do país, seguida pela cidade de São Luís

(MA). Esta tendência à predominância feminina se fortalece a medida que a população envelhece, fator a ser exposto mais adiante. A população-alvo do estudo, a de 15 a 19 anos, são 8,7% do total de habitantes do município. Nesta faixa, os homens ainda são levemente predominantes, com 50,3% de participação (IBGE apud BRASIL, 2008).

**Tabela 01.** População Residente por Faixa Etária e Sexo. Recife, 2008.

Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total
< 1	10.684	10.301	20.985
1 a 4	43.905	42.700	86.605
5 a 9	60.907	60.057	120.964
10 a 14	63.667	62.492	126.159
15 a 19	68.119	67.402	135.521
20 a 29	141.936	151.111	293.047
30 a 39	116.222	135.394	251.616
40 a 49	93.406	115.838	209.244
50 a 59	61.726	84.463	146.189
60 a 69	33.460	53.298	86.758
70 a 79	17.639	32.210	49.849
80 anos e mais	7.912	15.131	23.043
<b>Total</b>	<b>719.583</b>	<b>830.397</b>	<b>1.549.980</b>

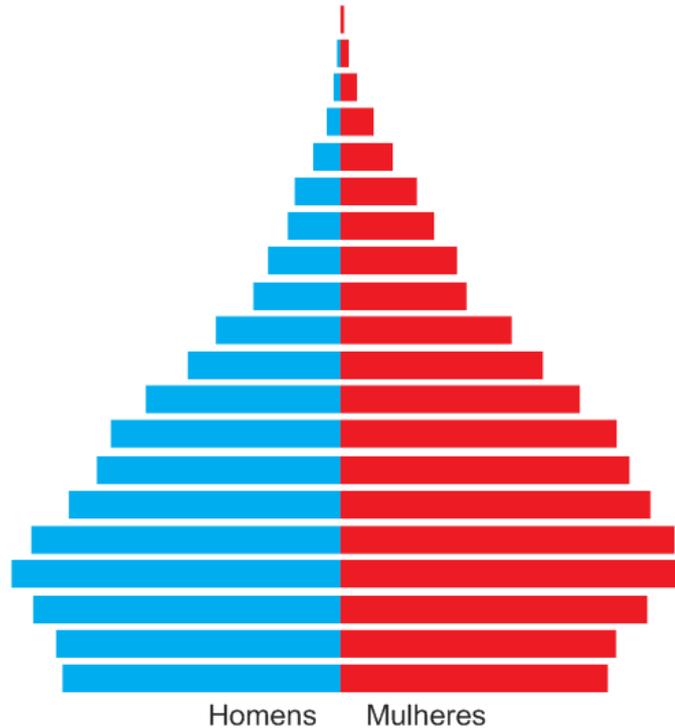
Fonte: IBGE (2008)

O índice de envelhecimento do Recife também é relativamente alto em relação às demais capitais. Neste ranqueamento, tomando como base o ano de 2007, a cidade pernambucana é a 8ª capital neste indicador específico (IBGE apud DATASUS, 2010). O índice de envelhecimento é calculado pelo número de pessoas de 60 anos e mais, para cada grupo de 100 indivíduos menores de 15 anos de idade (REDE INTERGERANCIAL DE INFORMAÇÃO PARA A SAÚDE, 2010).

O elevado envelhecimento proporcional da população recifense não se manifesta, entretanto, em uma alta esperança de vida ao nascer. Com uma expectativa, obtida no Censo Populacional do ano de 2000, de 68,62 anos, o Recife ocupa apenas a 19ª colocação entre as capitais com o maior indicador (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVILVIMENTO, 2003). Como consequência

de toda esta conjuntura pode ser percebida na pirâmide etária do município (Figura 5).

**Figura 5.** Pirâmide Etária da Cidade do Recife, 2008.



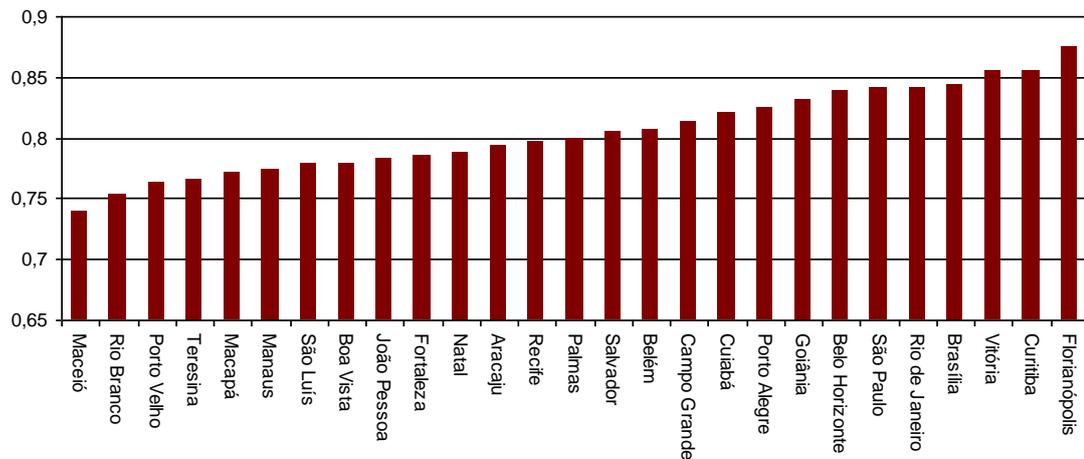
Fonte: IBGE (2008)

De acordo com a pirâmide (Figura 5), a população do município ainda é predominantemente jovem. Metade de sua população possui menos de 29 anos de idade. Aproximadamente 90% de seus habitantes têm menos de 60 anos. Esta análise é importante para compreender mudanças de ordem social, cultural e econômica, sobretudo àquelas tensionadas pela multigeracionalidade de um determinado grupo populacional.

A cidade do Recife é uma localidade desigual por natureza. Isto é facilmente percebido ao se consultar o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVILVOMENTO, 2003). Apresentado em forma de software, o Atlas se presta a oferecer os dados da desigualdade no Brasil por meio dos indicadores que compõem o Índice do Desenvolvimento Humano (IDH).

A pontuação do Recife no IDH municipal para o ano de 2000 o coloca em terceiro lugar no estado de Pernambuco, com 0,799, superado por Fernando de Noronha e Paulista. Numa perspectiva nacional, o município pernambucano de encontra na posição 624 entre as 5.507 cidades analisadas. Entre as demais capitais é apenas intermediário nesta composição (Gráfico 2).

**Gráfico 2.** Capitais brasileiras por Índice de Desenvolvimento Humano, 2000.



Fonte: Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento apud Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2003

O Recife foi, no ano de 2000, o 20º município pernambucano na concentração de riquezas quando relacionando os 10% mais ricos com os 40% mais pobres. O décimo mais abastado concentrava 41,75 vezes mais recursos que a porção menos favorecida economicamente. Apesar disso, o Recife é apenas o 5º tanto na proporção de indigentes quanto na de pobres, com 13,56% e 31,51%, respectivamente (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVILVOMENTO, 2003). No indicador de educação, o Recife ocupa a quarta maior taxa de alfabetização no estado, com 89,45% de seus cidadãos e cidadãs nesta condição. A cidade ainda percebe o Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI), indicador calculado e oferecido pela UNICEF (2010) para o ano de 2004, estabelecido em 0,793.

A rede de ensino em nível médio disposta no Recife conta com 316 estabelecimentos ao todo (IBGE, 2008). Ao todo são 103 escolas estaduais, 3

federais, 2 municipais e 208 particulares. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), o ensino médio é parte educação básica, a qual tem por finalidade “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”

De acordo com o IBGE (2008), os dados do ensino médio estipulam 71.469 matrículas na rede pública estadual, 4.818 na esfera federal e 21.274 no ensino privado. Em termos de docentes, são 3.445 na rede estadual, 359 no federal e 1.809 nas escolas privadas. De acordo com dados do Atlas do Desenvolvimento Humano (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVILVIMENTO, 2003), a população de 15 a 17 anos possuía, no ano de 2000, uma taxa de analfabetismo de 3,7%. Esta mesma faixa etária percebia 12,9% de sua população com menos de 4 anos de estudo e 59,7 com menos de 8 anos. Para os jovens compreendidos entre os 18 e 24 anos a taxa de analfabetismo, também para o ano de 2000, era de 4,2%. Aqueles com menos de 4 anos de estudo, para este grupamento etário, era de 10,4% e com menos de 8 anos era de 40,1%.

Tendo como base o diário de campo da pesquisa, percebe-se uma considerável discrepância na infraestrutura e dinâmica das instituições quando percebida pelas diferenças entre as redes pública e privada. A qualidade da infraestrutura, suporte de segurança, apoio ao profissional de ensino e o entorno ambiental são antagônicas entre elas.

Para efeito desse estudo foram selecionadas aleatoriamente 11 escolas em todas as seis Regiões Político-Administrativas do município. Por questões éticas, o nome das instituições de ensino não foram expostos, apenas o bairro e a rede, conforme pode ser percebido no Quadro 1.

**Quadro 1.** Listas das escolas envolvidas no estudo

Escola RPA		Bairro	Rede
1.	RPA 3	Alto José do Pinho	Estadual
2.	RPA 2	Beberibe	Estadual
3.	RPA 5	Areias	Estadual
4.	RPA 6	Ibura	Estadual
5.	RPA 5	Jardim São Paulo	Estadual
6.	RPA 6	Pina	Estadual
7.	RPA 1	Boa Vista	Estadual
8.	RPA 1	Boa Vista	Particular
9.	RPA 3	Espinheiro	Particular
10.	RPA 3	Aflitos	Particular
11.	RPA 6	Boa Viagem	Particular

Fonte: Elaborado pelo autor

### 6.3 População de Estudo

O estudo foi realizado com adolescentes de 15 a 19 anos, regularmente matriculados no 2º ano do ensino médio de escolas públicas e privadas, localizadas no município de Recife, capital de Pernambuco, no ano de 2008.

Os adolescentes foram escolhidos por representarem uma faixa da população vulnerável à violência na origem. Nesta fase se inicia a configurar as formas de se relacionar coletivamente e se inicia nos primeiros relacionamentos afetivos. Também é aí que esta faixa etária começa a reproduzir os sinais apreendidos nas idades anteriores. O ambiente da escola favorece a este tipo de interação, devido à possibilidade de reunir diversos elementos de diversas origens, com diversas influências.

Critérios de inclusão:

- a) Ser estudante do 2º ano do ensino médio e concordar participar da pesquisa;
- b) ter a experiência de ficar e/ou namorar no mínimo no ano anterior ao estudo;
- c) ter idade entre 15 e 19 anos.

Critério de exclusão:

- a) não constar na faixa etária compreendida do estudo;
- b) ser estudante do período noturno;
- c) e não ter experimentado uma relação de namoro e/ou ficar no período de um ano anterior ao estudo.

## 6.4 Abordagem quantitativa

### 6.4.1 Definição e tamanho da amostra

Realizada pelo CLAVES/Fiocruz, a qual estabeleceu os critérios descritos abaixo, o elevado dispêndio financeiro envolvido nas amostragens domiciliares ocasionaria um custo bastante alto para a pesquisa. Em função disso, optou-se por uma amostragem de adolescentes matriculados em escolas públicas e particulares. Certamente esta definição de universo traz consigo suas limitações, entre elas as informações advindas de adolescentes não comunicantes com a vida escolar, um grupo reconhecidamente em risco social e com possíveis reflexos nas relações de namoro.

As limitações, porém, são constantes em todo e qualquer trabalho científico devido a impossibilidade de compor todas as dimensões dos fenômenos sociais. O aprofundamento no mundo do adolescente no extramuros da escola pode

e deve ser desenvolvido em estudos posteriores. O universo escolhido para garantir a representatividade de extratos socioeconômicos, foi dividido em duas amostras independentes, contemplando o ensino público e privado, de forma a garantir as chances de inclusão no estudo.

A população de referência foi constituída no ano de 2007, por alunos adolescentes do 2º ano do ensino médio. Como já citado, de entidades públicas e privadas. Este ponto específico de escolaridade foi escolhido em função da maior possibilidade de resposta a temas mais delicados como o da sexualidade. Além do mais, não envolve o último ano de estudo, período no qual as escolas oferecem mais dificuldade para liberar os alunos e alunas para as atividades da pesquisa. A faixa etária envolvida vai dos 15 aos 19 anos de idade.

O dimensionamento amostral foi realizado para se obter estimativas de proporção, com precisão de 5%, nível de confiança de 95% e assumindo proporção (P) da ocorrência de vitimização de adolescentes igual a 70% (tendo como base um estudo na cidade de Manaus). A variabilidade das características populacionais do universo inquirido foi desconhecida até o contato com os estudantes. Devido a estas características, adota-se a amostragem pela proporção de cada estrato. A princípio poderia se presumir uma amostra aleatória simples (AAS), entretanto a execução orçamentária ficaria prejudicada pelos custos do processo.

Num primeiro momento foram sorteados os grupos de ensino público e privado para, num segundo momento, perfazer a seleção proporcional e definir a quantidade de alunos. Por último, foram selecionadas as turmas a serem entrevistadas por ocasião de uma seleção aleatória que obedecesse a um máximo de duas turmas por escola. estas, por sua vez, tiveram todos os alunos entrevistados.

A pesquisa foi delimitada de maneira que o objetivo encontre o menor tamanho amostral com a maior precisão e poder de inferência possível para a população recifense. Para que fosse possível substituir a amostra aleatória simples, o efeito da conglomeração teve de ser, para os parâmetros selecionados, de pelo menos 2. Para atingir esta viabilidade, a seguinte fórmula foi utilizada:

$$n = deff * \frac{(1,96)^2 \pi(1 - \pi)N}{(1,96)^2 \pi(1 - \pi) + Ne^2}$$

Nesta, *deff* significa o efeito do desenho, 1,96 a abscissa da curva normal,  $\pi$  enquanto a proporção esperada de vitimização,  $N$  como o tamanho da população e  $e$  significando o erro absoluto.

Como não foi possível obter o número de alunos por turma estudada, o cálculo foi obtido da razão do total de estudantes informados pelo número de turmas. Já a seleção da amostra foi realizada com o apoio do software *R 2.7.1* nos *packages pps* e *sampling*.

**Quadro 2.** Distribuição do número de alunos por escolas públicas e privadas da cidade do Recife, 2006.

Estratos escolares	População <sup>1</sup>	Escolas	Turmas	Amostra calculada	Turmas sorteadas	Amostra final obtida
Estadual	10700	103	265	160	5	169
Privada	7739	208	193	160	4	133
Total	18439	311	458	320	9	302

Fonte: Elaborada pelo autor

(1) Número de alunos na população escolar segundo dados da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco.

A composição total do banco original foi de 366 questionários. De acordo com os critérios foram excluídos da pesquisa 6 adolescentes com menos de 15 anos, 7 sujeitos com idade acima dos 19 anos, 5 cuja idade não foi informada e 46 que nunca ficaram ou namoraram. Após este ajuste, 302 questionários foram investigados no Recife. Uma segunda triagem foi realizada e, desta forma, mais 12 questionários foram excluídos por não terem respondido às perguntas referentes à violência sexual. Para efeito de prevalência foram considerados 290 entrevistados.

## 6.5 Variáveis do estudo

### 6.5.1 Variáveis independentes

#### a) Fatores de Processo

- Sofrer violência na escola;
- Sofrer violência na comunidade.

#### b) Fatores Pessoais

- Idade;
- Cor da pele: quesito dado por autorrefência como branca/parda ou negra/amarela/indígena;
- Religião: praticar ou não alguma religião;
- Autoestima;
- Transgressão;
- Uso de álcool e drogas;
- Autoconfiança;
- Autodeterminação;
- Crenças;
- Aceitação da violência;
- Concordância com normas sexuais masculinas ou femininas: opinião pessoal acerca de agressões contra namorado/namorada, pancadaria entre casais e agressão a prostitutas e homossexuais. Archer (2000) e Silverman et al. (2006) trabalham com o termo normas e sua relação de concordância ou rejeição com estas atitudes.

#### c) Fatores de Contexto

- Extrato socioeconômico;
- Escolaridade do pai e da mãe;
- Arranjo familiar
- Testemunhar violência na comunidade.

#### d) Fatores relacionados ao tempo

- Idade que começou a ficar/namorar/transar;

- Ter praticado violência nas relações anteriores (verbal, física, sexual);
- Duração do relacionamento.

### 6.5.2 Variável Dependente

. Neste estudo, esta variável é a violência sexual perpetrada entre namorados adolescentes. Esta foi analisada de acordo com os itens da escala CADRI (Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory), descrita por Wolf et al. (2001) e adaptada por Minayo et al. (2011).

Em relação à perpetração da violência sexual os questionamentos dizem respeito a:

- a) Tocar sexualmente quando o companheiro ou companheira não queria;
- b) forçar a outra pessoa a fazer sexo contra a vontade;
- c) ameaçar numa tentativa de relacionamento sexual com o outro;
- d) beijar o outro ou outra contra a vontade.

Foi considerado perpetrador ou perpetradora (caso/desfecho) se a resposta foi positiva em qualquer um dos itens.

Posteriormente os casos de perpetração foram agrupados em três perfis de direcionalidade:

- a) Somente a mulher perpetra;
- b) Somente o homem perpetra
- c) Ambos, homem e mulher perpetram a violência sexual



## 7 BANCO DE DADOS

O banco de dados utilizado para esta dissertação foi digitado no software Epi-info e gentilmente cedido pelo CLAVES/ENSP/Fiocruz,.

Esse estudo deriva da pesquisa nacional desenvolvida em parceria com o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM), em relação ao trabalho de da cidade do Recife. A pesquisa geral se intitulou “*Violência Entre Namorados Adolescentes: Um Estudo em Dez Capitais Brasileiras*”.

## **8 PROCESSAMENTO DOS DADOS**

## 8 PROCESSAMENTO DOS DADOS

O EpiData 3.1, foi o software de escolha como banco de entrada dos dados como parte de um protocolo executado em quatro fases: codificação, dupla digitação dos questionários, crítica e análise. Neste último processo, os bancos foram convertidos para serem trabalhados no Statistical Package for Social Science – SPSS versão 13.0. Já a organização das tabelas foi realizada no Microsoft Excel.

## **9 PLANO DE ANÁLISE**

## 9 PLANO DE ANÁLISE

O processamento dos dados foi realizado pela equipe do CLAVES, de forma sistematizada. O banco de entrada de dados foi criado no programa EpiData 3.1, cumprindo quatro rigorosas etapas durante o processamento: codificação, dupla digitação de todos os questionários, crítica e análise.

Posteriormente, o banco gerado foi submetido a novos procedimentos de crítica pela equipe do LEVES, a fim de verificar possíveis erros de digitação e detecção de inconsistências no banco. Finalizada a etapa de processamento de dados, toda a informação obtida foi convertida para o pacote estatístico Statiscal Package for the Social Sciences (SPSS 17.0), já que este oferece recursos mais ricos para a análise dos dados.

A etapa seguinte consistirá na análise dos dados quantitativos, que serão inicialmente analisados através da estatística descritiva (frequência absoluta e relativa, segundo o sexo, e cruzamento de variáveis) que possibilitará um conhecimento dos dados obtidos.

### *a) Co-ocorrência*

Para o estudo da co-ocorrência, a variável dependente consistirá da perpetração de violência física e psicológica concomitantemente. Nessa análise será considerado caso a presença de um ou mais itens afirmativos de perpetração de violência física e psicológica, independentemente da frequência. A análise será realizada através do cálculo da prevalência por sexo e a prevalência do padrão bidirecional (ambos homens e mulheres perpetram violência física e psicológica).

### *b) Cronicidade*

No estudo da cronicidade, a operacionalização da variável dependente incluirá os itens da escala afirmativos para perpetração, com suas respectivas frequências relatadas (nunca=0; raramente=1 a 2 vezes; às vezes = 3 a 5 vezes; e sempre = 6 vezes ou mais), referentes a um relacionamento e apenas no último ano,

compondo uma escala. A análise será realizada separadamente para violência física e violência psicológica.

Dessa forma, para cada questão referente a violência física ou psicológica será atribuído peso 0, 1, 2 e 3 para as respostas “nunca”, “raramente”, “às vezes” e “sempre”, respectivamente. A cronicidade será calculada a partir da soma dos resultados das questões assim formatadas. A partir desse cálculo, serão criados três grupos: “cronicidade maior”, “cronicidade menor” e “ausência de violência”; esse último, constituído daqueles com soma zero (não casos), será utilizado como referência na análise. Dentre os casos (soma  $\geq 1$ ), um ponto de corte baseado na mediana, definirá os dois grupos de cronicidade: menor e maior.

Será calculada a prevalência desses grupos e os fatores de risco de cada um deles segundo os padrões de direcionalidade da perpetração da violência.

### *c) Fatores de risco*

Serão realizadas análises de fatores de risco entre as diferentes categorias de cronicidade e severidade de violência física e psicológica perpetradas separadamente, segundo padrões de direcionalidade (somente homens, somente mulheres, e ambos).

Para a análise bruta (univariada), será utilizado o teste do qui-quadrado por cada bloco de variáveis segundo as dimensões do modelo teórico. Na análise ajustada, para o controle dos possíveis fatores de confusão, será utilizada a regressão logística multinomial, sendo introduzidas na regressão as variáveis de cada bloco que apresentarem valor de  $p \leq 0,20$  na análise bruta. Essa análise avalia o efeito de cada variável explicativa, controlando para o efeito das outras variáveis. A permanência ou não das variáveis no modelo na análise ajustada está vinculada ao comportamento dessas em relação às categorias do desfecho (“violência severa” e violência moderada” no estudo de severidade e “cronicidade maior” e “cronicidade menor” no estudo de cronicidade), considerando-se as categorias “ausência de violência” como referência. A seleção de variáveis dentro da análise multivariada será realizada utilizando o algoritmo Forward Stepwise, com probabilidade de entrada no modelo de 5%.

## **10 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS**

## 10 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES/ENSP/Fiocruz), autorizou a utilização dos dados da pesquisa mediante assinatura de e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B).

A referida pesquisa foi submetida na íntegra à apresentação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Esta, por sua vez, assim como o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, é campus da Fundação Oswaldo Cruz e, portanto, regida pelos mesmos princípios e conjunto de regras. O órgão da ENSP analisou o estudo à luz dos requisitos pré-estabelecidos pela Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Ministério da Saúde. O mesmo diz respeito à pesquisas científicas envolvendo seres humanos, ficando responsável pelo resguardo dos princípios éticos da justiça, beneficência e não maleficência. A pesquisa foi aprovada sob registro do protocolo de pesquisa CEP/ENSP Nº 07/08 (Anexo A).



## 11 RESULTADOS

### 11.1 Violência sexual em casais de adolescentes do Recife: perfil do universo pesquisado

A amostra para o estudo relativo à perpetração da violência sexual em namorados adolescentes na cidade do Recife contou de 290 entrevistas válidas, isto é, satisfatória nos critérios de inclusão. Deste total, 52,7%, ou 153 pessoas, declararam perpetração de alguma forma de violência sexual. Neste universo, 51% eram mulheres e 49% homens. Quanto à faixa etária, 74,5% dos casos se localizava entre os 15 e 17 anos, enquanto os adolescentes compreendidos entre os 17 e 19 anos perfizeram 25,5% das perpetrações.

**Tabela 2.** Frequência e proporção da direcionalidade da violência sexual em namorados adolescentes

	Frequência	(%) total	(%) casos
Apenas o homem	36	12,3	23,7
Apenas a mulher	14	4,6	9,0
Ambos	104	34,8	67,3
Total casos	154		100,0
Total	290	51,7	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor

Quanto às características mais detalhadas acerca do público pesquisado foi possível perceber a predominância das pessoas autodenominadas negras, amarelas e indígenas, com 79,2%. A consolidação dos dados de brancos e pardos foi assim realizada por ocasião da aceitação da cor da pele em relação a situações de maior vulnerabilidade da população. Muitas vezes a opção pela cor parda é assim feita como atenuante da autodenominação enquanto negro ou indígena, de acordo com uma intenção de branqueamento de sua condição étnica, como foi observado em pesquisa realizada por Bastos (2007). Ainda assim estes dados surpreendem e há uma população ainda tendente a se descrever enquanto branca na maioria dos casos. O quesito destinado à religião demonstrou o alto prevalecimento das pessoas que a possuíam em detrimento as que não. Por

ocasião da divisão das escolas pelas redes de ensino particular e pública, os dados referentes a classe social se mostraram equilibrados com pouco mais da metade deles se alocando nas categorias socioeconômicas A e B, com os demais na C,D e E, conforme pode ser observado na Tabela 3.

**Tabela 3.** Caracterização do público entrevistado por cor da pele, religião e classes sociais

	Total	
	N	%
<b>Cor da pele</b>		
Branca/ parda	59	20,8%
Preta/Amarela/Indígena	225	79,2%
<b>Religião</b>		
Sim	206	73,6%
Não	74	26,4%
<b>Classes sociais</b>		
A1+A2+B1+B2	155	54,8%
C+D+E	128	45,2%

Fonte: Elaborada pelo autor

A pesquisa observou o padrão de direcionalidade da violência sexual em adolescentes namorados pela ótica do sexo. Isoladamente, o homem percebe uma prevalência da perpetração duas vezes maior que a mulher. Entretanto, a maior participação entre eles se dá no campo da bidirecionalidade, onde, tanto homens quanto mulheres foram responsáveis pela perpetração da violência sexual no mesmo relacionamento. Em 67,3% dos casos, este é o padrão observado (Tabela 2).

Em função dos dados obtidos na Tabela 4, é possível perceber que a maioria dos relatos de perpetração de violência sexual pelas mulheres se dá de maneira moderada. Esta é uma forma que inclui o fato de tocar na outra pessoa sexualmente contra sua vontade. As meninas também perceberam 20,8% de relatos de manifestação leve em relação aos rapazes, destinado ao beijar quando a outra pessoa não desejava. Este foi também foi o mais relatado pelos rapazes em

comparação com as garotas. Já a modalidade da perpetração da violência sexual grave, cujos itens dizem respeito à ameaça de manter a relação sexual contra a vontade do outro e forçar o ato, foi mais representativo entre os rapazes.

**Tabela 4.** Graus de perpetração da violência sexual, segundo sexo, Recife, 2008

Violência sexual	Feminino		Masculino		Total	
	n	%	n	%	%	
<b>Leve</b>	10	20,8	38	79,2	100	
<b>Moderada</b>	51	47,7	56	52,3	100	
<b>Grave</b>	3	15,8	14	73,7	100	

Fonte: Elaborada pelo autor

## 11.2 Análise univariada para ocorrência de violência sexual por tipo de direcionalidade em casais de namorados adolescentes

Os resultados da análise de regressão logística univariada são apresentados segundo as dimensões do modelo bioecológico, para agrupar as variáveis independentes selecionadas de acordo com a análise dos fatores associados para ocorrência da violência sexual entre adolescentes namorados.

A Tabela 5 apresenta, na dimensão relativa aos fatores processuais, as variáveis de violência na escola e violência na comunidade, tendo sido excluída da análise múltipla subsequente por apresentarem um valor de  $p > 0,20$ . As demais variáveis, cujo  $p < 0,05$ , estiveram fortemente associadas à ocorrência da violência sexual (caracterizando a direcionalidade).

**Tabela 5.** Direcionalidade da perpetração da violência sexual em casais de namorados adolescentes por fatores processuais selecionados

	Total	Direcionalidade da perpetração da violência sexual											
		Apenas homem perpetra				Apenas mulher perpetra				Ambos perpetram			
		N	%	OR	IC 95%	valor de p	%	OR	IC 95%	valor de p	%	OR	IC 95%
<b>Violência na escola</b>													
Não	138	48,6	1,00	-	-	38,5	1,00	-	-	44,2	1,00	-	-
Sim	146	51,4	1,20	0,57 - 2,52	0,69	61,5	1,81	0,56 - 5,81	0,321	55,8	1,42	0,85 - 2,39	0,18
<b>Violência na comunidade</b>													
Não	134	54,3	1,00	-	-	30,8	1,00	-	-	38,8	1,00	-	-
Sim	152	45,7	0,93	0,44 - 1,97	0,858	69,2	2,50	0,73 - 8,5	0,143	61,2	<b>1,75</b>	1,04 - 2,94	0,036

Fonte: Elaborada pelo autor

Na tabela 5 é possível perceber que não há significância considerável para determinar direcionalidade na violência na escola em nenhuma das categorias (apenas homem, apenas mulher e ambos perpetrando). Já no caso da violência na comunidade, a OR=1,75 para a bidirecionalidade da perpetração é corroborada com um  $p < 0,05$ . Os cálculos realizados apresentam associação entre o presenciar da violência na comunidade e a perpetração da violência reciprocamente entre jovens dos sexos masculinos e feminino. A manifestação bidirecional da violência sexual neste público foi uma tônica em todas as variáveis estudadas que foram significativas. É importante reafirmar que a camada dos processos é dada por mecanismos muito particulares de interação entre o organismo e o ambiente, favorecendo ao desenvolvimento desta relação.

Os fatores pessoais dão a dimensão dos caracteres determinados em caráter biopsicológico e ambiental. Estes, por sua vez, são responsáveis pelas demandas pessoais de ação e reação frente ao ambiente como um todo. Para tal, foram determinados como componentes deste conjunto fatores como a cor da pele, religião e experiência sexual.

**Tabela 6.** Direcionalidade da perpetração da violência sexual em casais de namorados adolescentes por fatores pessoais selecionados

	Total	Direcionalidade da perpetração da violência sexual											
		Apenas homem perpetra				Apenas mulher perpetra				Ambos perpetram			
		N	%	OR	IC 95%	valor de p	%	OR	IC 95%	valor de p	%	OR	IC 95%
<b>Cor da pele</b>													
Branca/ parda	59	11,8	1,00	-	-	7,7	1,00	-	-	19,6	1,00	-	-
Preta/ Amarela/ Indígena	225	88,2	2,52	0,83 - 7,69	0,103	92,3	4,04	0,51 - 32,2	0,188	80,4	1,38	0,74 - 2,58	0,312
<b>Religião</b>													
Sim	206	72,7	1,00	-	-	92,3	1,00	-	-	66	1,00	-	-
Não	74	27,3	1,31	0,55 - 3,12	0,533	7,7	0,26	0,02 - 2,32	0,248	34	<b>2,11</b>	1,13 - 3,56	0,045
<b>Experiência sexual</b>													
Não	183	80	1,00	-	-	53,8	1,00	-	-	47,6	1,00	-	-
Sim	107	20	0,63	0,25 - 1,56	0,68	46,1	2,15	0,68 - 6,81	0,881	52,3	<b>2,76</b>	1,62 - 4,71	0,021

Fonte: Elaborada pelo autor

No quesito destinado aos fatores pessoais, conforme a Tabela 6, a prevalência da violência sexual não foi estatisticamente significativa em nenhuma das dimensões da direcionalidade para a cor da pele. As outras duas variáveis envolvidas ofereceram associação para a bidirecionalidade. O fato do jovem não ter religião não necessariamente deve ser confundida com o fato de serem ateus. O questionamento não foi feito nesses termos. Ainda assim, o fato de não declararem religião ofereceu uma OR=2,11, isto é, um risco duas vezes maior quando comparados aqueles declarantes de alguma corrente religiosa. Os adolescentes também não foram questionados sobre quais religiões os respondentes afirmativos faziam parte. A experiência sexual, por sua vez, também se apresentou estatisticamente significativa para a perpetração mútua da violência sexual entre os parceiros. Além disso, se mostrou mais fortemente associada que a anterior. A OR em 2,76 ofereceu um risco ainda maior de, ao participar de uma relação de namoro, o ou a adolescente vivenciar violência sexual mútua quando a pessoa entrevistada já havia mantido relação sexual anterior.

Os fatores temporais permitem observar o desenvolvimento humano ao longo do tempo. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner estabelece relações em diferentes camadas quanto à temporalidade em função do grau de penetração das relações entre sujeito e ambiente e a duração do episódio relacional. Neste bloco de informações, foram destinadas as variáveis de ter praticado violência em relações anteriores e a idade da primeira relação sexual.

**Tabela 7.** Direcionalidade da perpetração da violência sexual em casais de namorados adolescentes por fatores temporais selecionados

	Total	Direcionalidade da perpetração da violência sexual											
		Apenas homem perpetra				Apenas mulher perpetra				Ambos perpetram			
		N	%	OR	IC 95%	valor de p	%	OR	IC 95%	valor de p	%	OR	IC 95%
<b>Idade da primeira vez que transou</b>													
15 a 18 anos	75	85,7	1,00	-	-	83,3	1,00	-	-	66,0	1,00	-	-
10 a 14 anos	29	14,3	0,54	0,06 - 5,07	0,971	16,7	0,64	0,07 - 6,26	0,812	34,0	1,66	0,65 - 4,24	0,756
<b>Agrediu outros namorados(as)</b>													
Não	206	74,3	1,00	-	-	69,2	1,00	-	-	63,8	1,00	-	-
Sim	81	25,7	1,20	0,51 - 2,84	0,651	30,8	1,54	0,44 - 5,36	0,611	36,2	<b>1,97</b>	1,11 - 3,47	0,011

Fonte: Elaborada pelo autor

De acordo com a Tabela 7, é possível perceber não ter havido associação pelas faixas etárias de referência para o estudo em nenhuma das dimensões da direcionalidade. Já em relação ao histórico de agressão a outros namorados e namoradas, a relação afirmativa quanto ao ato agressivo aumenta em quase duas vezes o risco de haver perpetração de violência sexual mútua pelos parceiros no relacionamento atual.

A colocação socioeconômica e a concordância com normas sexuais masculinas e femininas fazem parte do que foi estabelecido no modelo bioecológico enquanto fator contextual. Neste estudo, para efeito de normas sexuais, foi considerado o fato de se aceitar a agressão em caso de suspeita ou fato do parceiro ou parceira olhar para outra pessoa, assim como de outra pessoa olhar para o parceiro ou parceira. Assim, a pessoa concordaria com a legitimidade de uma

agressão nestas condições. A Tabela 8 mostra que, como em todas as variáveis observadas e estatisticamente significativas até então, a associação foi verificada nas condições de mutualidade de violência sexual entre os parceiros, ficando a perpetração exclusiva, tanto para homens como mulheres, como estatisticamente insuficientes.

**Tabela 8.** Direcionalidade da perpetração da violência sexual em casais de namorados adolescentes por fatores contextuais selecionados

	Total	Direcionalidade da perpetração da violência sexual											
		Apenas homem perpetra				Apenas mulher perpetra				Ambos perpetram			
		N	%	OR	IC 95%	valor de p	%	OR	IC 95%	valor de p	%	OR	IC 95%
<b>Classes sociais</b>													
A1+A2+B1+B2	155	54,3	1,00	-	-	53,8	1,00	-	-	58,3	1,00	-	-
C+D+E	128	45,7	1,08	0,51 - 2,29	0,832	46,2	1,07	0,34 - 3,34	0,914	41,7	1,27	0,76 - 2,14	0,361
<b>Normas sociais masculinas</b>													
Controle	181	65,6	1,00	-	-	66,7	1,00	-	-	58,0	1,00	-	-
Caso	80	34,4	2,03	0,87 - 4,76	0,103	33,3	1,94	0,54 - 6,96	0,31	42,0	<b>2,82</b>	1,55 - 5,14	0,001
<b>Normas sociais femininas</b>													
Controle	171	62,5	1,00	-	-	58,3	1,00	-	-	60	1,00	-	-
Caso	85	37,5	1,69	0,74 - 3,84	0,212	41,7	2,01	0,6 - 6,78	0,261	40	<b>1,88</b>	1,05 - 3,36	0,035

Fonte: Elaborada pelo autor

Como afirmado anteriormente, tanto nas normas sociais masculinas quanto femininas, a associação da concordância com o risco de ver perpetrada a violência sexual foi considerada para a mutualidade do ato agressivo. Entre as mulheres, a OR=1,88 demonstrou que o fato das mesmas concordarem em reagir ao sinal de seu parceiro a outra investida, ou reagir a uma terceira pessoa quando investindo em seu parceiro, aumenta em quase duas vezes o risco de violência sexual mútua neste relacionamento. Já entre os homens, a associação foi ainda mais forte com a OR=2,82 e um risco quase três vezes maior de reproduzir a violência sexual de maneira bidirecional quando o jovem concorda com as mesmas normas sociais.

### 11.3 Análise multivariada para ocorrência de violência sexual por tipo de direcionalidade em casais de namorados adolescentes

Na análise conjunta das variáveis, a única mantida associada à ocorrência foi  $p < 0,5$ , relativo à agressão a outros namorados ou namoradas, cuja dimensão esta caracterizada no modelo bioecológico em nível temporal. As demais associações saíram do modelo final. A diferença entre as análises univariada e multivariada é que a primeira realiza cálculos item a item e a segunda trabalha com o conjunto de variáveis disponíveis, o que a impede de apresentar hipóteses. Devido a isso, a testagem multivariada deve ser realizada com mais acuidade que a univariada, no intuito de evitar resultados superficiais e facilmente questionáveis.

Conforme é possível de se notar na Tabela 9, a agressão a outros namorados e namoradas testou positivo para a análise multivariada descrita na metodologia exposta para a presente pesquisa. Esta, por sua vez, apresentou associação revelando uma  $OR=2,68$ , isto é, um risco pouco maior que duas vezes e meia maior de haver perpetração mútua da violência sexual entre os parceiros, quando do histórico prévio de agredir outros namorados ou namoradas em relacionamentos anteriores.

**Tabela 9.** Direcionalidade da perpetração da violência sexual em casais de namorados adolescentes por agressão a outros namorados e namoradas, por análise multivariada

	Apenas homem perpetra			Apenas mulher perpetra			Ambos perpetram		
	OR	IC 95%	valor de p	OR	IC 95%	valor de p	OR	IC 95%	valor de p
<b>Agrediu outros namorados(as)</b>									
Não	1,00	-	-	1,00	-	-	1,00	-	-
Sim	1,33	0,50 - 3,53	0,563	2,99	0,86 - 10,37	0,084	<b>2,68</b>	1,40 - 5,14	0,003

Fonte: Elaborada pelo autor



## 12 DISCUSSÃO

A perspectiva da perpetração da violência sexual em namorados adolescentes ainda não conta com uma quantidade satisfatória de dados empíricos na literatura. Muito da produção ainda se atém na polarização entre o homem-perpetrador / mulher-vítima, rico/pobre, branco/negro, entre outros, reduzindo ainda mais o campo para a discussão desta modalidade violenta. Muitos parâmetros capazes de constituir um perfil mais fidedigno desta situação ainda são pouco ou não-explorados. Autores como Barter (2009), ao se aprofundar sobre a temática, afirmam que ainda são poucos os estudos endereçados à perpetração da violência por adolescentes.

Outro ponto de estrangulamento para pesquisas neste campo são os instrumentos construídos para captação destas informações. Como argumenta Fernández-Fuertes et al. (2006), grande parte das ferramentas foram desenhadas para interpretar a violência em relacionamentos afetivo-sexuais de adultos. Necessariamente, por uma importante questão de desenvolvimento, este tipo de vivência na adolescência obedece outra dinâmica, uma lógica diferente. As três escalas mais requisitadas neste tipo de estudo são a Psychological Maltreatment Women Inventory (PMWI), Sexual Experiences Survey (SES) e, a mais utilizada, a Conflict Tactics Scale (CTS2). A Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI), propõe-se a fundamentar informações específicas acerca da violência dos adolescentes em relação de namoro, incluindo aí a violência sexual. Ainda assim, outra limitação importante se impõe para o trabalho e diz respeito a questões de ordem metodológica. A CADRI, apesar de demonstrar boa consistência interna e boa aceitação pelos adolescentes para relatar violência na relação de namoro, tem nas meninas um foco de resistência para o caso específico do relato da violência sexual, por exemplo (WOLFE et al., 2001).

Uma das maiores limitações do estudo diz respeito ao tamanho da amostra. Há ainda as questões inerentes aos estudos transversais causados, sobretudo, por serem os dados sobre o desfecho (violência sexual) e a exposição (variáveis independentes) coletados em um mesmo ponto no tempo. Contudo, isso não impede de identificar fatores associados. Sublinha-se que os resultados

analisados devem ser analisados com cautela, tendo em vista as limitações inerentes ao desenho e, principalmente, ao tamanho da amostra.

Abordar este tipo de violência significa debater em grande parte sob o guarda-chuva das teorias de gênero. Praticamente todas as pesquisas partem do princípio que este é um tipo de agressão perpetrada por homens numa relação assimétrica (MATOS et al., 2006). Certamente esta pesquisa reitera que, quando observadas as perpetrções isoladas de homens e mulheres, os primeiros são mais prevalentes. Entretanto este é um fenômeno que, assim como em suas manifestações físicas e psicológicas, sua produção está distante de representar exclusividade do sexo masculino. E, se os estudos reportando a violência sexual de adolescentes contra parceiros afetivos não são de fácil disponibilidade, os dados referentes à perpetrção por garotas em relações de namoro se tornam ainda mais raros (WILLIAMS et al., 2008). Ainda assim, levantamentos bibliográficos realizados por Hickman et al. (2004), por exemplo, encontraram variações na perpetrção deste tipo violento variando de 2% a 24% entre as garotas e de 3% a 37% entre os garotos.

A maior prevalência entre as garotas da violência sexual pelos graus leves e moderados, além dos homens mais propensos, em relação às mulheres, a uma manifestação mais grave, foi visualizada na pesquisa frente aos namorados adolescentes da cidade do Recife. Na literatura científica este é um dado recorrente, compartilhado, por exemplo, por autores como Archer (2000), Wolfe et al. (2001) e Shorey et al. (2008). Ao mesmo tempo é possível perceber carências em pesquisas que abordem o desenvolvimento cíclico da violência sexual no intuito de compreender como as formas mais graves do fenômeno chegam a tal ponto.

Características como sexo, cor da pele, religião e experiência sexual, de acordo com as características do modelo bioecológico de Bronfenbrenner, representam fatores relacionados à pessoa. Estes caracteres, de acordo com o autor, são determinados em caráter biológico, psíquico e social, por ocasião de sua interação com o ambiente. São caracteres do desenvolvimento humano agrupados por força (elementos que dinamizam o desenvolvimento os impulsionando à organização ou desorganização), recursos (habilidades, experiências e conhecimentos necessários à movimentação do sistema) e demandas (situações

que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social) (BRONFENBRENNER, 2002; NARVAZ, KOLLER, 2004).

Quando considerada a dimensão do sexo dos entrevistados, em termos de prevalência, os garotos recifenses oferecem indicador quase três vezes maior para a perpetração exclusiva da violência sexual que as garotas (12,3% x 4,3%). Ainda assim, os dados referentes a elas estão distantes do residual. Pesquisa realizada com adolescentes holandeses por de Bruijn et al. (2006) registrou, por autodeclaração dos respondentes, que os adolescentes do sexo masculino e do sexo feminino funcionaram como perpetradores em 72% e 54% dos casos. É imperativo considerar, para efeito de discussão, as particularidades de cada categoria sexual na produção do fenômeno. Diversas pesquisas atestam a perpetração feminina da violência sexual contra os parceiros de namoro está mais relacionada a beijos, toques e insinuações; a masculina diz respeito a formas mais severas, prosseguindo até a penetração (WEKERLE, WOLFE, 1999; COKER et al., 2000). Gámez-Guadix e Straus (2008), entretanto, apontam que a maioria dos estudos considera apenas os homens perpetrando coerção sexual contra as mulheres, ainda que algumas iniciativas, como a de BOROWSKY et al. (1997), já explorem também o contrário.

Entretanto, as propostas explicativas acerca da violência sexual ainda parecem não estar sensibilizados para a possibilidade de homens e mulheres perpetrarem conjuntamente a violência sexual numa mesma relação. De acordo com Foltz (2006), estes tipos de ocorrência ainda tem se concentrado na mulher enquanto vítima e no homem enquanto perpetrador. A não abordagem da bidirecionalidade da violência sexual é apontada por Gray e Foshee (1997) ao afirmarem que a maioria das pesquisas se dá numa perspectiva de polarização entre apenas perpetrador e apenas vítima, sem considerar as situações onde, na relação, a pessoa vivencia as duas situações.

Esta tendência foi apontada e, quando aplicada a metodologia nos adolescentes do Recife em situação de namoro, a perpetração da violência sexual por ambos os sexos percebeu 34,8% das 290 entrevistas válidas. Wekerle e Wolfe (1999) atestaram que nas mais diversas manifestações violentas, aí incluídas a sexual, homens e mulheres produzem esta agressão mutuamente. Os homens e as

mulheres, isoladamente perpetradores, foram responsáveis por prevalências de 12,3% e 4,6%, respectivamente. Já Foshee (1996), levando em consideração os sexos isolados, observou que 1,2% das garotas produziram violência sexual em seus relacionamentos de namoro assim como 4,5% dos garotos. Borowsky et al. (1997) percebeu, independente da relação de namoro, uma perpetração de 4,8% de meninos e 1,3% de meninas. Ao mesmo tempo, Schiff e Zeira (2005) executaram a escala CADRI para promover inquérito entre jovens namorados israelenses e encontraram prevalência de perpetração da ordem de 25% para os garotos e 11,8% para as garotas.

As questões relativas à etnia ainda podem ser classificadas como polêmicas. Apesar de não ter se apresentado estatisticamente significativo na pesquisa, o tema foi observado na literatura científica. O primeiro problema vem da origem de sua incorporação enquanto categoria de análise para as pesquisas científicas. Giovanetti et al. (2007), afirmam que no setor saúde a coleta destes dados não consegue ser contínua e sistemática. Infelizmente esta é uma informação que tanto seus defensores quanto detratores evocam o preconceito para exigir sua inclusão ou exclusão. Para compreender algumas comparações, sobretudo quando feita com outros países, é importante perceber que as informações são coletadas de maneiras distintas. De acordo com Adorno et al. (2004), enquanto o sistema classificatório brasileiro é baseado nas categorias do IBGE e na autodeclaração, no modelo americano este é realizado por pesquisa de ancestralidade. Glass et al. (2003), no campo da violência sexual em adolescentes, afirmam que a pesquisa pelo prisma da diversidade étnica ainda estão em número bastante reduzido.

Borowsky et al. (1997), realizando inquérito com estudantes adolescentes de uma escola americana, percebeu uma maior prevalência da perpetração da violência sexual por hispânicos (12%) e negros (11,6%), enquanto os brancos referiram o ato em 4,1% dos casos. Já entre as garotas, a perpetração foi maior entre as negras (3,7%) e indígenas (3,1%), com as brancas operando em 1,1% das ocasiões. Em pesquisa realizada por Watson et al. (apud GLASS et al., 2003), jovens afroamericanos, tanto homens quanto mulheres, reportaram um alto nível de vitimização pela violência sexual, sobretudo na faixa compreendida entre os 15 e 24 anos.

A larga maioria dos relatos de violência sexual foi feita por namorados adolescentes com alguma veiculação religiosa. Entretanto, para a perpetração mútua desta modalidade agressiva, não possuir uma religião apresentou um risco pouco mais de duas vezes maior relativo aqueles que a possuíam (OR=2,11). Este tipo de aferição na literatura científica não é regular na inclusão dos adolescentes. Poucas são as incursões neste campo, sobretudo acerca da perpetração. Por sua vez, em estudo realizado com colegiais chilenas, Lehrer et al. (2007) demonstrou que a participação em serviços religiosos aos 14 anos de idade estava associado a odds reduzidos de vitimização sexual (OR=0,7). A vivência de uma crença neste campo, entretanto, não foi suficiente como fator de proteção para os rapazes chilenos.

O tempo é outro pilar de compreensão do modelo bioecológico. Transcendente aos demais fatores, está relacionado a condições cronológicas que acompanham o desenvolvimento humano. Cada evento pode acontecer em durações variáveis, com potencial de estabilidade também variável em função da força dos acontecimentos. Alguns funcionam em escalas mínimas de tempo, quase instantâneas; outras demoram mais e podem ser observadas de maneira processual; já outros transcendem a própria existência, permanecendo por décadas. No caso desta pesquisa, os fatores envolvidos podem ser alocados em nível de mesotempo, por ocasião de períodos de tempos intermediários (BRONFENBRENNER, 2002; NARVAZ, KOLLER, 2004).

A idade de início da vivência sexual é importante indicador a ser comparado com a perpetração da violência sexual e, apesar de não ter sido significativo pela metodologia adotada, o relato de outras pesquisa o torna pertinente. Dados de Ferraz et al. (2006) apontam para uma iniciação sexual de rapazes mais precoce (14,6 anos) que a de mulheres (15,5 anos). Na mesma pesquisa, observou-se que 18% dos garotos vivenciaram relacionamento sexual antes dos 12 anos. Já entre as garotas, este referencial foi vivenciado por cerca de 3% delas. A precoce experimentação sexual, para as mulheres, pode representar também o contato precoce com a violência sexual. Pesquisa realizada pelo International Women's Health Coalition (2008) em sete países observou que, na maioria dos casos, quanto mais nova a jovem, maior o risco de sofrer violência sexual. No Peru urbano, por exemplo, 45% das meninas com menos de 15 anos

vivenciaram sua primeira relação sexual forçada. No Brasil urbano 14% das garotas nesta faixa etária vivenciaram a mesma experiência. Já Coker et al. (apud GLASS et al., 2003) relatou, em pesquisa com universitárias da Carolina do Sul, que 16,2% das adolescentes sexualmente ativas declararam terem sido vítimas de sexo forçado enquanto que 5,3% assumiram a postura de perpetrar a relação sexual não-consentida.

Warkentin (2004, 2008) afirma que homens agressores sexuais iniciam sua vida sexual mais cedo que aqueles que não apresentam este comportamento. Ao mesmo tempo, a autora afirma não existir muitas pesquisas atestando a relação entre o início da vida sexual e a violência sexual no namoro. Glass et al. (2003) perceberam na literatura que a atividade sexual precoce representava fator associado para a violência no namoro.

A perpetração da violência no namoro foi tida como associada à violência mútua entre os pares e agressão sexual por Ozer (apud MAGANELLO, 2008). No sentido da vitimização, Smith et al. (2003) perceberam que mulheres as quais sofreram ataque físico no namoro foram significativamente mais propensas a sofrerem atentado sexual no período de um ano. Swart et al. (2002), em pesquisa realizada com namorados adolescentes na África do Sul, sugerem com seus dados que relacionamentos afetivos nesta faixa etária caracterizados por violência física são marcados por outras formas de violência, como a coerção sexual. A presente pesquisa não diz respeito à vitimização, entretanto a carência na obtenção de dados potencialmente comparáveis ao objeto da pesquisa leva à utilização de informações as quais, se não são perfeitamente compatíveis ao fenômeno da perpetração, ao menos favorece acerca da reflexão acerca da violência sexual em adolescentes vivenciando relações afetivas. No caso da pesquisa com os jovens pernambucanos, o fato de um parceiro ou parceira ter histórico de agressão em namoros prévios, ofereceu exposição para a perpetração da violência sexual em relação à agressão sexual mútua entre os pares, no mesmo curso de relacionamento.

Os fatores contextuais se referem a condições próprias do ambiente onde está inserida a pessoa em desenvolvimento. Envolve os papéis sociais, relações interpessoais em ambientes que podem ser desde o mais próximo do indivíduo (familiares, amigos, colegas de turma) até entornos os quais a pessoa

deixa de ter influência direta (BRONFENBRENNER, 2002; NARVAZ, KOLLER, 2004).

Autores como Gómez (2010) afirmam que a violência na adolescência, vista em todas as suas manifestações, torna-se mais propensa a acontecer quando os mesmos habitavam lares cujos responsáveis percebiam baixa remuneração. Entre os garotos norteamericanos, o próprio comportamento sexual de risco, como a vivência sexual precoce, é potencializado em adolescentes que vivem em lares sustentados com baixa remuneração, segundo pesquisa da The Allan Guttmacher Institute (2002). Este é um processo que segue a própria questão do comportamento sexual. Estudo realizado na Cidade do Cabo, na África do Sul, constatou que adolescentes na faixa dos 15 aos 19 anos sem recursos suficientes para suas necessidades básicas percebiam quase duas vezes mais risco de iniciar sua vida sexual precocemente que aqueles que gozavam de algum conforto (MATHEWS et al., 2008). Quando direcionada à mulher, por exemplo, a violência ocorre em todas as classes econômicas, entretanto, na pobreza é onde ela fica mais exposta (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2005). Ainda de acordo com a publicação da Organização Mundial da Saúde, assim como em muitos outros materiais, muito da violência sexual na adolescência é relacionada numa combinação de fatores, entre eles a frustração. No âmbito da pesquisa, a variável se mostrou como de interesse apesar de não ter sido significativa em termos estatísticos.

Entretanto, a perpetração da violência sexual pode ser associada com a aceitação de normas sexuais masculinas e femininas. No caso da CADRI traduzida por Avanci (2007), estas dizem respeito ao “direito” do garoto ou da garota agredirem outro ou outra que “dê em cima” de sua companhia íntima. Além disso, é avaliado pelo prisma do garoto ou garota merecer apanhar ao ser infiel nesta relação. Outros estudos estabelecem outros parâmetros para compreender a questão destas normas. Lacasse e Mendelson (apud BARTER, 2009) encontraram que mulheres vítimas de coerção sexual exibiam baixa-estima e mais atitudes sexistas que as demais participantes. Ao mesmo tempo, homens perpetradores de coerção sexual demonstravam possuir mais atitude sexista que outros. Em levantamento realizado junto a adolescentes holandeses, de Bruijn et al. (2006) constatou que adolescentes com regras mais tradicionais acerca de concepções de gênero tenderam a ser mais perpetradores que aqueles que aceitam mais facilmente

os limites das demais pessoas. Silverman et al. (2006) executou um estudo exploratório onde adolescentes do sexo masculino identificados como abusadores ou de alto risco para o abuso sexual o fizeram entremeados por interseções com normas sociais estabelecidas e sistemas de crença. Gagne e Lavoie (apud SWART et al., 2002), afirmam que alguns garotos e garotas crêem na violência física como uma forma aceitável de comportamento no namoro e uma demonstração de amor. Entre os namorados e namoradas adolescentes do Recife, a aceitação destas normas representou risco para as situações de perpetração bidirecional, onde, tanto homem quanto mulher, promove a violência sexual. O mesmo se observou em relação à associação com a aceitação das normas sexuais femininas para ambos os sexos.

Os fatores processuais, por sua vez, funcionam como guarda-chuva dos demais pilares do modelo bioecológico. É nele onde se dão as energias que determinam os processos proximais a serem movimentados nos demais fatores envolvidos. Estes determinarão se o estímulo fornecido será de competência, isto é, passível de ser utilizado com conhecimento, habilidade e capacidade; ou de disfunção, quando a pessoa apresenta dificuldades de manter o controle e o comportamento equilibrado nos domínios do desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2002; NARVAZ ; KOLLER, 2004).

Carr e Vandusen (2002) apresentam a escola enquanto uma arena para a disseminação da violência no namoro, inclusive em sua dimensão sexual. É neste ambiente onde o adolescente socializa com maior frequência, passa a constituir círculos sociais mais amplos, inclusive, geograficamente. No estudo com os adolescentes do Recife, a violência escolar pelo valor de  $p$  alto (0,18), não pode se afirmar estatisticamente a associação e posterior risco.

Já em relação à violência na comunidade, Barter (2009), promoveu revisão na literatura científica, onde diversos estudos atestaram que jovens envolvidos em violência comunitária são mais propensos a experimentar violência no namoro como perpetrador e vítima. Na realidade da capital pernambucana os dados se confirmaram em relação à perpetração bidirecional da violência sexual, cujo risco de vivenciar violência na comunidade é 1,75 vezes maior que entre aqueles que não a presenciaram.



## 13 CONCLUSÕES

Talvez a principal contribuição desta pesquisa não esteja nas prevalências obtidas ou dos fatores associados aferidos. Talvez o maior legado deste estudo esteja na ampliação do foco sobre a questão da violência sexual, por explorar como público os adolescentes em suas relações afetivo-sexuais. Outra proposição mais efetiva diz respeito à exploração da perpetração deste tipo violento, sobretudo numa tradição científica de perceber este fenômeno pelo espectro da vitimização.

A pesquisa não se dedica a desconstruir teorias ou propostas consagradas, mas a atualizar seus conceitos diante de uma temática curiosamente tão pouco explorada. A incursão no terreno da direcionalidade, consagrada pelas pesquisas de Murray Straus, permite ampliar a discussão além da polarização entre homens e mulheres. A violência não é necessariamente um terreno de responsabilidade una de um ou de outro. Dá-se em um contexto claro de alimentação e retroalimentação. Como objeto de pesquisa, a bidirecionalidade, isto é, a produção da violência sexual por ambos os componentes da relação afetiva, foi alvo de risco para todas as dimensões abordadas no inquérito.

Certamente o estudo favorece a reflexão sobre o papel masculino na perpetração da violência sexual, mas expõe a carência flagrante da consideração da mulher como um agente promotor deste fenômeno até então associado atavicamente quase como exclusividade dos homens. As adolescentes perpetram a violência sexual e esta é uma condição a ser aprofundada para efeito da constituição de programas e projetos que venham a enfrentar este problema social. Ampliar o foco de discussão acerca da bidirecionalidade significa contribuir para propostas de intervenção pela perspectiva do casal e não na exclusividade de ações direcionadas ao homem ou à mulher. A pesquisa traz subsídios para se aprofundar na prevenção à violência conjugal e daquelas direcionadas aos filhos e filhas deste casal, podendo servir para quebrar um ciclo de agressões no futuro.

O histórico de agressão em relacionamentos anteriores, a veiculação à aspectos religiosos, a vivência de relação sexual anterior, concordância com as normativas sexuais masculinas e femininas, violência na comunidade, não

apresentaram discrepância com as evidências apontadas pela literatura. Efetivamente, é importante salientar a escassez de referências científicas que favoreçam a uma comparação ampla com o fenômeno entre diferentes realidades. Não raro, várias análises foram feitas tomando como base a vitimização, por exemplo. Ainda assim, foi possível perceber que tanto em termos de prevalência quanto nos fatores associados os dados vêm a reforçar um perfil que venha a favorecer o planejamento ações de prevenção no campo das políticas públicas de saúde, assistência social, segurança pública, educação, entre outros.

O namoro para os adolescentes representa muito mais que a possibilidade de formação de um par. É o espaço da descoberta do corpo como expressão de sua sexualidade e a possibilidade do compartilhamento de opiniões. Namorar também está relacionado com o gerenciamento de frustrações, negativas e discordâncias. É o lugar da expectativa, do amor romântico e da projeção do futuro. É *locus* de intensidade de sentimentos e atitudes. Ao mesmo tempo, é neste período e espaço que as atitudes, diferentemente da recém-deixada infância, passam a ter conseqüências sérias. Pode ser a gravidez precoce, as DST, o relacionamento familiar conturbado ou a violência e, entre elas, a sexual.

A pesquisa reflete o sinal de um novo tempo. Conquistar liberdades não é garantia de uma convivência melhor e mais saudável entre as pessoas. A liberdade é um estado apenas e depende do desempenho das pessoas livres. Há cinquenta anos talvez esta realidade de garotas perpetrando isolada ou mutuamente violência sexual fosse improvável. Nesta época as mulheres eram criadas para o serviço da casa, a obediência aos padrões masculinos. Sofriam as violências quase que com exclusividade. Hoje, a conquista de direitos de igualdade confere a elas não apenas o local no mercado de trabalho ou na escolha dos parceiros, mas também nos relatos cada vez mais comuns de sua participação ativa nos processos violentos. Talvez tenha chegado ao fim a época onde reações mais agressivas de mulheres eram encaradas como simples caprichos.

Para os homens os tempos também mudaram. A possibilidade de ter que dividir com as mulheres espaços e oportunidades anteriormente masculinas por natureza estão modificando paradigmas e quebrando dogmas. Obviamente isso não se dá da mesma forma e ritmo em todos os estratos da população. Alguns evoluem

mais rapidamente, ajustam-se com mais presteza. Outros não. Refletem ilhas de preservação de um mundo erigido sobre a base do machismo e patriarcado. E a possibilidade de interpretarmos este futuro está justamente na exploração de como se desenvolve a adolescência em termos de ações, reações, valores, pensamentos. São pessoas em formação da personalidade, na construção de círculos sociais, moldando como será seu comportamento e atitude na vida adulta. Por isso é tão importante compreender esta fase.

Conclui-se, portanto, que a sociedade pode se beneficiar imensamente de pesquisas neste campo, com este público e nesta perspectiva. Observar a prevalência e os fatores associados para a perpetração da violência sexual em namorados adolescentes é uma forma de subsidiar ações que venham a prevenir adultos em relações violentas. Ao mesmo tempo, cabe à academia aprofundar o tema no intuito de diversificar os dados e qualificar sua discussão por uma ótica onde homens e mulheres possam ser considerados na dinâmica das relações sociais e não pelo estabelecimento de lugares estáticos para perpetradores e vítimas.



## 14 RECOMENDAÇÕES

A partir dos resultados obtidos com o estudo é possível proceder a algumas recomendações que se seguem:

- a) a realização de pesquisas que se aprofundem no fenômeno da violência entre adolescentes, sobretudo naqueles em situação de namoro, além da perpetração;
- b) inclusão do sentido bidirecional da violência, tanto em nível de perpetração quanto em vitimização, no intuito de fornecer informações mais fidedignas sobre a expressão da violência na sociedade;
- c) constituição de políticas públicas de enfrentamento à violência entre os adolescentes com base em uma perspectiva real de gênero em contraposição a uma intervenção polarizada entre o homem-perpetrador e a mulher-vítima.

## **REFERÊNCIAS**

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Rubens de C.F.; ALVARENGA, Augusta Thereza de; VASCONCELLOS, Maria da Penha. Quesito cor no sistema de informação em saúde. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 50, Apr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 abr. 2010.
- ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. **Psicologia: Teoria e prática**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 105-120, jun. 2004.
- ALMEIDA FILHO, N. de; ROUQUAYROL, M. Z. Desenhos de pesquisa em epidemiologia. In: ALMEIDA FILHO, N. de; ROUQUAYROL, M. Z. **Introdução à epidemiologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 168-207.
- AMARAL, M.A.; FONSECA, R.M.G.S. Entre o desejo e o medo: as representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 40, n. 4, p.469-476, dez. 2006.
- ARCHER, J. Sex Differences in Aggression Between Heterosexual Partners-A Meta-Analytic Review. **Psychological Bulletin**, Lancashire, v. 16, n. 5, p. 651-680, set. 2000.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- ASSIS SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Publica**. Washington, v.16, n.1, p.43-51, jul. 2004.
- ASSIS, S.G.; AVANCI, J.Q. **Labirinto de espelhos**: a formação da auto-estima na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- ASSIS, S.G.; PESCE, R.O.; AVANCI, J.Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de Classificação econômica Brasil**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/CMS/Utils/FileGenerate.ashx?id=46>> Acesso em: 21 abr. 2010.
- AVANCI, J. Q. et al. Adaptação Transcultural de Escala de Auto-Estima para Adolescentes. **Psicologia: revisão e crítica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 397-405, 2007.
- AVENA, D.T. A violência doméstica nas relações lésbicas: realidades e mitos. **Revista Aurora**, Campinas, n. 7, p. 99-111, jan. 2010.

BANDURA, A.; ROSS, D.; ROSS, S.A. Imitation of film-mediated aggressive models. **Journal of Abnormal and Social Psychology**. Stanford, v. 66, n. 1, p. 3-11, jan. 1963.

BARTER, C. In the Name of Love: Partner Abuse and Violence in Teenage Relationships. **British Journal of Social Work**, Bristol, v. 39, n. 2, p. 211-233, 2009.

BASILE, K.C.; et al. The theoretical and empirical links between bullying behavior and sexual violence perpetration. **Aggression and Violent Behavior**, Fort Lauderdale, v. 14, n. 5, p. 336-347, 2009.

BASTOS, J.L. et al. Diferenças socioeconômicas entre autoclassificação e heteroclassificação de cor/raça. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 324-334, 2008.

BAUMAN, Z. **Amor líquido** – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 5. Imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERTOL, S.R.S. Convergências e divergências na comunicação primária e na comunicação secundária do câncer de mama. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, v. 53, n. 4, p. 420-426, dez. 2009.

BEZERRA, E.A.D. Além do crime: sociabilidade e mobilidade urbana contribuindo pra a compreensão da violência na cidade do Recife-PE. In: SÁ, Alcindo José de. **Pelo Direito à Vida: A construção de uma Geografia Cidadã**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

BLACK B.M. et al. When Will Adolescents Tell Someone About Dating Violence Victimization? **Violence Against Women**, Arlington, v.14, n. 7, p. 741-758, jul. 2008.

BOROWSKY, W.; HOGAN, M.; IRELAND, M. Adolescent sexual aggression: risk and protective factors. **Pediatrics**, Elk Grove Village, v. 100, n. 6, p. 1-8, dez. 1997.

BOOGAART, E.D. et al. **Viver e Morrer no Brasil Holandês**. Recife: Fundaj. Massangana, 2007.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal**. Brasília, 1940. Disponível em : <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm)>. Acesso em: 20 jan. 2010.

BRASIL. Departamento de Informática do SUS. **Informações em Saúde**, 2008. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/>. Acesso 27. jan. 2010

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório final de pesquisa**. Violência entre namorados adolescentes: um estudo em dez capitais brasileiras. Brasília, Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências**. Portaria MS/GM nº 737 de 16.05.01 Brasília, 2001 (Série E. Legislação de Saúde, nº 8).

BREILH, J. **Las tres “S” de La determinación de la vida y el triângulo de la política**. Seminário rediscutindo a questão da determinação social da saúde. 2010. Salvador: Centro Brasileiro de Estudos de Saúde. 2010. Disponível em: <http://www.cebes.org.br/media/File/Jaime%20Breilh.ppt>. Acesso em 21. jun.2010.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

de BRUJIN, P.; BURRIE, I.; WEL, F. A risky boundary: Unwanted sexual behaviour among youth. **Journal of Sexual Aggression**, Utrecht, v. 12, n. 2, p. 81-96, jul. 2006.

CAMPOS, M.A.M.R.; SCHOR, N. Violência sexual como questão de saúde pública: importância da busca ao agressor. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 190-200, set. 2008.

CANADÁ. Public Health Agency of Canada. **Violence in Dating Relationships: An Overview Paper**. Ottawa: Public Health Agency of Canada, 2006.

CARR, J.L.; VANDEUSEN, K.M. The relationship between family of origin Violence and dating violence in college men. **Journal of International Violence**, Oslo, v. 17, n. 6, p. 630-646, jun. 2002.

CHEISNAIS, J.C. A violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para sua prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, pg. 53-69, 1999.

CHIODO, D. et al. Impact of Sexual Harassment Victimization by Peers on Subsequent Adolescent Victimization and Adjustment: A Longitudinal Study. **Journal of Adolescent Health**, San Francisco, v. 45, n.3, p. 246-252, set. 2009.

COKER, A.L. et al. Severe Dating Violence and Quality of Life Among South Carolina High School Students. **American Journal of Preventive Medicine**, New York, v. 19, n. 4, p. 220-227, nov. 2000.

DADOUN, Roger. **A Violência: Ensaio Acerca do “Homo Violens”**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

DANTAS-BERGER, S.M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 415-425, abr. 2005.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al.(Org.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

DOBASH, R.E.; DOBASH, R.P. **Women, Violence and Social Change**. London and New York: Routledge, 1992.

DURKHEIM,E. Durkheim. In: CASTRO, A.M.; DIAS, E.F. (Org.) **Introdução ao Pensamento Sociológico**. 18. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 31-96.

DUTTON, L.B; STRAUS, M.A.; MEDEIROS, R.A. Gender Equality and Gender Hostility among University Students: A Multi-National Analysis. **Gender & Society** Amherst, 2006. No prelo.

FERNÁNDEZ-FUERTEZ, A.A.; FUERTES, A.; PULIDO, R.F. Evaluación de la violencia en las relaciones de pareja de los adolescentes. Validación del Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI) - versión española. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, Granada, v. 6, n. 2, p. 339-358, 2006.

FERRAZ, E.A. et al. Iniciação sexual de jovens: análise de variáveis a partir de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006. Caxambu. **Anais...** Caxambu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2006. p. 1-20.

FERREIRA, M.A. et al . Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 217-224, jun. 2007 .

FILHO, C. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 20-27, abr. 2001.

FISHER, B.S. **Measuring Rape Against Women: The Significance of Survey Questions**. Rockville: US Department of Justice, National Institute of Justice. 2004. Disponível em: <<http://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/199705.pdf>>. Acesso em: 25. jun. 2010.

FOLTZ, A.M. **Gender and dating violence**. 2006. Tese (Mestrado em Artes). Maryland: Faculty of Graduate School, University of Maryland, Maryland, 2006.

FOSHEE, V.A. Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types and injuries. **Health Education Research: Theory & Practice**, Oxford, v. 11, n. 3, p. 275-286, 1996.

FOSHEE, V.A.; BAUMAN, K.E.; LINDER, G.F. Family Violence and the Perpetration of Adolescent Dating Violence: Examining Social Learning and Social Control. **Processes Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 61, n.2, p. 331-342, mai. 1999.

FOSHEE V.A.; et al. Gender Differences in the Longitudinal Predictors of Adolescent Dating Violence. **Preventive Medicine**, New York, v. 32, n. 2, p. 128-141, fev. 2001.

FOSHEE, V.A; et al. Longitudinal predictors of serious physical and sexual dating violence victimization during adolescence. **Preventive Medicine**, New York, v. 39, n. 5, p. 1007-1016, nov. 2004.

FOULCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 25. ed.. São Paulo: Graal, 2008.

GAVIRIA M., M.R. Controle social expreso em representações sociais de violência, insegurança e medo. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 10, n. 20, p. 72-107, dez. 2008.

GAMEZ-GUADIX, M., ; STRAUS, M. A. Childhood and adolescent victimization and sexual coercion and assault by male and female university students. In:

INTERNATIONAL CONGRESS OF PSYCHOLOGY, Berlin, 2008. **Anais...** Berlin, 2008.

GENTTLEMAN, J. Symbol of unhealed Congo: Male Rape Victims. **The New York Times**, New York, p. A1, ago. 2009.

GIOVANETTI, M. R. et al. A implantação do quesito cor/raça nos serviços de DST/Aids no Estado de São Paulo. **Saude e Sociedade**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 163-170, ago. 2007

GLASS, N. et al. Adolescent Dating Violence: Prevalence, Risk Factors, Health Outcomes, and Implications for Clinical Practice. **JOGNN**, Malden, v. 32, n. 2, p. 227-238, abr. 2003.

GLICK P. et al. Beyond Prejudice as Simple Antipathy: Hostile and Benevolent Sexism Across Cultures. **Journal of Personality and Social Psychology**, Bloomington, v. 79, n. 5, p. 763-775, nov. 2000.

GOMES, R. A violência social em questão: referenciais para um debate em saúde pública. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5. n. 2, p. 93-100, abr. 1997.

GOMEZ, A.M. Testing the Cycle of Violence Hypothesis: Child Abuse and Adolescent Dating Violence as Predictors of Intimate Partner Violence in Young Adulthood. **Youth & Society**, Michigan, v. 41, n. 4, 2010. No prelo.

GRANJA, E.; MEDRADO, B. Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 1, pp.25-34, abr. 2009 .

GRAY, H.M; FOSHEE, V. Adolescent Dating Violence: Differences Between One-Sided and Mutually Violent Profiles. **Journal of Interpersonal Violence**, Washington, v. 12, n. 1, p. 126-141, fev. 1997.

HARNED, M.S. A Multivariate Analysis of Risk Markers for Dating Violence Victimization. **Journal of Interpersonal Violence**, Washington, v. 17, n. 11, p. 1179-1197, nov. 2002.

HAZAN, C.; SHAVER, P. Romantic love conceptualized as an attachment process. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 52, n. 3, p. 511-524, mar. 1987.

HEISE, L.; ELLSBERG, M.; GOTTEMOELLER, M. **Ending violence against women**. (Population Reports. Series L, No. 11.) Maryland: Population Information Program, Johns Hopkins University School of Public Health. 1999.

HICKMAN, L.H. et al. Dating violence among adolescents: Prevalence, Gender Distribution, and Prevention Program Effectiveness. **Trauma, Violence & Abuse**, Washington, v. 5, n. 2, p. 123-142, abr. 2004.

IBGE. **Censo 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

IBGE. **Cidades@**. 2008 Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

INTERNATIONAL WOMEN'S HEALTH COALITION. **Tríplice risco: adolescência feminina, violência sexual e HIV/AIDS.** 2008. Disponível em: <[http://www.iwhc.org/storage/iwhc/documents/triple\\_jeopardy\\_portuguese\\_final.pdf](http://www.iwhc.org/storage/iwhc/documents/triple_jeopardy_portuguese_final.pdf).> Acesso em: 12 abr. 2010.

JOHNSON, M.P. Conflict and Control: Gender Symmetry and Asymmetry in Domestic Violence. **Violence Against Women**, Kentucky, v. 12, n. 11, p. 1003-1018, nov. 2006.

KAHN, T. et al. **Projeto de pesquisa. O dia a dia nas escolas: violências auto-assumidas.** São Paulo: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente; Instituto Sou da Paz. 1999.

KINSFOGEL, K.M.; GRYCH, J.H. Interparental Conflict and Adolescent Dating Relationships: Integrating Cognitive, Emotional, and Peer Influences. **Journal of Family Psychology**, Washington, v. 18, n. 3, p. 505-515, set. 2004.

KLEINMAN, A. Concepts and a model for the comparison of medical systems as cultural systems. **Society, Science & Medicine**. Washington, v. 12, n. 2B, p. 85-93. Abr. 1978.

KOSS, M.P.; GIDYCH, C. Sexual experiences Survey: reliability and validity. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, Washington, v. 53, n. 3, p. 422-423, jun. 1985.

LEHRER, J.A. et al. Prevalence of and Risk Factors for Sexual Victimization In College Women in Chile. **International Family Planning Perspectives**, New York, v. 33, n. 4, p. 168-175, dez. 2007.

LEVANDOWSKY, D.C. **A transição para a parentalidade e a relação de casais de adolescentes.** Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LEVY, M.S.F. A escolha do cônjuge. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 117-133, jun. 2009.

LEWIS, S.F.; FREMOUW, W. Dating violence: a critical review of the literature. **Clinical Psychology Review**, New York, v. 21, n. 1, p. 105-127, fev. 2001.

MAGDOL, L. et al. Gender Differences in Partner Violence in a Birth Cohort of 21-Year-Olds: Bridging the Gap Between Clinical and Epidemiological Approaches. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, Washington, v. 65, n. 1, p. 68-78, fev. 1997.

MANGANELLO, J.A. Teens, Dating Violence, and Media Use: A Review of the Literature and Conceptual Model for Future Research. **Trauma, Violence & Abuse**, Washington, v. 9, n. 1, p. 3-18, jan. 2008.

MATHEWS, C. et al. Predictors of early first sexual intercourse among adolescents in Cape Town, South Africa. **Health Education Research**, Oxford, v. 24, n. 1, p. 1-10, jan. 2008.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 21-33, jun. 2005.

MATOS, M.; MACHADO, C.; CARIDADE, S.; SILVA, M.J. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 55-75, 2006.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p.809-840, dez. 2008.

MELLO, E.C. *Rubro Veio: O imaginário da restauração pernambucana*. 3.ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial. 2008.

MELO, A.S.A.F.; SANTANA, J.S.S. Sexualidade: concepções, valores e condutas entre universitários de biologia da UEFS. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 29, n. 2, p. 149-159, dez. 2005.

MINAYO, M.C.S. A Violência dramatiza causas. In: MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E.R. (Org.). **Violência Sob o Olhar da Saúde: A Infrapolítica da Contemporaneidade Brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 23-48.

MINAYO, M.C.S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **Histórias, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 513-531, fev. 1998.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MORRISON, S.; HARDISON, J.; MATHEW, A.; O'NEIL, J. **An Evidence-Based Review of Sexual Assault Preventive Intervention Programs**. New York: National Institute of Justice, 2004.

NARVAZ, M. G., ; KOLLER, S. H.. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In KOLLER, S. H. (Org.), **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil** (pp. 51-65). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NASCIMENTO, C.R.O. **Do amor em tempos de internet: análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

NASCIMENTO, F.S.; CORDEIRO, R.L.M. A violência nas relações entre casais de namorados. In: **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis. p. 1-9. 2008.

NASCIMENTO, E.F.; GOMES, R. Iniciação sexual masculina: conversas íntimas para fóruns privados. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, ago. 2009 .

NIEDERLE, P.A. Ciência, Poder e Produção Social na Natureza. In: SEMINÁRIO SOBRE SUSTENTABILIDADE, 3., 2008. Blumenau. **Anais...** Blumenau. FAE: Centro Universitário, 2008, p. 1-15.

OLIVEIRA, E.M. Violência sexual e as cicatrizes que ficam. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, a. 3, n. 2, p. 34-43, dez. 2009.

OLIVEIRA, M.S.; SANI, A. I.; A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.**, Porto, n. 6, p. 162-170, 2009.

Organização Mundial de Saúde. **Aplicaciones de la epidemiologia al estudio de los ancianos**. Série de informes técnicos. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 1984

\_\_\_\_\_. **World report on violence and health: summary**. Geneva, Organização Mundial da Saúde, 2002.

\_\_\_\_\_. **World health day: safe motherhood**. Geneva, 2008. Disponível em: <[http://www.who.int/docstore/world-health-day/en/pages1998/whd98\\_04.html](http://www.who.int/docstore/world-health-day/en/pages1998/whd98_04.html)>. Acesso em 12 de jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Addressing Violence Against Women and Achieving the Millennium Development Goals**. Geneva, 2005.

PEREIRA, M. G. Estrutura, vantagens e limitações dos principais métodos. In: \_\_\_\_\_. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 289-306.

PERES, F.; ROSENBERG, C.P. Desvelando a concepção de adolescência / adolescente presente no discurso da saúde pública. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 53-86, jul. 1998.

PIMENTEL, E. Amor bandido: as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6., 2008. Lisboa. **Anais...** Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2008. p. 1-14.

PINKER, S. **O paradoxo sexual: hormônios, genes e carreira**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano**. Versão 1.0.0: Software ESM Consultoria [S.I.], Brasília, 2003.

PORTO, M. S. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 8, n. 16, p. 250-273, dez. 2006.

PRÓSPERO, M.; KIM, M. Mutual Partner Violence Mental Health Symptoms Among Female and Male Victims in Four Racial/Ethnic Groups. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 24, n. 12, p. 2039-2056, dez. 2009.

RECIFE, Prefeitura do. **Perfil do Recife**. Disponível em : <<http://www.recife.pe.gov.br>>. Acesso em 10 fev. 2010.

REDE INTERGERANCIAL DE INFORMAÇÃO PARA A SAÚDE. **Índice de envelhecimento**. 2010. Disponível em: <<http://www.ripsa.org.br/fichasIDB/record.php?node=A.15&lang=pt&version=ed.>> Acesso em 12. jan. 2010.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self-image**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1989.

RUZANY, M.H.; MEIRELLES Z.V.; Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta. **Revista Adolescência & Saúde**. Rio de Janeiro, v. 6. n. 3. P.52-60, Setembro.2009.

SAMAJA, J. **A reprodução social e a saúde**. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.29-41, Abr. 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SHERER, M. The Nature and Correlates of Dating Violence among Jewish and Arab Youths in Israel. **Journal of Family Violence**, Washington, v. 24, n. 1, p. 11-26, 2009.

SHERER, P.; SHERER, M. Exploring reciprocity in dating violence among Jewish and Arab youths in Israel. **International Journal of Intercultural Relations**, Wellington, v. 32, n. 1, p. 17-33, jan. 2008.

SCHIFF, M.; ZEIRA, A. Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. **Child Abuse & Neglect**, Oxford, v. 29, n. 11, p. 1249-1263, nov. 2005.

SHOREY, R.C.; CORNELIUS, T.L.; BELL, K.M. A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. **Aggression and Violent Behavior**, v. 13, n. 3, p. 185-194, jul. 2008.

SILVERMAN, J. G. et al. Dating violence against adolescent girls and associated substance use, unhealthy weight control, sexual risk behavior, pregnancy, and suicidality. **JAMA: The Journal of the American Medical Association**, Havard, v. 286, n. 5, p. 572-579, 2001.

SIQUEIRA, M.J.T. A Constituição da Identidade Masculina: Alguns Pontos para Discussão. **Psicologia da USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, 1997.

SMITH, P.H.; WHITE, J.W.; HOLLAND, L.J. A longitudinal perspective on dating violence among adolescent and college-age women. **American Journal of Public Health**, Washington, v. 93, n. 7, p. 1104-1109, Jul. 2003.

SRICAMSUK, A. **Domestic violence against pregnant women: a thai perspective**. Tese (Doutorado em Filosofia). Brisbane: School of Nursing and Midwifery, Griffith University, Griffith, 2006. Disponível em: <<http://www4.gu.edu.au:8080/adt-root/uploads/approved/adt-QGU20070116.154749/public/02Whole.pdf>>. Acesso em 15 de fev. 2010.

SRINUAL, R. **Sexual violence: a study of in-school adolescents**. 2010 Tese (Doutorado em Filosofia). Nakhon Pathom: Faculty of Graduate Studies, Mahidol University, 2003. Disponível em: <<http://mulinet10.li.mahidol.ac.th/e-thesis/4136020.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2010.

STRAUS, M.A. Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. **Violence Against Women**, Washington, v. 10, n. 7, p. 790-811, jul. 2004.

STRAUS, M.A. Future Research on Gender Symmetry in Physical Assaults on Partners. **Violence Against Women**, Washington, v. 12, n. 11, p. 1086-1097, nov. 2006.

STRAUS, M.A. Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. **Children and Youth Services Review**, New York, v. 30, n. 3, p. 252-275, mar. 2008.

STRAUS, M.A.; Current controversies and prevalence concerning female offenders of intimate partner violence. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**. London, n. 18. p. 552-571. 2009.

STRAUS, M. A.; HAMBY, S. L.; BONEY-MCCOY; S.; SUGARMAN, D. B. The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. **Journal of Family Issues**, New York, v. 17, n. 3, p. 283-316. mai. 1996.

STRAUS M.A.; RAMIREZ, I.L. Gender Symmetry in Prevalence, Severity, and Chronicity of Physical Aggression Against Dating Partners by University Students in Mexico and USA. **Aggressive Behavior**, Washington, v. 33, n. 4, p. 281-290, ago. 2007.

STRAUS, M.A; SCOTT, K. Gender symmetry in partner violence: the evidence, the denial and the implications for primary prevention and treatment. **Prevention of Partner Violence**, 2007. No prelo.

SWART, L.; STEVENS, M.S.G.S.; RICARDO, I. Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. **Journal of Adolescence**, v. 25, n. 4, p. 385-395, ago. 2002.

THE ALLAN GUTTMACHER INSTITUTE. **In their own right**: addressing the sexual and reproductive health needs of American men. 2002. Disponível em <[http://www.guttmacher.org/pubs/us\\_men.pdf](http://www.guttmacher.org/pubs/us_men.pdf)> Acesso em 12. ago. 2010.

UNICEF. **Índice de desenvolvimento infantil**. Brasília, 2006. Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/IDI\\_2004.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/IDI_2004.pdf). Acesso em 20. dez. 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. **Onze teses sobre Feuerbach**. 2010. Disponível em: [http://www.unioeste.br/projetos/histedbropr/bibliografia/Teses\\_Feuerbach.pdf](http://www.unioeste.br/projetos/histedbropr/bibliografia/Teses_Feuerbach.pdf). Acesso em 20. jul. 2010.

UNIVERSITY OF MICHIGAN. **Psychological Maltreatment of Women Inventory**. 2010. Disponível em: <<http://sitemaker.umich.edu/pmwi/home>>. Acesso em: 22. fev. 2010.

VITO, D.; GILL, A.; SHORT, D. A tipificação do estupro como genocídio. **SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, ano 6, n. 10, p. 28-51, jun. 2009.

WARKETIN, J.B. **The use and acceptance of sexually aggressive tactics in college men**. 2004. Tese (Mestrado em Filosofia). Ohio: College of Arts and Sciences of Ohio University, Ohio, 2004.

WARKETIN, J.B. **Dating Violence and Sexual Assault Among College Men: Co-Occurrence, Predictors, and Differentiating Factors**. Dissertação (Doutorado em Filosofia). Ohio: College of Arts and Sciences of Ohio University, 2008.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2006: Os jovens do Brasil**. Brasília: Organização dos Estados Americanos, 2006.

WEKERLE, C.; WOLFE, D.A. Dating violence in mid-adolescence theory, significance and emerging prevention initiatives. **Clinical Psychology Review**, v. 19, n. 4, p. 435-456, jun. 1999.

WHITAKER, D.J. et al. Differences in Frequency of Violence and Reported Injury Between Relationships With Reciprocal and Nonreciprocal Intimate Partner Violence. **American journal of Public Health**. Washington, v. 97. n. 5. p. 941-947. mai. 2007.

WILLIAMS, J.R.; GHADOUR, R.M.; KUB, J.E. Female perpetration of violence in heterosexual relationships: adolescence through adulthood. **Trauma and Violence Abuse**, Washington, v. 9, n. 4, p. 227-249, out. 2008.

WOLFE, D.A.; FEIRING, C. Dating violence through the lens of adolescent romantic relationship. **Child Maltreatment**, New York, v. 5, n. 4, p. 360-363, nov. 2000.

WOLFE, D.A.; SCOTT, K; REITZEL-JAFFE, D; WEKERLE, C; GRASLEY, C; STRAATMAN, A. Development and Validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. **Psychological Assessment**, Washington, v. 13, n. 2, p. 277-293, jun. 2001.

WORLD GAZETTEER. **World: metropolitan areas**. 2010. Disponível em :<<http://www.world-gazetteer.com/wg.php?x=&men=gcis&lng=en&des=wg&srt=npan&col=abcdefghijklmnoq&msz=1500&va=&pt=a>>. Acesso em 25. jun. 2010.

YOUNG B.J.; FURMAN W. Interpersonal Factors in the Risk for Sexual Victimization and its Recurrence during Adolescence. **Journal of Youth and Adolescence**, Oxford, v. 37, n.3, p. 297-309, mar. 2008.



## Anexo A – Parecer do CEP



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz  
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca  
Comitê de Ética em Pesquisa



Rio de Janeiro, 11 de março de 2008.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – CEP/ENSP, constituído nos Termos da Resolução CNS nº 196/96 e, devidamente registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, recebeu, analisou e emitiu parecer sobre a documentação referente ao Protocolo de Pesquisa, conforme abaixo, discriminado:

**PROTOCOLO DE PESQUISA CEP/ENSP - Nº 07/08**  
**CAAE: 0011.0.031.000-08**

**Título do projeto:** “Violência entre namorados adolescentes. Um estudo em dez capitais brasileiras”

**Classificação no Fluxograma:** Grupo III

**Pesquisadora Responsável:** Maria Cecília de Souza Minayo

**Instituição onde se realizará:** Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/FIOCRUZ

**Tipo do projeto:** Projeto Individual

**Data de recebimento no CEP:** 19 / 02 / 2008

**Data de apreciação:** 10 / 03 / 2008

**Parecer do CEP/ENSP:** Aprovado. (Ad. Referendum)

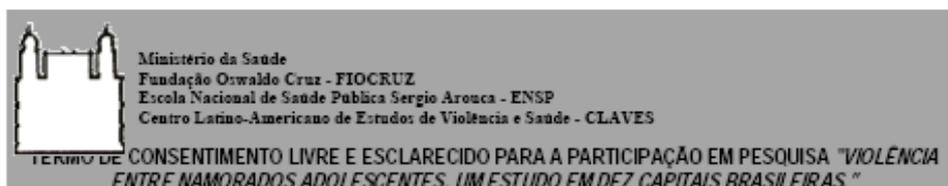
Ressaltamos que a pesquisadora responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (*item VII.13.d, da resolução CNS/MS Nº 196/96*) de acordo com o modelo disponível na página do CEP/ENSP na internet.

Esclarecemos, que o CEP/ENSP deverá ser informado de quaisquer fatos relevantes (incluindo mudanças de método) que alterem o curso normal do estudo, devendo a pesquisadora justificar caso o mesmo venha a ser interrompido.

  
**PROF. SERGIO REGO**  
 Coordenador do Comitê de  
 Ética em Pesquisa  
 CEP/ENSP



## Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Prezado(a) aluno(a),

O Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ), convida você, aluno(a) da 2ª série do ensino médio (segundo segmento) deste estabelecimento a participar da pesquisa **"VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS."**, sob a coordenação da Drª Maria Cecília de Souza Minayo, da Drª Simone Gonçalves de Assis e da Drª Kathie Njaine.

Este estudo pretende investigar como os adolescentes de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, vivenciam situações de violência que podem ocorrer nas experiências de namoro (dentre elas o "ficar").

Você está convidado(a) a preencher um questionário que aborda temas sobre relacionamento familiar, namoro, amizade, uso de substâncias, apoio social e violência, cujo preenchimento levará aproximadamente uma hora. Alguns alunos serão convidados a participar de uma entrevista que discutirá estas questões mais detidamente e pedimos sua permissão para gravá-la para que possamos ser fiéis ao seu relato. As fitas serão transcritas no Claves, no Rio de Janeiro, e posteriormente destruídas.

Garantimos que será mantida a CONFIDENCIALIDADE das informações e o ANONIMATO de todos que participarem das entrevistas.

SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, o que significa que você terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento. Contudo, ressaltamos a importância de sua contribuição para a pesquisa.

Não há riscos quanto a sua participação e o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão das relações afetivo-sexuais entre os jovens.

Em caso de qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com a coordenadoras do projeto no CLAVES, situado na Avenida Brasil, 4036, sala 700 – Manguinhos – Rio de Janeiro, ou pelo telefone/fax (0xx) (21) 2290-4893, no horário de 9 às 17 horas ; e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública- CEP / ENSP na Rua Leopoldo Bulhões, 1.480 - Sala 314, Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ / CEP. 21041-210. Tel e Fax - (21) 2598-2863 no horário de 14:00 às 17:00.

CEPI/ENSP - [cep@ense.fiocruz.br](mailto:cep@ense.fiocruz.br)

Drª Maria Cecília de Souza Minayo – [cecilia@claves.fiocruz.br](mailto:cecilia@claves.fiocruz.br)

Drª Simone Gonçalves de Assis - [simone@claves.fiocruz.br](mailto:simone@claves.fiocruz.br)

Dra. Kathie Njaine - [kathie@claves.fiocruz.br](mailto:kathie@claves.fiocruz.br)

Eu \_\_\_\_\_, declaro estar esclarecido(a) sobre os termos apresentados e concordo em participar da pesquisa.



Ministério da Saúde  
 Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ  
 Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP  
 Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde - CLAVES

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA "VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS."**

Prezado(a) diretor(a)

O Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ), pretende desenvolver uma pesquisa sobre as "VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS" sob a coordenação da Dr<sup>a</sup> Maria Cecília de Souza Minayo, da Dr<sup>a</sup> Simone Gonçalves de Assis e da Dr<sup>a</sup> Kathie Njaine.

Este estudo objetiva investigar como os adolescentes de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, vivenciam situações de violência que podem ocorrer nas experiências de namoro (dentre elas o "ficar").

Para tanto, pedimos sua permissão para convidarmos os alunos da 2<sup>a</sup> série do ensino médio (segundo segmento) deste estabelecimento, para participar da pesquisa. As questões que serão abordadas versam sobre relacionamento familiar, namoro, amizade, uso de substâncias, de apoio social e de violência. Por isso pedimos sua permissão para a aplicação de questionários, de aproximadamente uma hora de preenchimento, e para a realização de entrevistas. Solicitamos também autorização para gravação das entrevistas para que possamos ser fiéis aos relatos dos estudantes. As fitas serão transcritas no Claves, no Rio de Janeiro, e posteriormente destruídas.

Garantimos que será mantida a CONFIDENCIALIDADE das informações e o ANONIMATO de todos que participarem da pesquisa.

A PARTICIPAÇÃO do aluno(a) é VOLUNTÁRIA, o que significa que ele(a) terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento.

Não há riscos quanto a participação do aluno(a) e o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão das relações afetivo-sexuais entre os jovens.

Em caso de qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com a coordenadoras do projeto no CLAVES, situado na Avenida Brasil, 4036, sala 700 – Manguinhos – Rio de Janeiro, ou pelo telefone/fax (0xx) (21) 2290-4893, no horário de 9 às 17 horas ; e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública- CEP / ENSP na Rua Leopoldo Bulhões, 1.480 - Sala 314, Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ / CEP. 21041-210. Tel e Fax - (21) 2598-2863 no horário de 14:00 às 17:00.

CEP/ENSP-[cep@ensp.fiocruz.br](mailto:cep@ensp.fiocruz.br).

Dr<sup>a</sup> Maria Cecília de Souza - [cecilia@claves.fiocruz.br](mailto:cecilia@claves.fiocruz.br)

Dr<sup>a</sup> Simone Gonçalves de Assis - [simone@claves.fiocruz.br](mailto:simone@claves.fiocruz.br);

Dra. Kathie Njaine - [kathie@claves.fiocruz.br](mailto:kathie@claves.fiocruz.br)

Eu \_\_\_\_\_, declaro estar esclarecido(a) sobre os termos apresentados e concordo em participar da pesquisa.



## Anexo C – Escala CADRI

Ministério da Saúde  
 Fundação Oswaldo Cruz  
 Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca  
 CLAVES – Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli

ESTE CAMPO SÓ DEVE SER PREENCHIDO PELO CLAVES/FIOCRUZ

Aplicador: _____	Supervisor: _____	Digitador: _____	Revisor: _____
------------------	-------------------	------------------	----------------

**Estimado aluno e aluna,**

Este questionário é sobre algumas experiências que os jovens passam na escola, na família, com os amigos e namorados e namoradas. Ele está sendo aplicado a estudantes de escolas públicas e particulares de dez capitais brasileiras.

As respostas que você irá fornecer servirão para conhecermos melhor as suas experiências de vida e a realidade de sua cidade.

O questionário é **anônimo**, ou seja, **não precisa colocar o seu nome**. Desta forma, você estará protegido e ninguém vai saber que pessoa respondeu cada questionário. Todos os questionários serão guardados pelos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, que fica no Rio de Janeiro, e ninguém da sua escola, da sua família ou da sua cidade terá acesso a eles. Ressaltamos que a sua participação é muito importante para a avaliação do relacionamento e das opiniões dos adolescentes no Brasil.

Também é importante lembrar que no questionário **não existem respostas certas ou erradas**, por isso a sua **sinceridade é que vale na hora de responder**. As perguntas são sempre individuais e dizem respeito apenas a você. Evite pedir ajuda ou fazer comentários com amigos ou colegas durante o questionário.

Leia com atenção cada pergunta e suas opções de resposta. **Não deixe de responder a nenhuma questão. Em cada questão, assinale apenas uma alternativa que considerar a mais apropriada.**

Por tratar de vários temas diferentes, este questionário possui um número extenso de perguntas. Procure respondê-las de forma breve, mas com atenção, para que todas possam ser respondidas.

Lembramos que você não é obrigado a participar da pesquisa e não será prejudicado por isso. No entanto, gostaríamos muito de contar com a sua colaboração. Caso não queira participar, por favor, deixe seu questionário em branco e a guarde os colegas terminarem de responder.

Agradecemos a sua participação!

*Por favor, informe:*

ESCOLA:	CIDADE:
TURMA:	DATA DE HOJE: __/__/____

**ESTE PRIMEIRO BLOCO DE PERGUNTAS QUE VOCÊ VAI RESPONDER BUSCA  
OBTER AS SUAS CARACTERÍSTICAS**

**1. QUAL É O SEU SEXO?**

1.  FEMININO                      2.  MASCULINO

**2. QUAL É A SUA IDADE?**    |\_\_| |\_\_| ANOS

**3. QUAL A COR DA SUA PELE?**

1.  BRANCA              2.  PRETA              3.  PARDA              4.  AMARELA/INDÍGENA

**4. VOCÊ PRÁTICA ALGUMA RELIGIÃO?**

1.  SIM. QUAL? \_\_\_\_\_ (ESCREVA POR EXTENSO)              2.  NÃO

**5. QUAIS PESSOAS MORAM NA MESMA CASA QUE VOCÊ? (MARQUE CADA UMA DAS PERGUNTAS)**

5a. Pai	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5b. Mãe	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5c. Padrasto	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5d. Madrasta	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5e. Avós	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5f. Irmãos	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5g. Amigos/colegas	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5h. Marido/esposa	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5i. Moro sozinho	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
5j. Outros parentes	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO

**6. VOCÊ TEM IRMÃOS?**

1.  NÃO TENHO  
 2.  SIM. TODOS SÃO FILHOS DO MEU PAI E DA MINHA MÃE.  
 3.  SIM. TENHO IRMÃOS DE DIFERENTES CASAMENTOS DO MEU PAI OU DA MINHA MÃE.

**7. QUAL A ESCOLARIDADE DOS SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS?**

7a. Pai / Responsável	1. <input type="checkbox"/> NÃO SABE LER E ESCRIVER	6. <input type="checkbox"/> SUPERIOR INCOMPLETO
	2. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	7. <input type="checkbox"/> SUPERIOR COMPLETO
	3. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	8. <input type="checkbox"/> NÃO SEI
	4. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	9. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
	5. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO COMPLETO.	
7b. Mãe / Responsável	1. <input type="checkbox"/> NÃO SABE LER E ESCRIVER	6. <input type="checkbox"/> SUPERIOR INCOMPLETO
	2. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	7. <input type="checkbox"/> SUPERIOR COMPLETO
	3. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	8. <input type="checkbox"/> NÃO SEI
	4. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	9. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
	5. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO COMPLETO.	

## 8. QUANTOS DE CADA ITEM ABAIXO A SUA CASA POSSUI? (SE NÃO TIVER, ANOTAR 0)

8a. ASPIRADOR DE PÓ	_____ (QUANTIDADE)
8b. AUTOMÓVEL	_____ (QUANTIDADE)
8c. BANHEIRO	_____ (QUANTIDADE)
8d. EMPREGADA DOMÉSTICA MENSALISTA OU DIARISTA	_____ (QUANTIDADE)
8e. GELADEIRA SEM FREEZER	_____ (QUANTIDADE)
8f. GELADEIRA DUPLEX OU FREEZER	_____ (QUANTIDADE)
8g. MÁQUINA DE LAVAR ROUPAS	_____ (QUANTIDADE)
8h. RÁDIO	_____ (QUANTIDADE)
8i. TELEVISÃO (CORES)	_____ (QUANTIDADE)
8j. VIDEO CASSETE/DVD	_____ (QUANTIDADE)

## 9. VOCÊ TRABALHA ATUALMENTE?

1.  SIM, RECEBENDO SALÁRIO/REMUNERAÇÃO  
 2.  SIM, MAS NÃO RECEBO SALÁRIO/REMUNERAÇÃO  
 3.  NÃO

**CADA PESSOA TEM UMA FORMA DIFERENTE DE PENSAR SOBRE SI MESMO E DE AGIR. AS QUESTÕES QUE SE SEQUEM A BORDAM OS ASPECTOS DA SUA RELAÇÃO COM VOCÊ MESMO, COM SEU CORPO, COM SEUS SENTIMENTOS, SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA E SUAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO SEU FUTURO.**

## 10. No conjunto, eu estou satisfeito comigo.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 11. As vezes, eu acho que não presto para nada.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 12. Eu sinto que eu tenho várias boas qualidades

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 13. Eu sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 14. Eu sinto que não tenho muito do que me orgulhar.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 15. Eu, com certeza, me sinto inútil as vezes.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 16. Eu sinto que sou uma pessoa de valor, pelo menos do mesmo nível que as outras pessoas.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 17. Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 18. No geral, eu estou inclinado a sentir que sou um fracasso.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

## 19. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.

1.  CONCORDO TOTALMENTE    2.  CONCORDO    3.  DISCORDO    4.  DISCORDO TOTALMENTE

**20. VOCÊ ACHA QUE VAI CONSEGUIR:**

20a. Terminar os estudos	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> TALVEZ	3. <input type="checkbox"/> NÃO	4. <input type="checkbox"/> NÃO SEI RESPONDER
20b. Achar um emprego	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> TALVEZ	3. <input type="checkbox"/> NÃO	4. <input type="checkbox"/> NÃO SEI RESPONDER
20c. Progredir no trabalho	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> TALVEZ	3. <input type="checkbox"/> NÃO	4. <input type="checkbox"/> NÃO SEI RESPONDER

**21. VOCÊ JÁ SE APAIXONOU POR ALGUÉM?**

1.  SIM, NA MAIORIA DAS VEZES QUE ME APAIXONEI FUI CORRESPONDIDO (A)  
 2.  SIM, NA MAIORIA DAS VEZES QUE ME APAIXONEI NÃO FUI CORRESPONDIDO (A)  
 3.  NUNCA ME APAIXONEI.

**22. COM QUANTOS PARENTES VOCÊ SE SENTE À VONTADE E PODE FALAR SOBRE QUASE TUDO? (SE FOR O CASO, INCLUA MARIDO/ESPOSA, COMPANHEIRO(A) OU FILHOS NESTA RESPOSTA)**

1. \_\_\_ PARENTES (número de parentes) 2.  NENHUM

**23. COM QUANTOS AMIGOS VOCÊ SE SENTE À VONTADE E PODE FALAR SOBRE QUASE TUDO? (NÃO INCLUA NESTA RESPOSTA MARIDO/ESPOSA, COMPANHEIRO(A) E OUTROS PARENTES)**

1. \_\_\_ AMIGOS (número de amigos) 2.  NENHUM

**24. NO ÚLTIMO ANO VOCÊ PARTICIPOU DE ATIVIDADES ESPORTIVAS EM GRUPO (FUTEBOL, VÔLEI, BASQUETE E OUTROS) OU ATIVIDADES ARTÍSTICAS EM GRUPO? (GRUPO MUSICAL, CORAL, ARTES PLÁSTICAS E OUTRAS)**

1.  SIM  
 2.  NÃO (VÁ PAR A QUESTÃO 25)

**24A. SE SIM, COM QUE FREQUÊNCIA?**

1.  MAIS DE UMA VEZ POR SEMANA  
 2.  1 VEZ POR SEMANA  
 3.  2 A 3 VEZES POR SEMANA  
 4.  ALGUMAS VEZES NO ANO  
 5.  UMA VEZ AO ANO

**25. DE UM ANO PARA CÁ, VOCÊ:**

25a. Tomou alguma bebida alcoólica até se embriagar ou sentir-se bêbado (ficou de "pome")?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25b. Usou maconha?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25c. Usou cocaína, "crack" ou "ecstasy"?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25d. Usou remédio para emagrecer	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25e. Tranquilizante ou calmante	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
25f. Anabolizantes ("bomba" para ficar forte)	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA

**AS QUESTÕES QUE SE SEGUEM ABORDAM A SUA RELAÇÃO COM OS SEUS AMIGOS E COLEGAS.****26. VOCÊ TEM AMIGOS (DO SEXO MASCULINO)?**

1.  MUITOS 2.  POUCOS 3.  NÃO TENHO

**27. VOCÊ TEM AMIGAS (DO SEXO FEMININO)?**

1.  MUITAS 2.  POUCAS 3.  NÃO TENHO

**28. COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM OS SEUS AMIGOS E COLEGAS?**

1.  BOM 2.  REGULAR 3.  RUIM 4.  NÃO TENHO AMIGOS

**29. VOCÊ DEFENDE SUAS IDÉIAS E OPINIÕES COM SEUS AMIGOS/COLEGAS?**

1.  SEMPRE 2.  MUITAS VEZES 3.  POUCAS VEZES 4.  NUNCA 5.  NÃO TENHO AMIGOS

**30. NO CONVÍVIO COM SEU GRUPO DE AMIGOS, VOCÊS COSTUMAM RESOLVER OS CONFLITOS:**

30a. Conversando	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO AMIGOS
30b. Xingando uns aos outros	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO AMIGOS
30c. Humilhando uns aos outros	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO AMIGOS
30d. Batendo ou empurrando uns aos outros	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO AMIGOS

**AS QUESTÕES QUE SE SEGUEM ABORDAM ALGUNS ASPECTOS DA SUA VIDA ESCOLAR E DO LUGAR EM QUE VOCÊ VIVE.****31. QUE TIPO DE ALUNO VOCÊ É?**

31a. Em relação às notas escolares	1. <input type="checkbox"/> ÓTIMO	2. <input type="checkbox"/> BOM	3. <input type="checkbox"/> REGULAR	4. <input type="checkbox"/> FRACO
31b. Em relação a sua participação na escola (perguntar, fazer atividades, participar em grupos estudantis, artísticos, esportivos e grêmios).	1. <input type="checkbox"/> ÓTIMO	2. <input type="checkbox"/> BOM	3. <input type="checkbox"/> REGULAR	4. <input type="checkbox"/> FRACO

**32. COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM OS SEUS PROFESSORES?**

1.  BOM                                      2.  REGULAR                                      3.  RUIM

**33. NO ÚLTIMO ANO, ALGUMA VEZ: (RESPONDA SEPARADAMENTE CADA PERGUNTA PARA ESCOLA E LOCAL ONDE MORA)**

	(a) NA SUA ESCOLA	(b) NO LOCAL ONDE MORA (NA SUA COMUNIDADE)
33a. Alguém humilhou você?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
33b. Alguém ameaçou você?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
33c. Você foi agredido(a) por alguém de forma forte o bastante que precisasse de curativos ou ir ao médico?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
33d. Alguém danificou, de propósito, alguma coisa sua (como roupa, livros, relógio)?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
33e. Você andou/conviu com pessoas que carregam armas de fogo (revólver, outros)?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
33f. Você andou/conviu com pessoas que carregam armas brancas (facas, canivetes, punhal)?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
33g. Alguém furtou de você algum objeto sem que você visse?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
33h. Alguém tirou à força dinheiro ou alguma coisa de você?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO

**34. NO ÚLTIMO ANO, VOCÊ PRATICOU ALGUM DESSES ATOS?**

	SIM	NÃO
34a. Falsificou a assinatura de alguém em algum documento (boletins ou advertências disciplinares, data de nascimento em carteira de estudante)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34b. Danificou coisas de propósito (carteiras escolares, vidraças, telefones, pichou paredes, riscou carros, quebrou objetos domésticos, lâmpadas de poste)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34c. Agrediu alguém de forma forte o bastante para que esta pessoa precisasse de curativos ou ir ao médico	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34d. Humilhou alguém, mostrando-se superior, debochando, esnobando, ridicularizando o outro.	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>

34e. Tomou parte de uma briga na qual um grupo de amigos seus lutou contra outro grupo.	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34f. Portou arma de fogo (revólver, outros)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34g. Portou arma branca (faca, canivete, punhal)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34h. Pegou algum objeto de alguém sem que essa pessoa soubesse.	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
34i. Pegou algum objeto de alguém à força.	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>

**35. NO ÚLTIMO ANO VOCE VIU (TESTEMUNHOU) ALGUÉM...**

35a. Puxando fumo/usando drogas	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35b. Ser agredido fisicamente	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35c. Vendendo/comprando drogas	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35d. Sendo preso	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35e. Ter a casa arrombada	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35f. Ser roubado a mão armada	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35g. Puxar uma arma para outro	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35h. Levar um tiro	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35i. Uma pessoa ser morta	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35j. Viu o corpo de alguém assassinado	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35k. Ser estapeado	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
35l. Ser seqüestrado	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO

**36. COMO VOCE CONSIDERA ESSES ATOS?**

36a. Namorada humilhar namorado	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36b. Namorado humilhar namorada	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36c. Namorada agredir namorado	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36d. Namorado agredir namorada	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36e. Pancadaria entre casais	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36f. Agredir prostitutas	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
36g. Agredir homossexuais	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE

**37. NA SUA OPINIÃO:**

37a. Um garoto tem direito de agredir outro que esteja dando em cima de sua namorada	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO	2. <input type="checkbox"/> DISCORDO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO OPINIÃO SOBRE ISSO
37b. Uma garota tem direito de agredir outra que esteja dando em cima de seu namorado	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO	2. <input type="checkbox"/> DISCORDO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO OPINIÃO SOBRE ISSO
37c. Se um garoto foi infiel a sua namorada, ele merece apanhar.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO	2. <input type="checkbox"/> DISCORDO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO OPINIÃO SOBRE ISSO
37d. Se uma garota foi infiel ao seu namorado, ela merece apanhar.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO	2. <input type="checkbox"/> DISCORDO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO OPINIÃO SOBRE ISSO

**AS PRÓXIMAS QUESTÕES FALAM SOBRE A SUA OPINIÃO E SUAS EXPERIÊNCIAS COM NAMORADOS, NAMORADAS OU PESSOAS COM QUEM TEM "FICADO".**

**38. MARQUE O ITEM QUE SE APLICA A VOCÊ:**

1.  Eu nunca fiquei nem namorei  
 2.  Eu já comecei a "ficar"/ namorar e/ou tive um namorado(a).

**39. VOCÊ JÁ NAMOROU OU "FICOU" COM:**

1.  MENINAS 2.  MENINOS 3.  AMBOS (MENINOS E MENINAS) 4.  NUNCA NAMOREI OU "FIQUEI" COM NINGUÉM

**40. EM QUE IDADE VOCÊ COMEÇOU A "FICAR"?**

1. \_\_\_\_\_ ANOS 2.  NUNCA "FIQUEI" COM NINGUÉM

**41. COM QUANTAS PESSOAS VOCÊ JÁ "FICOU" ATÉ HOJE?**

1. \_\_\_\_\_ PESSOAS 2.  NUNCA "FIQUEI" COM NINGUÉM

**42. EM QUE IDADE VOCÊ COMEÇOU A TER NAMORADOS (AS)?**

1. \_\_\_\_\_ ANOS 2.  NUNCA NAMOREI NINGUÉM

**43. COM QUANTAS PESSOAS VOCÊ JÁ NAMOROU ATÉ HOJE?**

1. \_\_\_\_\_ PESSOAS 2.  NUNCA NAMOREI NINGUÉM

**44. DE UM ANO PARA CÁ, MARQUE OS TIPOS DE RELAÇÕES DE "FICAR" / NAMORAR QUE VOCÊ TEM OU TEVE. (MARQUE CADA UMA DAS PERGUNTAS)**

<b>44a.</b> SAIR EM GRUPOS DE AMIGOS PARA PAQUERAR OU AZARAR	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
<b>44b.</b> "FICAR" COM UMA PESSOA SEM COMPROMISSO	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
<b>44c.</b> "FICAR"/ NAMORAR COM PESSOAS DIFERENTES	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
<b>44d.</b> "FICAR"/ NAMORAR COM UMA PESSOA EXCLUSIVAMENTE	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
<b>44e.</b> NOIVADO OU CASAMENTO	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

**Pense em uma pessoa com quem você "fica" ou namora atualmente ou no mais recente ex-namorado(a). TODAS AS PRÓXIMAS QUESTÕES SERÃO SOBRE ESSA PESSOA.**

**45. INFORME EM QUE PESSOA VOCÊ ESTÁ PENSANDO AO RESPONDER AS PRÓXIMAS QUESTÕES:**

1.  EU ESTOU PENSANDO EM ALGUÉM QUE ESTOU NAMORANDO OU FICANDO ATUALMENTE.  
 2.  EU ESTOU PENSANDO NA ÚLTIMA PESSOA COM QUEM NAMOREI OU FIQUEI.  
 3.  EU ESTOU PENSANDO EM ALGUÉM DE QUEM ESTOU NOIVO OU COM QUEM SOU CASADO.  
 4.  EU ESTOU PENSANDO EM ALGUÉM COM QUEM ESTIVE NOIVO OU CASADO.  
 5.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI.

**46. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, QUAL É A IDADE DELA?**

1. \_\_\_\_\_ ANOS 2.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**47. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, QUANTO TEMPO DURA OU DUROU ESTE RELACIONAMENTO? (ESCOLHA APENAS UMA DAS OPÇÕES)**

1.  MENOS DE UMA SEMANA  
 2.  ENTRE 1 SEMANA E 1 MÊS  
 3.  ENTRE 1 MÊS E 6 MESES  
 4.  6 MESES E 11 MESES  
 5.  ENTRE 1 E 2 ANOS  
 6.  3 ANOS A 7 ANOS  
 7.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**48. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊS COSTUMAM OU COSTUMAVAM BRIGAR?**

1.  SEMPRE  
 2.  MUITAS VEZES  
 3.  POUCAS VEZES  
 4.  NUNCA  
 5.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**49. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, O QUE FAZ OU FAZIA VOCÊS BRIGAREM?**

1. \_\_\_\_\_ 2.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI.

**50. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, O QUANTO ELA É OU ERA IMPORTANTE PARA VOCÊ?**

1.  NÃO MUITO IMPORTANTE.  
 2.  UM POUCO IMPORTANTE.  
 3.  IMPORTANTE.  
 4.  MUITO IMPORTANTE  
 5.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**51. EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU, INFORME:**

1.  SE ELA É UM EX-NAMORADO(A) OU UM(A) "EX-FICANTE", POR QUE VOCÊS TERMINARAM? \_\_\_\_\_  
 2.  AINDA ESTOU JUNTO COM ELE OU ELA  
 3.  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**52. À PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 52aA A 52aIb DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.**

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO  
 SEMPRE = ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO  
 AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO  
 RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

52aa. Eu justifiquei os meus argumentos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ab. Ele/Ela justificou os seus argumentos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ba. Eu via toquei sexualmente quando ele/ela não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52bb. Ele/Ela me tocou sexualmente quando eu não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ca. Eu tentei virar seus amigos contra ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52cb. Ele/Ela tentou virar meus amigos contra mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52da. Eu fiz algo para provocar ciúmes nele/nela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52db. Ele/Ela fez algo para me fazer ciúmes	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ea. Eu destruí ou ameacei destruir algo de valor para ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52eb. Ele/Ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

(CONTINUAÇÃO)... A PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCE E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 52aa A 52ab DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO  
 SEMPRE = ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO  
 AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO  
 RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

52fa.	Eu disse a ele/ela que eu tinha parte da culpa	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52fb.	Ele/Ela disse a mim que ele/ela tinha parte da culpa	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52qa.	Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52qb.	Ele/Ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52ha.	Eu joguei algo nele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52hb.	Ele/Ela jogou algo em mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52ia.	Eu disse coisas somente para deixá-lo (a) com raiva	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52ib.	Ele/Ela disse coisas somente para me deixar com raiva	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52ja.	Eu dei as razões pelas quais eu achava que ele/ela estava errado(a).	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52jb.	Ele/Ela deu as razões pelas quais ele/ela achava que eu estava errado(a).	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52ka.	Eu concordei que em parte ele/ela estava certo	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52kb.	Ele/Ela concordou que em parte eu estava certo(a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52la.	Eu falei com ele/ela em um tom de voz hostil ou maldoso	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52lb.	Ele/Ela falou comigo em um tom de voz hostil ou maldoso	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52ma.	Eu forcei ele(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52mb.	Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52na.	Eu propus uma solução que eu pensei que faria nós dois felizes	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52nb.	Ele/Ela propôs uma solução que ele/ela pensou que faria nós dois felizes	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52oa.	Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52ob.	Ele/Ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52pa.	Eu parei de falar até que nós nos acalmássemos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA
52pb.	Ele/Ela parou de falar até que nós nos acalmássemos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMORA

(CONTINUAÇÃO)... A PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCE E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 52aa A 52ab DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO
SEMPRE = ACONTECEU 5 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO
AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO
RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

52qa. Eu insultei ele/ela com deprecições	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52qb. Ele/Ela me insultou com deprecições	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ra. Eu discuti o assunto calmamente	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52rb. Ele/Ela discutiu o assunto calmamente	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52sa. Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52sb. Ele/Ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ta. Eu disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos, para virá-los contra ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52tb. Ele/Ela disse coisas sobre mim aos meus amigos, para virá-los contra mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ua. Eu ridicularizei ou caçoei ele/ela na frente dos outros	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ub. Ele/Ela me ridicularizou ou me caçoou na frente dos outros	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52va. Eu disse a ele/ela o quanto eu estava aborrecida (o)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52vb. Ele/Ela me disse o quanto ele/ela estava aborrecido (a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52wa. Eu vigiava com quem e onde ele/ela estava	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52wb. Ele/Ela vigiava com quem e onde eu estava	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52xa. Eu culpei ele/ela pelo problema	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52xb. Ele/Ela me culpou pelo problema	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ya. Eu bati, chutei ou dei um soco nele(a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52yb. Ele/Ela me bateu, chutou ou deu um soco	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52za. Eu deixei o local para me acalmar	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52zb. Ele/Ela deixou o local para se acalmar	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aaa. Eu cedi, só para evitar o conflito.	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52aab. Ele/Ela cedeu, só para evitar o conflito.	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

(CONTINUAÇÃO)... A PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCE E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 529a A 529d DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO  
 SEMPRE = ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO  
 AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO  
 RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

529a. Eu acusei ele/ela de paquerar outra(o) garota(o)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529b. Ele/Ela me acusou de paquerar outro(a) garoto(a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529c. Eu tentei amedrontar ele/ela de propósito	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529d. Ele/Ela tentou me amedrontar de propósito	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529e. Eu dei um tapa nele/hela ou puxei o cabelo dele(a).	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529f. Ele/Ela me deu um tapa ou puxou o meu cabelo.	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529g. Eu ameacei machucar ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529h. Ele/Ela ameaçou me machucar	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529i. Eu ameacei terminar o relacionamento	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529j. Ele/Ela ameaçou terminar o relacionamento	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529k. Eu ameacei bater nele(a) ou jogar alguma coisa nele(a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529l. Ele/Ela ameaçou bater em mim ou jogar alguma coisa em mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529m. Eu empurrei ou sacudi ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529n. Ele/Ela me empurrou ou me sacudiu	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529o. Eu espalhei boatos sobre ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
529p. Ele/Ele espalhou boatos sobre mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

53. Você JA SOFREU AGRESSÃO DE OUTROS NAMORADOS(AS) OU PESSOA COM QUEM "FICOU" DURANTE A SUA VIDA, QUE NÃO SEJA AQUELA PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU NA QUESTÃO 45?

53a. AGRESSÃO verbal	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI
53b. AGRESSÃO física	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI
53c. AGRESSÃO sexual	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI

54. Você já AGREDIU OUTROS namorados(as) ou pessoas com quem "ficou" durante a sua vida, que não seja aquela pessoa que você escolheu na questão 45?

54a. AGRESSÃO verbal	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI
54b. AGRESSÃO física	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI
54c. AGRESSÃO sexual	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA NAMOREI NEM FIQUEI

55. VOCÊ JÁ PRECISOU PROCURAR AJUDA PROFISSIONAL POR CAUSA DE ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA CAUSADA POR PESSOAS COM QUEM VOCÊ NAMOROU OU FICOU?

1.  SIM, DEVIDO A QUEIXAS/PROBLEMAS FÍSICOS.
2.  SIM, DEVIDO A QUEIXAS/PROBLEMAS EMOCIONAIS.
3.  SIM, AMBOS
4.  NÃO
5.  NUNCA FIQUEI/NEM NAMOREI

56. QUE TIPO DE AJUDA VOCÊ PROCUROU?

1.  PROFISSIONAIS DE SAÚDE
2.  PROFESSORES
3.  RELIGIOSOS
4.  AMIGOS
5.  FAMILIARES
6.  OUTROS    QUAIS? \_\_\_\_\_
7.  NÃO PROCUREI OU NUNCA FIQUEI/NEM NAMOREI

57. COMO FOI A AJUDA QUE VOCÊ RECEBEU?

1.  EXCELENTE
2.  BOA
3.  REGULAR
4.  RUIM
5.  NÃO PROCUREI/ NÃO RECEBI AJUDA

58. QUEM VOCÊ ACHA MAIS INDICADO PARA AJUDAR O ADOLESCENTE E O JOVEM NESSAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO NAMORO/FICAR?

1.  PROFISSIONAIS DE SAÚDE
2.  PROFESSORES
3.  RELIGIOSOS
4.  AMIGOS
5.  FAMILIARES
6.  OUTROS    QUAIS? \_\_\_\_\_

59. ALGUMA VEZ NA SUA VIDA, VOCÊ JÁ FICOU TÃO TRISTE E SEM ESPERANÇA NO FUTURO, POR CAUSA DE UM RELACIONAMENTO AMOROSO, QUE CHEGOU A PENSAR SERIAMENTE EM SE MATAR?

1.  SIM
2.  NÃO

60. NO ÚLTIMO ANO, VOCÊ TEVE ALGUMA AULA/PALESTRA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL EM SUA ESCOLA?

1.  SIM.
2.  NÃO (VÁ PARA A QUESTÃO 61)

60A. CASO POSITIVO, DE QUANTO EM QUANTO TEMPO VOCÊ RECEBEU AULA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL?

1.  ALGUMAS VEZES POR SEMANA
2.  UMA VEZ POR SEMANA
3.  ALGUMAS VEZES POR MÊS
4.  UMA VEZ POR MÊS
5.  MENOS DE UMA VEZ POR MÊS

60B. CASO POSITIVO, QUEM DEU A AULA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL QUE VOCÊ RECEBEU? (MARQUE TODAS AS OPÇÕES QUE SE APUQUE):

1.  PROFESSOR DE CIÊNCIA/BIOLOGIA
2.  PROFESSOR DE ESTUDOS SOCIAIS
3.  PROFESSOR GERAL (DE OUTRA MATÉRIA)
4.  DIRETORIA DA ESCOLA
5.  UMA PESSOA DE FORA/PROFESSOR CONVIDADO
6.  Outro: \_\_\_\_\_

61. No último ano, você recebeu alguma orientação sobre sexualidade fora da escola?

1.  SIM. → 2.  NÃO (VÁ PARA A QUESTÃO 62)

61A. CASO POSITIVO, ONDE OU DE QUEM VOCÊ RECEBEU ESTAS ORIENTAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE? (marque todas as opções que se aplique):

1.  POSTO SAÚDE/CLÍNICA/HOSPITAL  
 2.  COMUNIDADE (PROJETOS SOCIAIS, ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, ETC.)  
 3.  IGREJA  
 4.  AMIGOS  
 5.  FAMÍLIA  
 6.  TELEVISÃO  
 7.  REVISTAS  
 8.  JORNAIS  
 9.  OUTROS: \_\_\_\_\_

62. Você já transou alguma vez em sua vida?

1.  SIM. IDADE DA 1ª VEZ \_\_\_\_\_ com quantas pessoas? \_\_\_\_\_ 2.  NUNCA TRANSEI

63. No último ano, com quantas pessoas você transou?

1.  NENHUMA 2.  UMA PESSOA 3.  2 A 5 PESSOAS 4.  6 OU MAIS PESSOAS

64. Você já transou com:

1.  MENINAS/MULHERES 2.  MENINOS/HOMENS 3.  AMBOS 4.  NUNCA TRANSEI

65. Hoje em dia, nas suas relações você transa:

1.  APENAS COM UM PARCEIRO OU PARCEIRA FIXO (A)  
 2.  COM PARCEIROS NÃO FIXOS  
 3.  COM UM PARCEIRO OU PARCEIRA FIXO (A) E COM PARCEIROS NÃO FIXOS  
 4.  NUNCA TRANSEI

66. Você ou seu parceiro(a) atual (ou último ex-parceiro(a)) usam camisinha quando transam?

1.  SEMPRE 2.  MUITAS VEZES 3.  POUCAS VEZES 4.  NUNCA USAMOS CAMISINHA 5.  NUNCA TRANSEI

67. Você já teve alguma doença sexualmente transmissível (doenças transmitidas nas relações sexuais)?

1.  SIM. QUAL/QUAIS? \_\_\_\_\_ 2.  NÃO

68. Quais cuidados que você tem para não pegar doenças sexualmente transmissíveis?

68a. Só uso camisinha quando transo com pessoas que não conheço bem	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA TIVE RELAÇÃO SEXUAL
68b. Só transo usando ou se meu parceiro usar camisinha.	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA TIVE RELAÇÃO SEXUAL
68c. Não me preocupo tanto porque não é tão fácil assim pegar doenças	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NUNCA TIVE RELAÇÃO SEXUAL

69. Você já engravidou (se você for garota) ou sua namorada já engravidou de você (se você for garoto)?

1.  SIM, 1 VEZ  
 2.  SIM, MAIS DE 1 VEZ  
 3.  NÃO  
 4.  NUNCA TRANSEI

70. Se você (ou sua namorada) já engravidou, optou pelo aborto?

1.  SIM, UMA VEZ  
 2.  SIM, MAIS DE UMA VEZ  
 3.  NÃO  
 4.  NUNCA ENGRAVIDEI. NEM A PESSOA QUE NAMOREI/“FIQUEI” FICOU GRÁVIDA DE MIM  
 5.  NUNCA TRANSEI

## 71. VOCÊ TEM FILHOS?

- 1.
- 
- SIM. QUANTOS? \_\_\_\_\_ 2.
- 
- NÃO

## 72. VOCÊ DEFENDE SUAS IDÉIAS E OPINIÕES COM PESSOAS COM QUEM "FICA" OU NAMORA?

- 1.
- 
- SEMPRE 2.
- 
- MUITAS VEZES 3.
- 
- POUCAS VEZES 4.
- 
- NUNCA 5.
- 
- NUNCA

FIGUEI/NAMOREI

## 73. NA SUA RELAÇÃO COM AS PESSOAS QUE "FICA" OU NAMORA VOCÊ AJUDA PARA QUE HAJA ENTRE VOCÊS DOIS:

73a. Diálogo	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIGUEI" NEM NAMOREI
73b. Respeito	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIGUEI" NEM NAMOREI

**O ÚLTIMO BLOCO DE QUESTÕES ABORDA ASPECTOS DO SEU RELACIONAMENTO  
COM SUA FAMÍLIA.**

## 74. COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM AS PESSOAS DA SUA FAMÍLIA?

74a. Pai/Responsável	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
74b. Mãe/Responsável	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO MÃE/RESPONSÁVEL
74c. Irmãos	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO IRMÃOS

## 75. EM SUA FAMÍLIA, VOCÊ CONTRIBUI PARA QUE AS PESSOAS POSSAM TER ENTRE ELAS:

75a. Diálogo	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO FAMÍLIA
75b. Respeito	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO FAMÍLIA

## 76. VOCÊ E SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS CONVERSAM ABERTAMENTE SOBRE:

76a. Sexo	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS
76b. Drogas	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS
76c. Suas amizades	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS
76d. Seus namoros	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO	3. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS

## 77. QUANDO VOCÊ SAI DE CASA COM AMIGOS, GERALMENTE: (MARQUE APENAS UM ITEM)

1.  SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS DIZEM A VOCÊ A HORA DE VOLTAR PRA CASA
2.  VOCÊ VOLTA PRA CASA A HORA QUE QUISER
3.  VOCÊ E SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS COMBINAM A HORA DE VOCÊ VOLTAR PRA CASA
4.  NUNCA SAIO SEM MEUS FAMILIARES
5.  NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS

## 78. QUANDO VOCÊ SAI DE CASA, COM QUE FREQUÊNCIA SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS SABEM AONDE VOCÊ VAI E COM QUEM VOCÊ ESTÁ?

- 1.
- 
- SEMPRE 2.
- 
- MUITAS VEZES 3.
- 
- POUCAS VEZES 4.
- 
- NUNCA 5.
- 
- NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS

*As próximas questões abordam agressões que às vezes sofremos e sobre a forma como as pessoas que moram ou convivem com você resolvem os desentendimentos do dia a dia. Em qualquer ambiente, tem horas em que as pessoas discordam, ficam irritadas ou brigam por estarem de mau-humor, cansadas ou por qualquer outra razão.*

## 79. OS IRMÃOS QUASE SEMPRE BRIGAM E DISCUTEM NO DIA-A-DIA. VOCÊ E SEUS IRMÃOS BRIGAM MUITO ENTRE SI...

79a. A ponto de se machucarem?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS
79b. Xingando um ao outro?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS
79c. Humilhando um ao outro?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS

**80. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, NOS MOMENTOS DE DISCUSSÕES E BRIGAS ENTRE VOCÊ E SUA MÃE/RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO, COMO ELA REAGIU?**

<b>80a. Discutiu o problema calmamente com você</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80b. Procurou conseguir informações para conhecer melhor o modo de você pensar</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80c. Trouxe, ou tentou trazer alguém para ajudar a acalmar as coisas</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80d. Xingou ou insultou você</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80e. Ficou emburrada. Não falou mais do assunto</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80f. Retirou-se do quarto, da casa ou da área.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80g. Chorou.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80h. Fez ou disse coisas só para irritar.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80i. Ameaçou bater ou jogar coisas em você</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80j. Destruiu, bateu, jogou ou chutou objetos.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80k. Jogou coisas sobre você.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80l. Empurrou ou agarrou você</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80m. Deu tapa ou bofetada em você</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80n. Chutou, mordeu ou deu murro em você.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80o. Bateu ou tentou bater em você com objetos.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80p. Espancou você.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80q. Queimou, estrangulou ou sufocou você.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80r. Ameaçou você com faca ou arma.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA
<b>80s. Usou faca ou arma contra você.</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELA

**81. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, NOS MOMENTOS DE DISCUSSÃO E BRIGAS ENTRE VOCÊ E SEU PAI/RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO, COMO ELE REAGIU?**

<b>81a. Discutiu o problema calmamente com você</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELE
<b>81b. Procurou conseguir informações para conhecer melhor o modo de você pensar:</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVI COM ELE



85. SE VOCÊ QUISER, pode usar as linhas abaixo para escrever alguma coisa que você ache importante sobre você e sobre sua vida:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

*MUITO OBRIGADO PELA SUA  
PARTICIPAÇÃO!*

Se você quiser esclarecer dúvidas quanto às questões abordadas  
no questionário, o número do nosso telefone é (21) 2290-4893.